

PUCRS

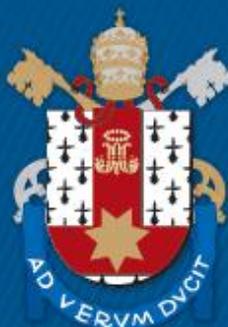
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

FERNANDO LUIZ BOLFE

**A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS
PREPARATÓRIOS AOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS (1985-2018)**

Porto Alegre
2020

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FERNANDO LUIZ BOLFE

**A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS
PREPARATÓRIOS AOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS (1985-2018)**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades de Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio
Brustolin

Porto Alegre
2020

FERNANDO LUIZ BOLFE

**A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS
PREPARATÓRIOS AOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS (1985-2018)**

Dissertação apresentada à Escola de Humanidades de Teologia Sistemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Leomar Antônio
Brustolin

Aprovada em ____ de ____ de _____, pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Leomar Antônio Brustolin – PUCRS

Prof. Dr. Rafael Martins Fernandes - PUCRS

Prof. Dr. Anésio Ferla - ESTEF

AGRADECIMENTOS

Ação de graças a Deus, Pai amoroso e misericordioso, que por Jesus Cristo, modelo de humanidade, chamou-me à vocação presbiteral, apesar de minhas limitações e fragilidades. Obrigado Senhor, pela proposta de um processo contínuo de amadurecimento humanoafetivo.

Agradeço aos meus familiares pelo incentivo, encorajamento, oração e acima de tudo, pelas lições de amor e amizade que recebi desde a infância.

Ao orientador professor Doutor Dom Leomar Antônio Brustolin, bispo, pai, amigo e professor, pela sensibilidade, paciência e sabedoria transmitida na realização dessa pesquisa.

Aos professores e colegas do Mestrado em Teologia da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica), por compartilharem ensinamentos e experiências de vida, laços de amizade e companheirismo que fizeram-me crescer em humanidade.

Obrigado à diocese de Cachoeira do Sul, pela oportunidade de aprofundar o conhecimento teológico na área da formação presbiteral. Ao povo fiel da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, aos seminaristas e funcionários do Seminário Menor Monsenhor Armando Teixeira que compreenderam minha ausência e rezaram por mim.

Agradeço a todo o presbitério, especialmente, ao Administrador Diocesano Monsenhor Elcy Arboitte e ao bispo Dom Edson Batista de Melo que acolheram e compreenderam o pedido de afastamento de minhas funções pastorais para dedicar-me aos estudos. A Dom Remídio José Bohn (*in memoriam*) que mesmo convalescente, apoiou e incentivou-me a continuar os estudos. Ação de graças também aos colegas padres que assumiram, na minha ausência, as diversas frentes de missão: No Seminário Menor, obrigado Pe. Grégori Lopes Siqueira. Na Catedral, obrigado Pe. Jorge Antônio Hudson. No Movimento de Emaús, obrigado Pe. Edson Pereira. Na Pastoral Presbiteral, obrigado Pe. Rudinei Lasch. No Santuário, Maria Mãe do Redentor, obrigado Pe. Hélivio Luís Cândido.

Muito obrigado ao Santuário Nossa Senhora Aparecida, de Ipanema, Porto Alegre-RS, na pessoa do Pe. Rodrigo Wegner, pela amizade e acolhida, durante o ano de 2018.

Ação de graças à Congregação das Irmãs Franciscanas Bernardinas, na pessoa da Ir. Acélia Maria Stertz, ministra provincial, e da Ir. Elisangela Pereira Machado, pelo carinho e hospitalidade na Casa Provincial durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2019.

Muito obrigado à Ir. Joanire Souza Pinto, pela correção e revisão textual, pela partilha, paciência e sugestões.

Gratidão à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudos que oportunizou a realização desta dissertação.

RESUMO

A presente dissertação tem como tema “A dimensão humanoafetiva do presbítero nos instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros – ENPs, no Brasil”. Objetiva-se, constatar as incidências e ausências dos aspectos referentes à dimensão humanoafetiva contidas nos subsídios preparatórios aos ENPs entre 1985 e 2018. Pretende-se também estudar as principais categorias da temática à luz da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério Eclesial. O método utilizado neste estudo é o analítico, baseado na pesquisa bibliográfica. Nos resultados, identifica-se que a dimensão humanoafetiva é o alicerce de toda formação presbiteral, por isso, temas como identidade, afetividade, sexualidade, celibato dentre outros, necessitam ser estudados e aprofundados. O acompanhamento psicológico e pedagógico é indispensável na formação dos futuros presbíteros para identificar, tratar e auxiliar no autoconhecimento e no discernimento vocacional. A realidade sociocultural atual marcada pelo secularismo, relativismo, hedonismo e subjetivismo, somada à enorme demanda pastoral e o escasso número de vocações provocam no presbítero crise de identidade e o esgotamento físico, psíquico e espiritual. Consequência disso, a vida dupla, a infidelidade, e até mesmo, o abandono do ministério presbiteral. A Pastoral Presbiteral tem a missão de cuidar dos presbíteros, através do incentivo da fraternidade e da comunhão no presbitério. Apesar dos ENPs abordarem uma variedade de temáticas referentes à dimensão humanoafetiva, alguns aspectos importantes e atuais necessitam ser abordados com mais ênfase, dentre eles: o poder e o dinheiro na vida presbiteral, a pedofilia, a homossexualidade, os conflitos intergeracionais, a Síndrome de *Burnout* e solidão presbiteral.

Palavras-chave: Encontros Nacionais de Presbíteros. Dimensão humanoafetiva. Formação Presbiteral. Presbítero. Pastoral Presbiteral.

ABSTRACT

The present dissertation has as its theme "The human affective dimension of the priest in the preparatory instruments for the National Priests Meetings - ENPs, in Brazil". It aims to verify the incidences and absences of aspects related to the affective human dimension contained in the preparatory subsidies of the meetings - ENPs, between 1985 and 2018. It is also intended to study the main categories of the theme in the light of the Holy Scriptures, Tradition and Ecclesial Magisterium. The method used in this study is the analytical one, based on bibliographic research. In the results, it is identified that the affective human dimension is the basis of all formation of the priest. Therefore, themes such as identity, affection, sexuality, celibacy and others need to be studied and deepened. Psychological and pedagogical accompaniment is indispensable in the formation of future priests to identify and assist in self-knowledge and vocational discernment. The current sociocultural reality, marked by secularism, relativism, hedonism and subjectivism, added to the enormous pastoral demand and the scarce number of vocations provokes identity crisis and physical, psychic and spiritual exhaustion. As a result, double life, unfaithfulness and even abandonment of priestly ministry. Pastoral ministry has the mission of caring for priests, encouraging fraternity and communion in the presbytery. Although ENPs address a variety of issues related to the human-affective dimension, some important and current issues need to be addressed with more emphasis, including: power and money in the priest's life, pedophilia, homosexuality, intergenerational conflict, *Burnout* syndrome, and presbyteral loneliness.

Keywords: National Priest Meetings. Human affective dimension. Priestly Formation. Priest. Pastoral Ministry.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPB	– Associação Nacional de Presbíteros do Brasil
CELAM	– Conselho Episcopal Latino Americano
CERIS	– Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais
CMOVC	– Comissão Episcopal para o Ministério Ordenado e a Vida Consagrada
CNBB	– Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNC	– Comissão Nacional do Clero
CNP	– Comissão Nacional de Presbíteros
CRB	– Conferência dos Religiosos do Brasil
CRP	– Comissão Regional de Presbíteros
DAp	– Documento de Aparecida
DMVP	– Diretório para o Ministério e a Vida do Presbítero
ENPS	– Encontro Nacional de Presbíteros
FP	– Formação Permanente
INP	– Instituto Nacional de Pastoral
OT	– Decreto <i>Optatam Totius</i>
PDV	– Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Pastores Dabo Vobis</i>
PO	– Decreto <i>Presbyterorum Ordinis</i>
PUC	– Pontifícia Universidade Católica
REB	– Revista Eclesiástica Brasileira
SC	– Encíclica <i>Sacerdotalis Caelibus</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS PREPARATÓRIOS AOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS (ENPS) DE 1985 A 2018	14
1.1 A GÊNESE DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS.....	14
1.1.1 A Comissão Nacional de Presbíteros.....	15
1.1.2 Os Encontros Nacionais de Presbíteros	17
1.1.3 A metodologia aplicada aos Encontros Nacionais de Presbíteros	23
1.2 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS PREPARATÓRIOS AOS ENPS	24
1.2.1 A crise de identidade no 1º Encontro Nacional de Presbíteros.....	24
1.2.2 A maturidade humanoafetiva no 2º Encontro Nacional de Presbíteros	25
1.2.3 A fraternidade presbiteral no 3º Encontro Nacional de Presbíteros.....	27
1.2.4 O desafio do secularismo no 4º Encontro Nacional de Presbíteros.....	28
1.2.5 O ativismo presbiteral no 5º Encontro Nacional de Presbíteros	28
1.2.6 A pessoa do presbítero no 6º Encontro Nacional de Presbíteros	29
1.2.7 A realização pessoal do presbítero no 7º Encontro Nacional de Presbíteros.....	32
1.2.8 A relação do presbítero com o feminino no 8º Encontro Nacional de Presbíteros	32
1.2.9 A saúde do presbítero no 9º Encontro Nacional de Presbíteros.....	34
1.2.10 A segurança afetiva do presbítero no 10º Encontro Nacional de Presbíteros	34
1.2.11 O celibato sacerdotal no 11º Encontro Nacional de Presbíteros	35
1.2.12 A formação humanoafetiva no 12º Encontro Nacional de Presbíteros	35
1.2.13 A identidade presbiteral no 13º Encontro Nacional de Presbíteros.....	36
1.2.14 A cultura do efêmero no 14º Encontro Nacional de Presbíteros.....	36
1.2.15 O poder na vida presbiteral no 15º Encontro Nacional de Presbíteros	37
1.2.16 A formação permanente no 16º Encontro Nacional de Presbíteros	37
1.2.17 A Síndrome de Burnout no 17º Encontro Nacional de Presbíteros	38
1.3 A EVOLUÇÃO DA REFLEXÃO DA DIMENSÃO HUMANOAFETIVA A PARTIR DOS CONTEXTOS EPOCAIS	40
1.3.1 Abordagem da realidade sociocultural nos instrumentos preparatórios aos ENPs	40
1.3.2 A crise de identidade do presbítero após o Concílio Vaticano II.....	42
1.3.3 O celibato sacerdotal como desafio à abertura ao outro e a Deus	44
1.3.4 A fraternidade e a comunhão presbiteral	46
1.3.5 As lacunas na dimensão humanoafetiva do presbítero.....	49
2 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NA IGREJA	50
2.1 A PESSOA DO PRESBÍTERO NO NOVO TESTAMENTO	50
2.1.1 A figura do presbítero-pastor nos Atos dos Apóstolos	50

2.1.2 O ministério pastoral na Primeira carta de São Paulo a Timóteo	54
2.2 A PESSOA DO PRESBÍTERO NOS SANTOS PADRES DA IGREJA	59
2.3 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA NO MAGISTÉRIO ECLESIAL	63
2.3.1 O presbítero e sua condição humana nos documentos do Concílio Vaticano II	63
2.3.2 A opção pelo celibato sacerdotal na perspectiva da Sacerdotalis Caelibus de Paulo VI.....	67
2.3.3 A formação humana para o sacerdócio na Pastores Dabo Vobis de João Paulo II	69
2.3.4 A maturidade afetiva e sexual na formação presbiteral	71
2.3.5 O amadurecimento humanoafetivo segundo o Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros..	74
2.3.6 A dimensão humanoafetiva na Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis	78
2.3.7 As questões humanoafetivas dos presbíteros nos documentos das Conferências do Episcopado Latino-	
Americano	83
2.3.8 A formação humanoafetiva dos presbíteros nos Documentos da CNBB	88
3 INCIDÊNCIAS E AUSÊNCIAS DE ASPECTOS RELEVANTES À FORMAÇÃO HUMANOAFETIVA	
DO PRESBÍTERO CONTEMPORÂNEO NOS ENPS	94
3.1 INCIDÊNCIAS	94
3.1.1 A relação com o poder: entre o clericalismo e o carreirismo	94
3.1.2 A afetividade e sexualidade do presbítero	99
3.1.3 A Pastoral Presbiteral como fonte de cuidado e amadurecimento humanoafetivo	105
3.2 AUSÊNCIAS	110
3.2.1 O dinheiro e o exercício do poder.....	110
3.2.2 A homossexualidade	112
3.2.3 A pedofilia	116
3.2.4 Os conflitos intergeracionais.....	119
3.2.5 A Síndrome de Burnout	122
3.2.6 A solidão presbiteral	125
CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS	136

INTRODUÇÃO

A dimensão humanoafetiva, tanto na etapa inicial, nos seminários, como na formação permanente, no exercício do ministério presbiteral, tem importância singular, principalmente, em vista da missão evangelizadora da Igreja. O presbítero, a exemplo de Jesus Cristo, é chamado a ser ‘perito’ em humanidade, pois assume a missão de cuidar, acompanhar, orientar, e relacionar-se de forma sadia e madura com todas as pessoas, indistintamente. Para isso, é indispensável que o presbítero busque cuidar de si mesmo, de sua saúde física, psíquica e espiritual e de suas relações, num constante processo de amadurecimento humanoafetivo.

O homem é um ser relacional. Suas emoções são pressupostos de vínculos afetivos, de elos consigo mesmo, com os outros e com Deus. Aderir à vida presbiteral consiste em consagrar-se totalmente: corpo, mente, espírito e alma, como doação total a Deus, no serviço aos irmãos. Sendo assim, além da atenção especial às dimensões espiritual, intelectual e pastoral, é necessário lançar um primeiro olhar para a formação humana, com ênfase ao aspecto da afetividade e da sexualidade como meio imprescindível da busca de uma vida integrada no seguimento autêntico à pessoa de Jesus Cristo e no anúncio do Reino de Deus.

“Todo Sumo Sacerdote, tirado do meio dos homens é constituído em favor dos homens em suas relações com Deus” (Hb 5,1). O que certifica que o presbítero é chamado por Deus do meio do povo, e a sua missão é servir este mesmo povo. Portanto, é um homem que aceita o convite divino a doar sua vida por outros homens concretos. O presbítero não é um anjo, não é assexuado, não é um super-homem, é um ser humano com fraquezas e limitações, com sonhos e esperanças, com desilusões e questionamentos.

A realidade da maioria dos presbíteros brasileiros inspira cuidado especial. Facilmente, nas dioceses, encontram-se presbíteros sobrecarregados, cansados, desanimados, tristes, doentes, desfocados, isolados e não realizados vocacionalmente. A fragilidade humana, a negligência com a saúde, a ausência de fraternidade presbiteral e de amizades verdadeiras, diminuem a capacidade de superar as possíveis frustrações do fazer pastoral. Embora não seja explícito, é comum identificar presbíteros: alcóolatas, infiéis ao celibato, com filhos, e homossexuais. Nesse contexto eclesial, complexo e desafiador, os Encontros Nacionais de Presbíteros – ENPs, surgem como sinal divino de cuidado fraterno entre os presbíteros.

Os ENPs iniciaram no Brasil, em 1985, e são promovidos e organizados pela Comissão Nacional de Presbíteros - CNP, com o apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, e são realizados em anos alternados. Para cada encontro, é publicado um instrumento preparatório, ou seja, um texto-base, que é objeto de estudo, reflexão, debate e partilha. O

conteúdo abrange temas que se referem à pessoa do presbítero e seu ministério, aos desafios atuais da Igreja na evangelização, às relações no presbitério e com os leigos, ao aprofundamento da espiritualidade, dentre outras abordagens.

Os ENPs são responsáveis por criar espaços em que os presbíteros possam viver a fraternidade e a comunhão uns com os outros. Isso acontece através de trabalhos em grupo, oficinas e testemunhos, onde brotam angústias, medos, esperanças e sonhos de alguém chamado a ser todo Deus, mas que precisa lidar com sua fragilidade humana no cotidiano.

A presente dissertação aborda ‘A dimensão humanoafetiva do presbítero nos instrumentos preparatórios aos ENPs no Brasil de 1985 a 2018’. Propõe-se analisar a dimensão humanoafetiva do presbítero, a partir dos instrumentos preparatórios publicados para os ENPs. Dentre os objetivos específicos, deseja-se, a) verificar os aspectos humanoafetivos do presbítero abordados pelos ENPs; b) estudar como as Sagradas Escrituras, a Tradição e o Magistério abordam a dimensão humanoafetiva do presbítero; e c) identificar as incidências e ausências de temas em relação à dimensão humanoafetiva do ministro ordenado nos ENPs quando confrontados com a proposta da Igreja para a formação presbiteral.

O fenômeno da secularização, do relativismo, e a consequente perda de valores cristãos dificultam, cada vez mais, o seguimento autêntico a Jesus Cristo. A sociedade atual, sempre mais hedonista e sexista, desafia e questiona profundamente a moral cristã. O individualismo, o consumismo, o isolamento, aumentam desmedidamente. Todos esses fatores atingem diretamente o ser humano, e o presbítero por ser homem, não está alheio a essas profundas e significativas transformações. Cada vez, torna-se mais difícil, optar e perseverar na doação da vida pelo Reino de Deus no mundo de hoje.

A complexidade deste contexto social exige estudo, reflexão, planejamento e identificação de estratégias concretas, de como enfrentar os problemas humanoafetivos no período formativo e no exercício do ministério presbiteral. Daí surgem algumas interrogações que compõem a problemática desta pesquisa: a) há preocupação dos ENPs com a saúde psicoafetiva do presbítero e sua realização pessoal?; b) quais são os principais desafios humanoafetivos abordados pelos ENPs?; c) quais são as contribuições que os ENPs trouxeram para que os presbíteros brasileiros cuidem melhor de sua saúde física, psíquica e espiritual?; d) de quem é a responsabilidade de cuidar do presbítero? e) os ENPs têm correspondido às necessidades humanoafetivas dos presbíteros?

Destes questionamentos, surgiu o desejo de encontrar possíveis respostas e ampliar a discussão e reflexão sobre eles. A pesquisa é de caráter qualitativo e documental, e tem por base os instrumentos preparatórios aos ENPs, os assessores e teólogos que auxiliaram nas reflexões

desses encontros, bem como as contribuições da Sagrada Escritura, dos Santos Padres, do Magistério Eclesial, do Concílio Vaticano II, das Conferências Latino-americanas e dos documentos publicados pela CNBB acerca da dimensão humanoafetiva do presbítero. Além disso, para alguns temas humanoafetivos específicos, se fez uso de bibliografia de autores e teólogos especializados. Vale frisar que este estudo não tem enfoque psicológico, por isso, a ausência de embasamento teórico desta ciência humana.

O tema da dimensão humanoafetiva é sempre atual, tendo em vista o aumento significativo das desistências dos formandos do seminário, motivados por fatores de ordem afetiva. Outro dado importante, é o abandono do ministério presbiteral por diversos padres envolvidos em escândalos de ordem moral, expressos em comportamentos imaturos, desequilibrados e doentios, que provocam censura e ódio por parte da sociedade, e impactam negativamente na opinião das pessoas sobre a Igreja.

O fenômeno da escassez de vocações presbiterais e a ausência de um processo vocacional personalizado com o auxílio das ciências humanas, especialmente a psicologia, certamente, dificultam a emissão de um parecer coerente e sensato quanto ao amadurecimento humanoafetivo de seminaristas. Percebe-se que em nome da necessidade de vocações e da crescente demanda pastoral, apressam-se as etapas formativas, negligenciando-se a avaliação sobre as aptidões e as limitações do vocacionado à vida presbiteral.

O primeiro capítulo trata dos aspectos humanoafetivos contidos nos subsídios dos ENPs no Brasil (1985-2018). Inicia-se com a gênese dos ENPs, que trata da Comissão Nacional de Presbíteros, do histórico dos ENPs e da metodologia de participação dos encontros. Em seguida, faz-se a descrição de como a dimensão humanoafetiva se apresenta em cada um dos instrumentos preparatórios aos ENPs. Por fim, passa-se a expor a evolução da reflexão diante dos contextos epocais, que abrange a realidade sociocultural, a crise de identidade do presbítero, o desafio do celibato sacerdotal, a fraternidade e a comunhão presbiteral, e as lacunas humanoafetivas dos ENPs.

O segundo capítulo aborda a dimensão humanoafetiva do presbítero na Igreja. Primeiramente, verifica-se como o tema é apresentado nas Sagradas Escrituras, mais especificamente, nos Atos dos Apóstolos e na Primeira Carta de São Paulo a Timóteo. Na sequência, estuda-se a pessoa do presbítero na Patrística, por São João Crisóstomo e São Gregório Magno. Após, constata-se como a dimensão humanoafetiva é tratada pelo Magistério: Concílio Vaticano II, documentos dos Papas pós-conciliares, publicações da Congregação para o clero e para a Educação Católica, documentos das Conferências Episcopais Latino-Americanas e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

O terceiro capítulo apresenta as incidências e as ausências de temáticas em relação à formação humanoafetiva do presbítero nos ENPs. De início, busca-se relacionar o presbítero com o poder, nas expressões do clericalismo e do carreirismo. Após, faz-se a abordagem da importância da afetividade e da sexualidade para a pessoa do presbítero e, por fim, trata-se do papel da Pastoral Presbiteral no ministério eclesial.

Enfim, percebe-se que há uma grande preocupação com a problemática e os desafios referentes ao ser e ao ministério do presbítero no Brasil. Essa pesquisa também objetiva refletir e aprofundar a dimensão humanoafetiva do presbítero, somando-se a outros trabalhos já existentes, bem como, colaborar para os estudos nessa área, que tanto contribuem para a vivência fraterna no presbitério, sinal de comunhão e unidade da Igreja.

1 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS PREPARATÓRIOS AOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS – ENPS, DE 1985 A 2018

Para tratar o tema da dimensão humanoafetiva dos presbíteros, a partir dos Encontros Nacionais de Presbíteros - ENPs, primeiramente, é necessário situá-los no contexto social, cultural e religioso, bem como, no desenvolvimento histórico. Nesse sentido, é de extrema relevância conhecer as origens dos ENPs, o papel da Comissão Nacional de Presbíteros - CNP, os assuntos abordados a mais de três décadas, a metodologia aplicada, os aspectos humanoafetivos contemplados, sua evolução epocal e, por fim, as lacunas existentes.

1.1 A GÊNESE DOS ENCONTROS NACIONAIS DE PRESBÍTEROS

A crise de civilização e a tendência secularista da década de 60 provocaram mal-estar e questionamentos entre presbíteros seculares e consagrados. A instabilidade e a insegurança na Igreja influenciaram no fechamento de inúmeros seminários. Deflagrou-se uma crise de identidade e de postura presbiteral, com isso, inúmeros presbíteros decidiram pedir dispensa do ministério eclesial. Foi um período de muitas críticas às estruturas e às práticas da autoridade na Igreja. Esse contexto exigiu conversão profunda a Jesus Cristo e aprofundamento da identidade e do ministério do presbítero, além de diálogo e apoio fraterno no presbitério.¹

Em 1969, durante a 10ª Assembleia Geral do Episcopado Brasileiro, em São Paulo, houve uma tentativa de avaliação e reflexão sobre o clero do Brasil. Para isso, foi convidado, um presbítero por regional para participar do evento. Constatou-se que, os presbíteros que haviam deixado o ministério eram rejeitados pela sociedade e viviam precariamente, por seus estudos não serem reconhecidos, impossibilitando o exercício de outra profissão.²

Naquela época, predominava uma visão puramente sacramentalista do ministério presbiteral. A missão do presbítero era batizar, celebrar, assistir casamentos e dirigir procissões. A Igreja se fazia presente onde estivesse a hierarquia clerical. Os fiéis cristãos eram expectadores do rito litúrgico. O homem culto da civilização facilmente ignorava a prática religiosa, e o povo da periferia optava pelas crenças populares, africanas, espíritas, protestantes, aos rituais da Igreja.³

¹ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 9-10.

² Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 11.

³ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 13.

1.1.1 A Comissão Nacional de Presbíteros

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, em 1969, por meio de seu Secretariado Nacional do Ministério Hierárquico, aprovou a criação do Conselho Nacional de Presbíteros, com direito à participação, com voz e sem voto, nas assembleias dos bispos. Em assembleia, no ano de 1970, os bispos acolheram a sugestão da Santa Sé e substituíram o Conselho Nacional de Presbíteros pela Comissão Nacional do Clero - CNC, hoje denominada Comissão Nacional de Presbíteros - CNP. A CNP era subsidiária à CNBB, pois o cargo de presidente da referida Comissão, era ocupado pelo Vice-Presidente da Conferência dos bispos.⁴

A CNP é “um organismo da Comissão para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada da CNBB e está a serviço dos presbíteros, dos bispos e da Igreja local”.⁵ Quanto à sua constituição e os ENPs, “a CNP é formada pelos presbíteros que são presidentes da Comissão Regional de Presbíteros – CRP, de cada Regional da CNBB. Em âmbito nacional, acontecem a cada dois anos, desde 1985, os ‘Encontros Nacionais de Presbíteros’ (ENPs)”.⁶

Nos anos 70, era visível a falta de autonomia na CNP, não havia sequer um presbítero à frente da comissão. Sendo assim, buscou-se uma organização que obtivesse uma fisionomia própria. A CNP, contudo, era desconhecida e não havia, por parte dos presbíteros, interesse de integração. A participação nas reuniões era escassa e com apenas alguns representantes das CRP. As distâncias eram enormes, e a falta de articulação e preocupação apenas ‘paroquial’ dos presbíteros, acabava por revelar uma mentalidade individualista da vida e do ministério presbiteral.⁷

Quanto à constituição de um organismo de representatividade dos presbíteros no Brasil, “a Nunciatura Apostólica, em algumas oportunidades, se posicionou contrária à organização dos presbíteros”,⁸ afirmando que “os padres só possuem o espaço da Igreja local, isto é, em presbitério. Não se leva em conta a comunhão entre Igrejas”.⁹ A pouca representatividade da CNP, motivou a criação de uma Associação para estar mais próxima dos presbíteros.¹⁰ O primeiro presbítero presidente da CNP foi o Monsenhor Walter Pinto, em 1979. Naquela época, já se pensava em promover um ENP.¹¹

⁴ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 13.

⁵ CNP. *Concílio vaticano II e os presbíteros no Brasil: testemunhas de fé, esperança e caridade*. 15º ENP. p. 5.

⁶ CNP. *ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*. 13º ENP. p. 8.

⁷ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 16-17.

⁸ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 17.

⁹ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 17.

¹⁰ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 17.

¹¹ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 17.

Em 1980, a CNP, assessorada pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais - CERIS, propôs a realização de uma pesquisa nacional para conhecer melhor a situação do clero do Brasil. Os resultados foram resgatados no Documento n° 20 da CNBB, sobre a Vida e Ministério do Presbítero-Pastoral Vocacional, por ocasião da 19ª Assembleia Geral dos Bispos. A CNBB incentivou a pesquisa e recomendou que as CRP e a CNP se empenhassem para congregar os presbíteros.¹² Para o Pe. José Manoel de Godoy,

era sensível, no início dos anos oitenta, um princípio de caminhada nova na vida e ministério dos presbíteros da Igreja no Brasil. Embora não se pudesse dizer que a crise sacerdotal tivesse sido totalmente superada, vislumbrava-se já alguns passos concretos para isso. Com o protagonismo eclesial na sociedade, tão marcada pelo regime militar, os padres começavam a perceber novos campos de trabalho vinculados ao processo evangelizador. A articulação entre fé e vida, ou fé e política, aparecia cada vez mais clara. A defesa dos direitos humanos ultrajados por um regime político autoritário e excludente. A luta por melhores condições de vida do povo brasileiro. As grandes mobilizações civis em vista de uma maior participação no processo social e político. Tudo isso passou a ser parte integrante do ministério de muitos presbíteros.¹³

De acordo com Godoy, e com base no documento de Estudos da CNBB, que trata sobre a situação do clero no Brasil, a pesquisa apresentou os seguintes dados:

Dos 12.641 padres que trabalhavam no Brasil em 1980, 4.104 responderam ao questionário enviado. Desses, 73,2% trabalhavam em paróquia, 5,3% em pastoral ambiental ou especial, 4,9% em coordenação pastoral. É significativo que 84,8% declaravam estar satisfeitos quanto à sua atividade pastoral. [...] Era notável o grau de satisfação dos padres em relação à sua opção de vida: 90,1% do clero religioso e 80,8% do diocesano afirmava que optaria outra vez pelo sacerdócio. Sem dúvida, a pesquisa serviu para revelar um clero bastante atuante e que começava a encontrar o seu lugar na Igreja e na sociedade. A atuação firme e profética da Igreja, durante o período militar, constituiu um elemento importante na definição do papel do clero junto ao povo. Inúmeros presbíteros assumiram a causa dos sem -vez e sem -voz, de forma expressivamente destemida, a ponto de alguns testemunharem esse compromisso com a própria vida.¹⁴

Portanto, a pesquisa demonstrou que a maioria dos presbíteros entrevistados estavam satisfeitos com seu ministério pastoral. A CNP, em 1982, considerando os desafios pastorais, propôs aos presbíteros de todo o Brasil, dois temas para serem discutidos nas dioceses, nos regionais da CNBB e em âmbito nacional, a saber: “1) *o ministério presbiteral na evangelização da sociedade brasileira em transformação*; 2) *os conselhos presbiterais como instrumento de comunhão e participação presbiteral na igreja particular*”.¹⁵

¹² Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 17-18.

¹³ GODOY, Manoel José de. Presbíteros na década de oitenta. *Revista Vida Pastoral*. p. 29.

¹⁴ GODOY, Manoel José de. Presbíteros na década de oitenta. *Revista Vida Pastoral*. p. 29.

¹⁵ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p.18.

Dentre os principais objetivos apontados pela Comissão Nacional de Presbíteros, estão: “descobrir o Papel dos Presbíteros, como Corpo colegiado na sociedade brasileira em transformação e sua corresponsabilidade na Igreja, sobretudo pela mediação dos Conselhos Presbiterais; planejar e assumir uma Prática Pastoral coerente com a descoberta realizada”.¹⁶ A CNP busca integrar todas as dioceses do Brasil, através dos Regionais, pelo incentivo à reflexão de temas atuais, principalmente, quanto à pessoa e ao ministério do presbítero.

1.1.2 Os Encontros Nacionais de Presbíteros

Em 1983, em Itapuã – Salvador - Bahia, surgiu a ideia do 1º Encontro Nacional de Presbíteros - ENP. As Diretrizes da CNBB, aprovadas para o quadriênio 1983-1986, propuseram que a missão evangelizadora da Igreja fosse essencial e sinal de sua alegria. Esse, foi o fio condutor para a Comissão Nacional de Presbíteros que inaugurou uma nova etapa. Em 1984, ocorreu uma reunião ampliada da CNP, com a presença de 52 presbíteros. Na ocasião, foi aprovada a “carteirinha” de identidade do presbítero em âmbito nacional.¹⁷ Havia muita preocupação com a formação dos futuros presbíteros, além da situação dos que abandonaram o ministério. Do 1º ao 13º ENP, o evento aconteceu em Itaici -Indaiatuba/SP, porém, a partir do 14º, Aparecida/SP passou a sediar os encontros.

O 1º ENP realizou-se em outubro de 1985, e teve como tema: “*O presbítero na Igreja, Povo de Deus, servidora do mundo*”. O lema foi: “*O grande serviço que a Igreja presta ao mundo e aos homens é a evangelização*” (Puebla, 679). Quatrocentos presbíteros, dez bispos e a representação de 195 dioceses participaram do evento, que elencou como principal objetivo: “avaliar a caminhada dos presbíteros da Igreja no Brasil, nos últimos 20 anos, à luz da Palavra de Deus e das Diretrizes da CNBB, para animação e articulação dos presbíteros, diante dos desafios do presente e do futuro”.¹⁸ Havia um forte compromisso com o povo sofrido e com os presbíteros perseguidos por defenderem os pobres, os oprimidos e os injustiçados. Nesse sentido,

o 1º ENP buscava a identidade do presbítero, tentando superar certa teologia do presbiterato que concentrava nele todas as atenções e todos os ministérios. Essa concepção fazia do Presbítero a síntese de todos os ministérios, ao invés de facilitar-lhe o exercício do ministério de síntese.¹⁹

¹⁶ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 19.

¹⁷ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 19-21.

¹⁸ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 22.

¹⁹ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 27.

Essa iniciativa inaugurou um novo tempo na Igreja do Brasil, pelo menos, quanto à organização dos presbíteros em âmbito nacional. Havia muitas restrições para que o encontro dos presbíteros do Brasil não se tornasse um movimento paralelo com intenções subversivas. A Santa Sé exigiu atenção especial à Comissão Nacional de Presbíteros e às 14 Comissões Regionais de Presbíteros, para que não se colocassem à margem da Conferência Episcopal Nacional e Regional,²⁰ e recomendou,

vigiar para que não se tornem uma forma de sindicato do clero e uma espécie de Parlamento paralelo ao Senado dos Bispos. [...] Ativa presença e vigilância dos Bispos, nas Comissões Regionais de Presbíteros e sua Comissão Nacional, com particular atenção às impostações doutrinárias e disciplinares.²¹

Do 1º ENP, surgiram muitas mensagens de solidariedade, por exemplo, ao povo da Nicarágua, aos negros, aos índios, às mulheres marginalizadas, à Constituinte, ao Frei Leonardo Boff, aos problemas dos irmãos padres que sofriam por causa da pastoral libertadora. Isso causou divergências de opinião entre os bispos, enquanto uns rechaçavam, outros apoiavam.²²

Fica evidente que este subsídio sofre a influência da Conferência Latino-americana de “Puebla, interpretada numa linha ‘libertadora’, e predomina a ênfase sociotransformadora. Estamos no final do período da hegemonia progressista e da Teologia da Libertação. Houve, no, primeiro ENP, moções de solidariedade a Leonardo Boff e a Cuba”.²³ No término do encontro, o Pe. Alberto Antoniazzi confidenciou: “que a maioria dos padres diocesanos trabalha muito, mas em más condições, sem apoio afetivo e sem instrumentos adequados”.²⁴ Os padres encontristas avaliaram o 1º ENP de forma positiva.

Em outubro de 1987 aconteceu o 2º ENP que deu ênfase à Pessoa do Presbítero. O tema proposto foi: “*Ser Padre: novos desafios para uma vocação que permanece*”. Podia participar um representante do clero de cada diocese na Comissão Regional de Presbíteros, mais um padre escolhido pelo presbitério. Sendo que a cada 100 padres, a diocese teria direito a mais um representante, preferencialmente credenciado. O principal objetivo do encontro consistiu em,

refletir sobre o ser padre, sua identidade como pessoa humana numa sociedade em mudança e numa Igreja toda ministerial, seu presbitério e sua organização. O ser padre, longamente discutido, era visto, sobretudo, devorado pela missão que o obrigou a um ativismo esvaziador, roubando-lhe o espaço da sua intimidade.²⁵

²⁰ Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 36.

²¹ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 36.

²² Cf. CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 36.

²³ ANTONIAZZI, Alberto. Construindo a história dos presbíteros no Brasil. *Revista Vida Pastoral*. p. 27.

²⁴ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 37.

²⁵ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 42.

Os subtemas do instrumento preparatório ao 2º ENP refletiram sobre as mudanças na sociedade e na cultura, a evolução da teologia do presbiterato, a espiritualidade, formas de vida dos presbíteros, e as dimensões e desafios da maturidade presbiteral. O tema do celibato, muito recorrente, veio à tona, e com ele o papel da mulher na vida do padre.

Em outubro de 1989, aconteceu o 3º ENP, com o tema: “*Ministério e fraternidade dos presbíteros numa Igreja comunhão e missão*”, fruto da síntese dos relatórios trazidos pelas dioceses. O lema escolhido foi: “*Presbíteros: fraternidade e serviço*”. Foram apresentados os desafios da realidade para a vivência dos presbíteros, a reflexão teológica sobre a Igreja e o sentido do ministério presbiteral, seguido de propostas e compromissos, incluindo formas de organização e condições de fraternidade e serviço. Naquela oportunidade, “uma pesquisa revelaria que 48,8% dos participantes desejavam a criação de uma Associação Nacional”.²⁶

O 3º ENP contou com a participação de 211 dioceses, 388 presbíteros, 11 bispos, 8 assessores e 13 convidados. O que mais repercutiu foi a necessidade de vida fraterna entre os presbíteros, além da possibilidade de ordenação de homens casados, com respeito ao celibato, o lugar e participação da mulher na Igreja e toda a diversidade dos ministérios, o desafio dos meios de comunicação social e os novos problemas ético-religiosos colocados pelas ciências.

O 4º ENP realizou-se em fevereiro de 1992. O subsídio trouxe como tema, “*Os desafios da evangelização para o presbítero hoje*”, seguido do lema, “*Presbíteros, atendam os sinais dos tempos*”. E as sessões do documento abordaram os seguintes temas: A quem evangelizar? Modernidade e mudança de sociedade; Como evangelizar? Pistas pastorais e perspectivas para o futuro; E quem evangeliza? A missão dos presbíteros e de outros ministérios eclesiais.

Esse encontro foi marcado, especialmente, pela constituição da Associação Nacional dos Presbíteros do Brasil - ANPB. O comunicado final do 4º ENP apresentou as seguintes propostas: “(a) Valorização da pessoa e da experiência subjetiva; (b) diversificação das formas de expressão e vivência comunitária; (c) presença mais significativa na sociedade; (d) valorização do trabalho dos leigos na evangelização”.²⁷

Em fevereiro de 1994, aconteceu o 5º ENP, e apresentou como tema: “*O Presbítero no Processo de Urbanização*”. A temática foi escolhida, “por um motivo teológico, por sentir na cidade o sacramento da realização futura do Reino ou da realização trágica do anti-reino de Deus”.²⁸ O conteúdo do instrumento preparatório obedeceu a seguinte sequência: realidade socioeconômica e questionamentos éticos, realização pessoal e cultural urbana - em destaque o

²⁶ CNP. *Memória dos ENP's - 25 anos*. p. 45.

²⁷ CNP. *ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*. 13º ENP. p. 10.

²⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 209.

individualismo e pluralismo, ânsias e dificuldades, busca de respostas pastorais – novas estruturas, presença pública da Igreja na cidade.

Um marco importante na organização dos presbíteros do Brasil foi a 1ª Assembleia Nacional de Presbíteros do Brasil – ANPB, de 1º a 4 de fevereiro de 1994. Participaram 70 representantes de todos os Estados brasileiros. O resultado das eleições para a ANPB foi o seguinte: Presidente – Pe. Agostinho Preto; Vice-Presidente – Pe. Alyrio Bervian; 1º Secretário – Pe. Daniel Henkemeier; e 2º Secretário – Pe. Manuel Henrique.

O 6º ENP realizou-se em fevereiro de 1996. O tema foi o *“Presbítero: missionário, profeta e pastor no mundo urbano”*. E o lema: *“Reaviva o dom que há em ti” (2Tm 1,6)*. O primeiro capítulo tratou sobre o mundo urbano, cidadania e poder local, economia informal, trabalho industrial, pentecostalismo, televisão e novas tecnologias de informação, violência urbana, e teve como assessores: Rogério Valle, Andrea Damaceno e Katia Madeiros do CERIS.

O segundo capítulo abordou a mística e a espiritualidade do presbítero, com assessoria do Pe. Alberto Antoniazzi, do INP - Instituto Nacional de Pastoral. A terceira parte refletiu sobre os novos horizontes, dentre os temas: enculturação, inculturação do Evangelho, diálogo com as culturas e outras religiões, anúncio missionário do Evangelho e vida de comunhão, tendo como assessor o Pe. José Antônio de Almeida do Regional Sul II; e por fim o quarto capítulo foi desenvolvido pelo Pe. Edênio Valle, da CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil, que tratou da Pessoa do Presbítero, no que diz respeito ao seu processo de maturidade.

O 7º ENP aconteceu em fevereiro de 1998, e teve como tema: *“Presbíteros rumo ao Novo Milênio”*, sob o lema: *“Ainda tens longo caminho a percorrer” (1Rs 19,7)*. O texto-base foi dividido em três partes: o Brasil do novo milênio; a evangelização para o novo milênio; e como viver o ministério presbiteral no novo milênio. O documento preparatório, apresenta, inclusive, “o processo histórico da formação do Estado nacional brasileiro, descreve o momento atual desse processo e tenta desenhar as tendências de evolução da situação atual (desagregação do sistema econômico nacional, reforma agrária, desemprego)”.²⁹

O 8º ENP, de fevereiro de 2000, teve como tema: *“Novo milênio, novo presbítero”?* O lema: *“Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5)*. Os trabalhos foram conduzidos pelo frei Clodovis Maria Boff, OSM, Pe. Antônio José de Almeida, e Pe. Alberto Antoniazzi: assessores do setor Vocações e Ministérios da CNBB. Refletiu-se sobre as temáticas: um olhar para a comunidade, o novo presbítero promotor da participação comunitária e homem “colegial”; um olhar para Cristo, o novo presbítero: homem “espiritual” e coração centrado em Cristo; um

²⁹ CNP. ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral. 13º ENP. p. 12.

olhar para o mundo, os “sinais dos tempos” e reconhecimento da subjetividade e os desafios da ação evangelizadora.

O 9º ENP aconteceu em fevereiro de 2002, com o tema: “*Presbítero: pessoa e missão: a pessoa e a missão do presbítero no início do milênio*”, e o lema “*Revesti-vos do homem novo*” (Ef 4,24). A texto foi dividido em três partes: um rápido olhar sobre a realidade atual dos presbíteros; perfil teológico e pastoral do presbítero para o novo milênio; e por fim, propostas para o tempo novo. O conteúdo programático “apresenta, em números, a nova realidade dos presbíteros do Brasil. Constata que o clero, no Brasil, tornou-se, nos últimos 30 anos, mais diocesano, mais brasileiro e mais jovem”.³⁰

O 10º ENP realizou-se em fevereiro de 2004. O tema do subsídio foi o “*Presbítero no mundo globalizado*”, e o lema: “*O que vimos e ouvimos, vos anunciamos*” (1Jo 1-3). Sob a assessoria da CNP e do Pe. Edênio Valle, desenvolveu-se o significado de globalização; a globalização e ética: perspectiva da Igreja; e o presbítero ante a globalização. O 10º ENP também refletiu sobre uma pesquisa de sondagem psicossocial com o objetivo de verificar a realização pessoal dos presbíteros no Brasil, e teve com título: *Padre, você é feliz?*³¹ O estudo foi proposto e desenvolvido pelos padres Edênio Valle, Alberto Antoniazzi, e Luiz Roberto Benedetti.

É de suma importância mencionar a pesquisa sobre o perfil do presbítero brasileiro, a pedido da CNBB, realizada pelo CERIS. Os resultados foram apresentados durante o 10º ENP, e trata-se de uma abordagem teológica, psicanalítica e social do presbítero, desenvolvida por Maria Clara Lucchetti Bingemer, Pedro A. Ribeiro de Oliveira e Joel Birman. O trabalho teve como organizadoras Katia Maria Cabral Medeiros e Sílvia Regina Alves Fernandes.

O 11º ENP aconteceu em fevereiro de 2006, com o tema da “*Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*”, e o lema “*Retoma a conduta de outrora*” (Ap 2,5). Foram assessores: Virgílio Leite Uchoa, Pe. Gabriele Cipriani, Pe. Manuel Godoy, Dom Luciano Mendes de Almeida e Dom Erwin Kräutler. Dom Frei Luís Flávio Cappio orientou o dia de retiro.

Em preparação para esse ENP, aconteceram encontros nas dioceses e regionais. O evento reuniu 462 pessoas. Dentre os subtemas, cita-se o Concílio Vaticano II e a presença da Igreja Católica na realidade brasileira; a missionariedade e profetismo do presbítero na Igreja e no mundo, à luz do Vaticano II.

³⁰ CNP. *ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*. 13º ENP. p. 13.

³¹ VALLE, Edênio; Benedetti, Luiz Roberto; Antoniazzi, Alberto. *Padre, você é feliz?* Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil. São Paulo: Loyola, 2004.

O lema do 12º ENP, em fevereiro de 2008, foi “*Presbítero: discípulo e missionário de Jesus Cristo na América Latina*” e o lema “...*chamou-os para estar com Ele e enviá-los em missão...*” (Mc 3, 13-14). O Cardeal Cláudio Hummes, então prefeito da Congregação para o Clero no Vaticano, a Deputada Federal do Estado de São Paulo, Luiza Erundina, e os padres José Oscar Beozzo, Estevão Raschietti e Paulo Suess foram os assessores. O retiro foi pregado por Dom Moacyr Grechi. Estiveram presentes 430 delegados de todo o Brasil.

O 13º ENP aconteceu em fevereiro de 2010. O tema foi “*ENPs, 25 anos celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*”, e o lema “*Eu me consagro por eles*” (Jo 17, 19a). Trata-se de uma síntese dos temas tratados nos últimos 12 ENPs, elaborada pelo Pe. Paulo Suess. Dentre as principais temáticas: a memória da caminhada dos 25 anos dos ENPs e os principais temas transversais: discernindo a realidade, evangelização, eclesiologia, magistério, identidade, novo estatuto social do sacerdote, ministério específico, espiritualidade e missão. Dom Claudio Hummes proferiu a conferência sobre a identidade missionária do presbítero na Igreja, como dimensão intrínseca do exercício dos *tria munera*.

O 14º ENP realizou-se em fevereiro de 2012, em Aparecida/SP. O tema foi “*A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*”, e o lema “*Escolhido entre os homens e constituído em favor da humanidade*” (Hb 5,1). O Pe. João Batista Libânio foi o assessor do encontro. O texto-base dividiu-se em quatro partes: conceituação da identidade, conceito de espiritualidade, análise crítica, e perspectivas pastorais.

O 15º ENP aconteceu em fevereiro de 2014 com o tema “*Concílio Vaticano II e os presbíteros no Brasil: testemunhas de fé, esperança e caridade*” e o lema “*Estai sempre prontos a dar razão da esperança a quem a pedir*” (1Pd 3, 15). Os assessores foram o Dr. Pe. Ney de Souza, e o Dr. Pe. Edson Donizete Toneti. Dentre as principais temáticas: Vaticano II, memória e esperança, o Concílio Vaticano II e os presbíteros no Brasil, o Concílio Vaticano II e as virtudes, e o quarto capítulo que teve como título o lema do encontro.

O 16º ENP realizou-se em abril de 2016, sob o tema “*Presbíteros no Brasil: a alegria no anúncio do Evangelho*” e o lema “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21, 5). Foram assessores: o Frei Dr. Luiz Carlos Susin e o Pe. Dr. Manoel José de Godoy. O pregador do dia de espiritualidade foi Dom Frei Luiz Flávio Cappio. Tratou-se sobre as três alegrias eclesiais e três irmãs teológicas, um caminho áspero e fascinante; Igreja: comunidade em movimento de esperança, o presbítero e sua alma: alegre na esperança; e pastoral presbiteral e formação permanente.

O 17º ENP aconteceu em maio de 2018. O tema foi “*Presbítero: discípulo do Senhor e Pastor do rebanho*” e o lema “*Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho, pois o Espírito Santo*

vos constituiu como guardiães...” (At 20,28). A assessoria ficou ao encargo do Pe. Paulo Sérgio Carrara, CSsR. O encontro contou com 501 presbíteros, 7 bispos e 1 cardeal. O pregador do dia de retiro foi o Cardeal Cláudio Hummes.

O instrumento preparatório do 17º ENP abordou as seguintes temáticas: Quem é o presbítero? “O Espírito Santo vos constituiu como guardiães” (At 20,28); Qual é a espiritualidade do presbítero? “Cuidai de vós mesmos” (At 20,28); e o presbítero e o serviço da misericórdia. Além disso, o texto trouxe novidades, dentre elas o regimento com os critérios para participação do 17º ENP. Dioceses com até 100 padres: 02 delegados; de 101 a 200 padres: 03 delegados; de 201 a 300 padres: 04 delegados; de 301 a 400 padres: 05 delegados; de 401 a 500 padres: 06 delegados; de 501 a 600: 07 delegados.

1.1.3 A metodologia aplicada aos Encontros Nacionais de Presbíteros

O método ver-julgar-agir esteve presente do 2º ao 7º ENP, do 9º ao 12º, como também no 14º e 16º ENP. O 1º, 8º, 13º, 15º e o 17º ENPs apresentaram metodologias diversas. O 1º ENP resgata a importância da evangelização, na sequência, recorda que é missão do povo de Deus evangelizar e por fim, apresenta o presbítero como servidor da evangelização e do povo de Deus. O 8º ENP apresenta-se sob três enfoques: um olhar para a comunidade, um olhar para Cristo e um olhar para o mundo.

O 13º ENP faz memória da história dos ENPs e elenca os principais temas que figuraram durante os 25 anos de caminhada, após apresenta um discurso do Papa Bento XVI sobre o Ano Sacerdotal e, ao final, um artigo sobre a identidade missionária do presbítero. O 15º ENP relaciona o Concílio Vaticano II com os presbíteros do Brasil, parte de um panorama histórico, analisa o decreto *Presbyterorum Ordinis*, aborda as virtudes teológicas e os presbíteros como testemunhas de fé, esperança e caridade. Já o 17º ENP parte de uma reflexão de quem é o presbítero, apresenta a sua espiritualidade e aborda a sua missão.

Os ENPs têm por escopo estudar e refletir a realidade do presbítero, na busca de sua identidade e no enfrentamento das dificuldades, despertando formas de encarar e agir pastoralmente. Constata-se, na história dos ENPs, a recorrência de algumas temáticas, por exemplo, a organização dos presbíteros, a formação permanente, a espiritualidade do presbítero, os desafios pastorais, a ministério presbiteral e a fraternidade no presbitério.

Para a melhor realização e aproveitamento dos ENPs, houve sempre a recomendação de que os participantes, representantes de suas respectivas dioceses e regionais, lessem o documento preparatório e confrontassem o conteúdo com sua própria experiência de vida e

prática pastoral. Além disso, que o Conselho Presbiteral Diocesano deveria promover um encontro local para o debate e reflexão do referido subsídio, com o acrescento de sugestões.

1.2 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NOS INSTRUMENTOS PREPARATÓRIOS AOS ENPS

A abordagem da dimensão humanoafetiva do presbítero na Igreja do Brasil perpassa, de forma direta e indireta, todos os instrumentos preparatórios para os Encontros Nacionais de Presbíteros (ENPs). Prova disso, é a recorrência de temáticas como: a crise de identidade presbiteral, a maturidade humanoafetiva, a fraternidade presbiteral, o secularismo, o ativismo, a realização pessoal, a amizade heterossexual, a saúde física e psíquica do presbítero, o celibato sacerdotal, a formação humanoafetiva, a cultura do efêmero, o poder na vida presbiteral, a formação permanente do presbítero, a Síndrome de *Burnout*, dentre outras.

1.2.1 A crise de identidade no 1º Encontro Nacional de Presbíteros

O instrumento preparatório ao 1º ENP constata a existência de uma crise de identidade no presbítero, devido às mudanças no âmbito da Teologia e da ação pastoral. A partir do Concílio Vaticano II, tem-se uma Igreja ministerial, descentralizada do poder hierárquico, missionária e evangelizadora, com uma ampla participação e organização comunitária. A realidade eclesial urbana é o maior desafio da evangelização para o presbítero.

Em 1985, o número mínimo de fiéis de que um padre deveria cuidar, como pastor, superou os 10.000. Em algumas paróquias, um padre, sozinho, cuida de 15, 20, e até 30 mil habitantes ou mais³². Essa realidade causa no presbítero desgaste, frustração, sobrecarga de atividades, e desconfiança quanto à eficácia de seu trabalho. O caminho proposto foi “o reencontro do primado da evangelização e a concentração do ministério presbiteral na dinamização e uma comunidade eclesial toda ministerial e toda evangelizadora”.³³

Dentre os fenômenos modernos que instigam mudança social e cultural e que atingem a Igreja e a pessoa do presbítero, menciona-se a urbanização e a secularização. Daí advém o pluralismo, o subjetivismo, o individualismo, o consumismo, o autoritarismo e o hedonismo. O secularismo desafia o padre a expandir seu campo de ação: da sacristia para o mundo relacional, do fechamento para a abertura ao diálogo com a realidade plural.

³² Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 40.

³³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 40.

1.2.2 A maturidade humanoafetiva no 2º Encontro Nacional de Presbíteros

O 2º ENP aponta para “o presbítero no meio universitário, no meio educacional, no meio operário, no meio das comunicações sociais e nos vários ambientes profissionais”.³⁴ Além disso, considera-se que para a realização plena do ministério presbiteral, além de um rito bem celebrado, é preciso testemunho de vida do padre. Porém, “como chegar aos presbíteros que vivem uma indefinição de vida e espiritualidade, prosseguindo em um ministério sem alegria e realização pessoal, consumindo-se no fazer do dia-a-dia”?³⁵ Um capítulo inteiro é dedicado às dimensões e aos desafios da maturidade presbiteral.

Quando se refere à pessoa e à missão do presbítero na Igreja, duas referências são indissociáveis, a pessoa do presbítero em seu crescimento e o amadurecimento humano e a Igreja como realidade local e comunidade de fé. “É aceitando, vivendo e carregando o ônus e a alegria desta Igreja concreta que o padre deve assumir o dado irredutível de sua vida e de sua pessoa, com todas as suas aberturas e limitações”.³⁶ Se o presbítero não conseguir ser ele mesmo, no exercício do seu ministério, enfrentará não só uma crise de identidade, mas do próprio sentido existencial.

Trata-se, também, das dimensões da personalização da vida do presbítero e de seus desafios do amadurecimento humanoafetivo, a saber: o da identidade, da intimidade, da participação, e da transcendência evangélica. A construção do caminho da realização pessoal e da maturidade do ser humano perpassa pela busca da identidade ministerial que,

não decorre de seu esforço isolado, de seu aprimoramento em nível pessoal. A identidade do padre passa em sua definição pela comunhão dos presbíteros entre si e com o bispo no serviço à comunidade. Ela supõe abertura, diálogo e apoio mútuo no nível de fraternidade presbiteral aberta a todos os irmãos. Supõe ainda, solidariedade de destino, um carregar conjunto das preocupações por todas as Igrejas e por todos os homens, especialmente os mais pobres, uma vez que foi este o destino que Jesus de Nazaré, na força do Espírito, escolheu livremente como seu caminho ao Pai.³⁷

Quanto à dimensão da intimidade, própria e exclusiva do ser humano, e ainda mais apelativa no ser do presbítero, percebe-se que, apesar de ser digna de indispensável atenção, é muito negligenciada e até esquecida. Conforme o 2º ENP, a intimidade não é um ato de preservação individualista, ou sentimento narcísico de autoproteção, que cria resistências e isolamento, mas, ao contrário,

³⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 83.

³⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 86.

³⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 88-89.

³⁷ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 93.

intimidade inclui pudor, direito à privacidade, não redução à função. Intimidade é aprimoramento da autoconsciência como reserva desde a qual um ser humano, permanecendo ele mesmo, pode se abrir inteiramente ao outro e a Deus. Ela é, [...] reciprocidade. Leva ao engajamento e à doação de si. Ela torna possível celebrar na vida a dimensão do perdão e da graça de Deus. Sem a posse de sua intimidade, uma pessoa não pode conhecer o que seja a amizade, como entrega e cuidado pelo outro desde o gesto gratuito da oferta de si.³⁸

Não se pode falar de intimidade sem apontar a relação do presbítero com a mulher. O fato de existir a opção pelo celibato, não isenta o presbítero de confrontar-se com o universo feminino. “Todo padre que se firma como homem e como pessoa, que supera as fixações narcísicas das vivências infantis, que adquire uma intimidade pessoal e rica, tem de se definir em relação à questão existencial do feminino em sua vida”.³⁹

O celibato é graça de Deus a serviço da Igreja, todavia, para que tal dom frutifique, é necessário, solidez no embasamento natural, tendo em vista que se trata de proteger um tesouro em recipientes de barro. Apesar disso, muitos presbíteros vivem de forma individualista esta questão. É preciso perceber que “o cultivo de uma intimidade pessoal poderá nos despertar para uma convivência de presbíteros, na qual nossa afetividade possa encontrar ressonância e apoio”.⁴⁰

O desafio da participação também afeta diretamente o presbítero, suas relações e sua atuação no mundo, não como mero expectador, mas como agente de transformação na tarefa de evangelizar. “A definição de nossa identidade e a afirmação de nossa originalidade mais íntima são momentos constitutivos de nossa presença e intervenção nos fatos, como sujeitos de processo maior”.⁴¹

Por fim, o desafio da transcendência evangélica, apresenta-se como elementar, pois define o ser e a missão do padre. É dimensão que provoca no presbítero encontro e confronto pessoal com a Palavra de Deus, na prática da caridade pastoral de Jesus Cristo e da Igreja, numa espiritualidade encarnada no dia a dia, com suas dores, esperanças, lutas, alegrias e frustrações. “A fecundidade e a realização do homem, [...] não existem sem que ele aprenda a perder a vida e dá-la livremente para que muitos possam tê-la em abundância”.⁴²

O tema da maturidade humana e ministerial do presbítero também é tratado no 2º ENP. Enfatiza-se o caráter dinâmico do processo de amadurecimento, que se dá de forma particular em cada pessoa. Trata-se de “evolução contínua, por vezes contraditória, que se dá na partilha,

³⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 94-95.

³⁹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 95.

⁴⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 96.

⁴¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 96.

⁴² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 100.

mas que, em seu nível afetivo mais profundo, pode carregar fechamentos e carências típicas. A maturação do homem é em parte fenômeno evolutivo natural”.⁴³

O amadurecimento humanoafetivo é alcançado e firmado na medida em que a pessoa propõe-se buscar no outro, no diferente, laços afetivos de amizade e companheirismo. O presbítero, à luz da fé e da sua opção por Jesus Cristo, não está isento da necessidade de repartir alegrias e tristezas, sonhos e frustrações, de identificar formas e sentido para os sucessos e fracassos comuns, como outras pessoas. “Sem a presença e contribuição dialogal do irmão, o padre não pode amadurecer em seu ser de padre e em sua realidade ontológica de homem”.⁴⁴

1.2.3 A fraternidade presbiteral no 3º Encontro Nacional de Presbíteros

O instrumento preparatório ao 3º ENP aborda o ministério e a fraternidade presbiteral. Quanto à dimensão humanoafetiva, aponta-se para a realidade do padre assoberbado por inúmeras tarefas, num frenético ativismo pastoral, somado ao monopólio do poder eclesial que gera o autoritarismo e isolamento do presbitério. Nesse sentido, afirma-se que,

a fraternidade presbiteral não é apenas um aspecto do agir da Igreja, mas um reflexo do seu ser. Não se trata apenas de repartir tarefas, mas de viver aquela comunhão de Deus – Pai, Filho e Espírito – e dom que recebemos de Deus mesmo, dom em que o dinamismo mais profundo do nosso ser humano se realiza afetiva e efetivamente.⁴⁵

O 3º ENP apresenta no final do documento, algumas propostas e compromissos que incentivam e promovem a dimensão humanoafetiva dos padres, sendo que é de responsabilidade do bispo e de todo o presbitério apoiar a Pastoral Presbiteral e a formação permanente. Além de visitas, encontros, lazer e férias conjuntas, é sugerido,

promover comunidades de agentes, que começam a existir em alguma diocese, integradas por presbíteros, religiosos(as) e lideranças leigas, que, juntos assumem a missão pastoral, a oração em comum, a partilha de bens e a revisão de vida. Estas comunidades poderiam ajudar na superação de alguns dos problemas mais comuns aos presbíteros, como o isolamento, a solidão, o individualismo, o machismo, o personalismo centralizador, os impasses afetivos e outros.⁴⁶

Dentre as condições de fraternidade e serviço proporcionadas aos presbíteros, para o amadurecimento da personalidade humana, que abrange a dimensão psicológica e afetiva,

⁴³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 101.

⁴⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 101.

⁴⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 143.

⁴⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 145-146.

propõe-se o estudo aprofundado de cada caso, com suas incompatibilidades afetivas. O acompanhamento pelo bispo e o presbitério são indispensáveis na busca por identificar as causas e o tratamento apropriado.⁴⁷

Constata-se que “há presbíteros que abraçam o ministério por si mesmo e o celibato por causa do ministério”.⁴⁸ Consequência disso, é a não realização pessoal de tantos padres. Os problemas afetivos e a falta de fraternidade presbiteral são consequências da má vivência do celibato. Por isso, sugere-se maior vigilância ao selecionar candidatos ao sacerdócio e possibilidade de homens casados virem a ser ordenados. Por fim, a preocupação com a regularização dos presbíteros que deixaram o ministério, para que atuem na Igreja.⁴⁹

1.2.4 O desafio do secularismo no 4º Encontro Nacional de Presbíteros

O 4º ENP trata da dimensão humanoafetiva do presbítero de forma indireta. A preocupação do subsídio é problematizar a sociedade moderna secularizada, em que valores, ideologias e instituições estão em crise. Os fenômenos do individualismo, pluralismo, indiferentismo são cada vez mais comuns. Religião e crença pertencem à esfera individual, realidade que altera e atualiza a identidade do presbítero na missão de evangelizar. A nova fase exige que o presbítero, além de administrar os sacramentos e coordenar a comunidade paroquial, assuma um papel missionário de animar e formar leigos para a missão.⁵⁰

Nasce a necessidade de fomentar o surgimento de vocações sacerdotais, em vista do amplo campo de atuação pastoral. Exige-se a repartição de tarefas entre os presbíteros. O atendimento pessoal precisa ser priorizado pelos presbíteros, implicando que estes “renunciem a tarefas meramente executivas, rotineiras, para assumirem tarefas de inovação, animação, edificação de novos grupos e comunidades, o que exige bastante criatividade”.⁵¹ Portanto, a maturidade humanoafetiva do presbítero perpassa pela proximidade nas relações interpessoais.

1.2.5 O ativismo presbiteral no 5º Encontro Nacional de Presbíteros

A reflexão do 5º ENP considera os desafios pastorais do presbítero na vida urbana. Tal contexto desenvolve o individualismo, a competição, a profissionalização. O padre torna-se

⁴⁷ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 148.

⁴⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 149.

⁴⁹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 149-150.

⁵⁰ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 203.

⁵¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 204.

funcionário” do sagrado, “burocrata” da Igreja, deixa-se seduzir pelo *status*, pela vida mundana, e não vive a castidade, a obediência e a pobreza. A oração e o silêncio dão lugar à produtividade e à eficácia que resulta dos esforços empreendidos.⁵²

A realidade urbana, desafiante e desconcertante, provoca uma mudança de mentalidade e de ação na pastoral da Igreja, principalmente, por parte do presbítero, líder e referência religiosa para os fiéis, que a partir de agora, precisa desacomodar-se, sair da sacristia, da casa paroquial, do conforto e lançar-se em missão. Segundo o texto preparatório,

as relações diretas e pessoais devem sobre valer aos aspectos burocratizantes da organização paroquial. Igualmente os aspectos jurídicos e racionais devem ceder lugar à dimensão simbólica e à dimensão afetiva. Essa atitude de abertura à pessoa pode realizar-se, entre nós, principalmente através da prática da acolhida humana, e se possível, do acompanhamento e aconselhamento.⁵³

A tendência ao ativismo é risco iminente na vida do presbítero em solo urbano. A escassez de padres exige dos poucos, excesso de tarefas realizadas de forma automática e rotineira. Diante disso, conclui-se que o “contato, o diálogo pessoal, a presença junto às pessoas, a comunicação interpessoal, sem autoritarismos e monopólios, oferecerão ao presbítero novas formas de realização pessoal e de melhores resultados pastorais”.⁵⁴

1.2.6 A pessoa do presbítero no 6º Encontro Nacional de Presbíteros

De acordo com instrumento preparatório ao 6º ENP, a cultura moderna enfrenta muitas resistências à compreensão da radicalidade evangélica vivida pelo presbítero. Critica-se, por exemplo, “a concepção da consagração do presbítero entendida como esvaziamento de si, abnegação total, em que a pessoa se identifica quanto possível com o seu papel ministerial, reprimindo sua personalidade e seus afetos”.⁵⁵ Ao padre cabe esvaziar o coração daquilo que não gera comunhão e unidade com Deus. O que as pessoas mais admiram no presbítero? “É a alegria de sua doação, é a beleza e a coerência da sua vida, é a sinceridade e a autenticidade com que procura ser fiel, apesar das dificuldades, a vocação de profeta e de consagrado”.⁵⁶

O 6º ENP aborda a temática da pessoa do presbítero em duas subdivisões. Na primeira, trata do ‘desidealizar para ser’, trazendo à baila o impasse paralisante da idealização, o ‘eu

⁵² Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 227.

⁵³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 230.

⁵⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 233.

⁵⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 286.

⁵⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 287.

ideal' e o 'eu idealizado', os valores e sua função psicológica. A segunda parte versa sobre a pessoa do presbítero em amadurecimento, e destaca as fases da identidade, da intimidade e a 'generatividade' sacerdotal. A problemática humanoafetiva e existencial do padre está no centro do debate. O texto apresenta um estereótipo presbiteral.

O padre *light* é alguém que ama a Igreja viva e serve aos seus irmãos e irmãs. Ele cultiva honestamente a espiritualidade e a oração; trabalha para superar suas limitações e fraquezas; divide com o presbitério e a comunidade suas riquezas, preocupações e projetos pessoais. Relaciona-se "bem" com as pessoas, assume a causa dos pobres, estuda, reza, crê. Numa palavra, não pretende acomodar-se à "área mediocridade" de uma vida ainda bastante respeitada e respeitável.⁵⁷

Apesar de cumprir com seus deveres e obrigações de escolhido por Deus e representante da Igreja de Jesus Cristo, age sobre o presbítero dúvida e medo de refletir e aprofundar sua escolha livre pelo Reino de Deus, de mergulhar no seu ser e perguntar-se sobre o sentido de sua vida e de sua vocação. Conforme o texto-base, é pertinente esclarecer que o padre *light* não representa os presbíteros

em crise, frustrados e infelizes com a vocação escolhida, envolvidos afetivamente com outra opção de vida, como o casamento, que antes não se punham. Não alude, tampouco, aos casos patológicos, quando distúrbios e doenças mentais são a raiz explicativa do mal-estar sentido. Fala é do padre comum, do "bom padre" que devido às circunstâncias tensas e aos desafios da cultura urbana, entra em stress espiritual, pastoral e psíquico.⁵⁸

A tensão da vida urbana causa em muitas pessoas distúrbios mentais. Desta constatação, não está isento o padre, que embora, sofra a pressão diária da demanda de atividades, consegue, na maioria das vezes, manter o equilíbrio psicológico e espiritual, porém, não é capaz de ir além do ordinário, parece paralisado, dando sinais de uma vida simulada. Simplesmente faz, porém não se pergunta por que faz.

Nesse sentido, a psicologia considera prejudicial a atitude ilusória e superficial de "pensar e tentar viver o ideal do serviço ministerial como se fosse um processo retilíneo e não ambíguo sem perceber que é carregado de contrariedades internas, de duplicidades que carecem de discernimento permanente".⁵⁹ A 'idealização' do sacerdócio é uma concepção que exige esforço e confronto pessoal com as motivações mais íntimas que impulsionam alguém a optar pela vida presbiteral. Além disso,

⁵⁷ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 315.

⁵⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 315.

⁵⁹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 319.

quem idealiza em exagero a vocação, quase sempre acaba enveredando em uma teia de fantasias ilusórias que desmotivam, geram insegurança e podem levar ao cinismo de bom funcionário que já não vê sentido no que faz. Corre, assim, o perigo de entrar em *stress* motivacional, pois o ideal já não alimenta a vida. Ao contrário, a vocação de quem tem um ideal que equilibra conscientemente o real e o desejado, permanece força geradora de vida. Dá segurança e convida a avançar.⁶⁰

Quanto à pessoa do presbítero em amadurecimento, é importante perceber que “a formação é um processo permanente, pois permanentes e ininterruptas são as mudanças às quais somos submetidos nas modernas culturas urbanas”.⁶¹ Fica ultrapassada a ideia de que existe um período formativo determinado, e que com a ordenação o candidato está pronto ou que depois de alguns anos de padre, com alguma experiência, esteja maduro definitivamente.

Acredita-se que, somente depois dos 30 anos, após as experiências vividas, até então, “o presbítero, ‘desidealizando’ o que aprendeu nos anos de formação, começa a sentir os questionamentos existenciais, culturais e espirituais que o exercício do ministério traz consigo, mexendo fundo com o seu *self* e com o seu trabalho de pastor”.⁶² Há três fases distintas no processo de maturidade. A primeira é o confronto com a vida de padre que vai da ordenação até os 40 anos; a segunda é o período da meia idade sacerdotal, que compreende dos 40 aos 60 anos; e a terceira fase é a da maturidade ‘plena’, após os 60 anos.⁶³

A intimidade é a fase do arriscar-se, do ir ao encontro do outro, sem isolar-se. “Ou a pessoa passa a ser realmente solidária e ‘íntima’ com as pessoas e causas que abraçou ou parte para o ‘isolamento’ qualitativo em relação a si e às afiliações feitas no passado”.⁶⁴ O padre *light* resiste em desafiar-se numa atitude de transcendência que busca a intimidade com o outro. Geralmente, investe em relações superficiais, sem deixar-se conhecer nem se aprofundar no conhecimento do outro. É capaz de receber afeto, mas não consegue retribuir.

A fase da intimidade é o período da vida em que é muito fortemente proposta ao presbítero a questão do celibato, agora experimentado não mais como um ideal futuro, mas realidade concreta e exigente do dia-a-dia. Aí acontece a decisão mais definitiva pelo estilo pessoal de conduzir sua afetividade.⁶⁵

A capacidade do presbítero de tornar-se íntimo está diretamente relacionada à experiência de Deus, à vida de oração, ao exercício da caridade e ao propósito de lutar pela justiça. E por fim, a fase da ‘generatividade’ sacerdotal, que implica geração, criação, projeto a

⁶⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 319-320.

⁶¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 321.

⁶² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 322.

⁶³ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 322.

⁶⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 330.

⁶⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 330.

ser realizado, que tenta responder qual é o sentido da vida presbiteral. Generatividade não é sinônimo de aposentadoria, é “busca consciente do impulso criador aí existente, como necessidade interna de tornar fecundo o que se viveu, amou e partilhou”.⁶⁶

1.2.7 A realização pessoal do presbítero no 7º Encontro Nacional de Presbíteros

O instrumento preparatório para o 7º ENP ressalta a importância da existência e apoio da Pastoral Presbiteral dentro das dioceses, como missão do cuidado com o padre. Isto é, atenção para com sua saúde física e psíquica. A realização do presbítero, bem como a eficiência de sua pastoral, exige equilíbrio de afetos e emoções. Por isso, é indispensável, “privilegiar, na formação inicial e permanente, a dimensão humanoafetiva, dado o peso que o nível emocional tem para uma vida saudável”.⁶⁷

Quanto à realização pessoal do presbítero, destaca-se que a “dimensão humanoafetiva, base de todo o processo formativo, deve ser considerada em todas as instâncias da pessoa e da vida do presbítero”.⁶⁸ Para auxiliar o padre a amadurecer afetivamente e perseverar na sua missão, sugere-se amizades verdadeiras e sólidas, constante revisão de vida, acompanhamento psicológico, estudo da Psicologia e atenção aos padres recém-ordenados.⁶⁹ Pode-se afirmar que

a formação inicial e a permanente não correspondem adequadamente às necessidades de ordem emocional e afetiva da vida dos seminaristas e dos presbíteros. Alguns se ressentem da falta de convicção evangélica e de estruturas de apoio, ficando o celibato acorrentado a uma vida de solidão, de isolamento. Por isso, são frequentes os bloqueios e, às vezes, alguns escândalos na área da sexualidade.⁷⁰

A realização pessoal do presbítero na opção pelo celibato é o aspecto que encontra maiores dificuldades e desafios na atualidade. Além do impulso natural, existe um forte apelo, por todos os meios, ao fortalecimento e à propagação de uma cultura hedonista, egoísta, que ‘usa’ o ser humano como meio de obter prazer, sem comprometimento com a própria pessoa.

1.2.8 A relação do presbítero com o feminino no 8º Encontro Nacional de Presbíteros

No instrumento preparatório ao 8º ENP a dimensão humanoafetiva é abordada de forma mais direta, na parte que disserta sobre o novo presbítero com o coração centrado em Cristo. O

⁶⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 332.

⁶⁷ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 362.

⁶⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 367.

⁶⁹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 368-369.

⁷⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 369.

texto afirma que “o padre também é ‘homem’, é no duplo sentido: é gente como a gente, ‘vivendo em tudo a condição humana’, como Cristo, que assumiu nossa ‘carne’; e é varão, com os sentimentos e pulsões de todo ser sexuado”.⁷¹

Também tem acento o papel da mulher na vida do presbítero, sendo ela, mãe, irmã, amiga ou colaboradora do seu ministério sacerdotal e vocação eclesial. Ao presbítero, cabe optar por não admitir ambiguidades no relacionamento com a mulher. Paulo orienta Timóteo a tratar “às mulheres anciãs como mães, e às jovens como irmãs, com toda pureza” (1Tm 5,2).

A problemática da solidão afetiva está diretamente relacionada à opção pelo celibato. Desde o período formativo, o futuro presbítero é estimulado a realizar a experiência do ‘estar só’, de encontra-se consigo mesmo e com Deus, no silêncio. A maturidade afetiva permite viver a solidão como oportunidade de aprofundar a espiritualidade e o conhecimento intelectual, e também, proporcionar momentos de descanso e lazer.

O prazer de ser boa companhia para si mesmo é bem a ser desfrutado, virtude a se adquirir no caminho do amadurecimento afetivo. Revela competência no cuidar de si, no realizar um programa descontraindo de leitura, música, cinema, passeio, visita, oração, convivência fraterna.⁷²

Nesse encontro, tratou também das ‘crises afetivas’ dos presbíteros. A questão que veio à tona foi: “O que deve fazer o presbítero quando está afetivamente (e às vezes sexualmente) ‘envolvido com mulher’?”⁷³ Segundo o referido subsídio, “essa parece ser uma questão que não mereceu até hoje tratamento franco e do qual se pudesse extrair algumas lições mais gerais”.⁷⁴ Essa constatação, ressalta que, ainda existem situações diretamente relacionadas à afetividade e à sexualidade do presbítero, que são mantidas no silêncio. Quanto à relação do presbítero e a mulher, o subsídio esclarece, que a

identidade sexual diz respeito à identificação da pessoa com seu próprio sexo. Feliz se não foi barrado em sua capacidade de relacionamento com as jovens. Pois uma vocação que se sustentasse em alguma motivação menos elaborada em relação ao confronto com moças e mulheres (não mães ou irmãs) prepararia armadilhas críticas, para si próprio.⁷⁵

Desta forma, fica evidente que o problema afetivo não é a existência ou presença da mulher na vida do presbítero. Consta-se que há lacunas no processo de seu autoconhecimento,

⁷¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 418.

⁷² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 420.

⁷³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 422.

⁷⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 422.

⁷⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 424.

no que diz respeito à sua intimidade e à integração de sua identidade, o que dificulta o relacionamento maduro e afetivo com a pessoa do sexo oposto. Assim, as carências afetivas geram ambiguidades e confusão de sentimentos entre a mulher e o presbítero.

Além de equilibrar psicologicamente os afetos e as emoções, é preciso buscar na espiritualidade cristã a força e a coragem necessária para equacionar e discernir o que é instintivo. “O Senhor nos chama à santidade que assume e integra harmoniosamente a maturidade humana. Ora, se alguém tem um organismo espiritual bem nutrido (pela Palavra, oração e sacramentos), está em condições de enfrentar e superar suas ‘crises afetivas’”.⁷⁶ Sendo assim, a vida presbiteral assume um caráter transparente por excelência, onde as relações são sinceras e verdadeiras, sem duplo sentido e intenções subliminares.

1.2.9 A saúde do presbítero no 9º Encontro Nacional de Presbíteros

O 9º ENP traz para a reflexão o desafio da saúde e da esperança do presbítero. Nos encontros anteriores já aparece o termo ‘padre *light*’, nesse, a expressão ‘vida pessoal *light*’. O que leva a entender que o “presbítero concede à sua própria pessoa frequentes oportunidades de diversão, descanso e até evasão”.⁷⁷ Quanto à saúde psicofísica do padre, conclui-se que a maioria vivem estressados e isolados, são negligentes com a saúde, trabalham excessivamente e não se sentem realizados, o que os torna frágeis psicologicamente,⁷⁸ suscetíveis a ocasiões de aconchego afetivo que compense o vazio do profissional do sagrado.

1.2.10 A segurança afetiva do presbítero no 10º Encontro Nacional de Presbíteros

O instrumento preparatório ao 10º ENP apresenta uma pesquisa realizada com os padres durante o 9º ENP, que visa analisar a autorrealização do presbítero brasileiro. Foram em torno de 340 entrevistados, de mais de 220 dioceses, que participaram e responderam a um questionário que abrangeu, dentre vários assuntos, a temática da afetividade e da sexualidade do presbítero.

A cultura (pós) moderna fomenta uma espécie de hipersexualismo que traz consequências nefastas para a integração da identidade e pessoal do presbítero. No que se refere à segurança do padre quanto à sua integração afetiva sexual, a pesquisa revelou que 1,5% dos

⁷⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 427.

⁷⁷ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 475.

⁷⁸ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 476.

entrevistados não se sentem nada seguros; 9,2% pouco seguros; 45,9% mais ou menos seguros; 37,9% bastante seguros; e 5,5% sentem-se inteiramente seguros.⁷⁹

1.2.11 O celibato sacerdotal no 11º Encontro Nacional de Presbíteros

A problemática do celibato volta a figurar no texto-base do 11º ENP, quando trata do ministério dos presbíteros no período conciliar e pós-conciliar. O Regional Leste 1 afirma que há uma crise existencial que é a causa de inúmeras desistências e infidelidades dos presbíteros no Brasil. Muitos padres querem casar-se e continuar no ministério. Conforme o Regional supracitado, celibato e sacerdócio não estão obrigatoriamente ligados. Nesta senda, caminha também o inter-regional Nordeste I, II, III, que defende que há razões teológicas, pastorais, sociais e psicológicas que sustentam que a disciplina eclesial quanto ao celibato dos presbíteros poderia ser abolida.⁸⁰

A reflexão do 11º ENP destaca a Exortação Apostólica pós-sinodal do Papa João Paulo II – *Pastores Dabo Vobis* (PDV) - sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, de 1992. “O itinerário formativo presente na PDV parte da pessoa do padre, de sua natureza humana, como alicerce sobre o qual se erguerá todo o edifício de sua formação e realização como presbítero”.⁸¹ Inúmeros padres no decorrer dos ENPs, afirmaram “que a formação recebida nos seminários, quer seja intelectual, quer seja nos seus aspectos humanoafetivos, não os prepara realmente para os embates da vida de hoje”.⁸²

1.2.12 A formação humanoafetiva no 12º Encontro Nacional de Presbíteros

O texto-base ao 12º ENP traz o texto “*Ser Presbítero*” de autoria do Cardeal Cláudio Hummes, que descreve que há apenas uma pequena parcela de padres que se envolvem em desvios e abusos na conduta moral-sexual, por exemplo, a pedofilia. Porém, 99% do clero estão isentos desses males.⁸³ Hummes destaca quatro formas de o presbítero viver o celibato, na busca de encontrar-se e se reencontrar com Jesus, são elas: a Sagrada Escritura; a liturgia, especialmente nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação; a oração pessoal e comunitária; e o relacionamento fraterno com todos, principalmente, os mais pobres.⁸⁴

⁷⁹ Cf. CNP. *O presbítero no mundo globalizado*. 10º ENP. p. 41.

⁸⁰ Cf. CNP. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º ENP. p. 25.

⁸¹ CNP. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º ENP. p. 25.

⁸² CNP. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º ENP. p. 28.

⁸³ Cf. CNP. *Presbítero: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º ENP. p. 17-18.

⁸⁴ Cf. CNP. *Presbítero: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º ENP. p. 21-22.

Ao final do instrumento preparatório, dentre as várias propostas que foram sugeridas e assumidas pelos padres, como compromisso e motivação para a vida e o ministério presbiteral está, “investir na formação humanoafetiva do presbítero, sobretudo como homem de relações com o presbitério, com os agentes de pastoral, com os membros das comunidades e com os diversos âmbitos da sociedade”.⁸⁵

1.2.13 A identidade presbiteral no 13º Encontro Nacional de Presbíteros

O 13º ENP foi de cunho celebrativo e fortaleceu a comunhão presbiteral, inclusive fez memória e síntese dos 25 anos de história dos encontros. Quanto à dimensão humanoafetiva, ressalta-se o valor da capacidade de discernimento do presbítero diante da realidade vigente. “Ao acompanhar as comunidades e ler os sinais dos tempos, percebem que também sua vida, suas alegrias e tristezas, seus problemas concretos (saúde, sustento) e sua busca de identidade fazem parte da realidade maior que desafia comunidades e pastores ao mesmo tempo”.⁸⁶

O subsídio ressalta que o tema da identidade presbiteral esteve presente em todos os ENPs e alerta que “na sociedade pós-moderna, volta à possibilidade de assumir papéis antigos pelo preço da regressão a atitudes pré-modernas, alienantes e neoclericais que infantilizam os fiéis e verticalizam unilateralmente o poder sagrado”.⁸⁷ Por outro lado, destaca-se o surgimento dos presbíteros midiáticos-carismáticos que tendem ao individualismo à colegialidade.

1.2.14 A cultura do efêmero no 14º Encontro Nacional de Presbíteros

O 14º ENP em seu texto-base aborda a identidade e a espiritualidade do presbítero num período pós-moderno que tem como característica a “cultura do transitório, do passageiro, do presentismo”,⁸⁸ que afeta diretamente o padre, que em sua ordenação sacerdotal promete, para sempre, uma vida celibatária. As decisões definitivas e os compromissos permanentes não estão em sintonia com a pós-modernidade, como o casamento e o sacerdócio. A dimensão humanoafetiva é referida quando se aponta para a cultura do corpo, do estético, do superficial e da exterioridade, bem como da tirania do prazer e do descompromisso.

O individualismo também é consequência que atinge a humanidade e de forma especial o ministério presbiteral. Neste contexto pós-moderno, prefere-se “a contradição, o dissenso, a

⁸⁵ CNP. *Presbítero*: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina. 12º ENP. p. 46.

⁸⁶ CNP. *ENPs, 25 anos*: celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral. 13º ENP. p. 19.

⁸⁷ CNP. *ENPs, 25 anos*: celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral. 13º ENP. p. 25.

⁸⁸ CNP. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º ENP. p. 11.

divergência, a indiferença em face dos outros, a ambiguidade, os pequenos prazeres e sua realização neles”.⁸⁹ Outro aspecto é a substituição das relações humanas presenciais pelas virtuais. O que se sabe, realmente, sobre a identidade da pessoa com a qual se está se relacionando virtualmente? O presbítero também é alvo dessas mudanças. Há que se mencionar também a tensão existente entre vocação e profissão.

O fato de lentamente ir-se introduzindo no caso de bispos, párocos e outras funções ministeriais a ideia de renúncia, de jubilação, de aposentadoria de tornar-se “emérito” revela subliminarmente que se trata antes de uma profissão que de vocação da parte da instituição que confere tal status.⁹⁰

A realidade da escassez de vocações e do tímido engajamento pastoral dos leigos nas paróquias, fazem com que os presbíteros se sintam absorvidos pelas tarefas burocráticas e rotineiras da vida eclesial. A realização pessoal enfrenta grande questionamento quando a vocação assume um caráter de profissionalismo, medindo-se pela eficácia e desempenho, e não pela espiritualidade e cuidado com o povo de Deus.

1.2.15 O poder na vida presbiteral no 15º Encontro Nacional de Presbíteros

O 15º ENP, em seu instrumento preparatório, acena para os grandes riscos aos quais, os presbíteros tendem em incorrer na vivência do seu ministério. Dentre eles, o carreirismo, o individualismo, o isolamento, o clericalismo, o indiferentismo, o autoritarismo, o consumismo e a dependência química. “Se homens de Deus e da comunidade, aos presbíteros convém afastar-se do estigma de serem ‘meninos de recado’, ‘funcionários de Deus’, ‘pop-stars’, ‘especialistas do sagrado’ e ‘dinheiristas’”.⁹¹ O presbítero é mais do que homem de Deus, é um dom sagrado a serviço de toda comunidade eclesial.

1.2.16 A formação permanente no 16º Encontro Nacional de Presbíteros

O texto do 16º ENP toca a humanidade do presbítero ao tratar da solidão do celibato, como solidão mística, necessária para equilibrar internamente as tendências ao ativismo, à dispersão, ao hedonismo, ao esgotamento e às crises depressivas, enfrentadas pelos presbíteros em sua ação pastoral.

⁸⁹ CNP. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º ENP. p. 20.

⁹⁰ CNP. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º ENP. p. 22.

⁹¹ CNP. *Concílio Vaticano II e os Presbíteros do Brasil: testemunhas de fé, esperança e caridade*. 15º ENP. p. 79.

A reserva da solidão do celibato pode ajudar na purificação das verdadeiras relações e das boas intenções, na boa medida entre os excessos: o excesso de extroversão que foge da intimidade com o único esposo mesmo em família numerosa, e o excesso do narcisismo que se torna incapaz de sair de si por se acreditar grave demais tanto positivamente – melhor que os outros – como negativamente – um miserável.⁹²

O subsídio ainda destaca o fomento da implementação da Pastoral Presbiteral nas dioceses, como forma de garantir a formação permanente aos presbíteros. Diante da existência de uma mentalidade individualista, autocentrada e egoísta entre os padres, além da falta de convicções profundas que conduz o padre a aderir às mais diversas ideologias vigentes, apela-se, urgentemente, que a Pastoral do Cuidado Presbiteral o auxilie e o convença a cuidar de si mesmo para atender melhor a porção do povo de Deus, a ele confiado.

A constituição da identidade presbiteral se faz de forma sistemática e progressiva. Pois, “não se é verdadeiramente presbítero sem ser autêntico cristão, e não se é autêntico cristão se não se leva em conta a eterna aventura de se fazer humano, se fazer gente, aprendendo a viver e conviver com todas as alteridades que a vida se nos apresenta”.⁹³ Nesse sentido, faz-se primordial o incentivo e a promoção da formação permanente, que olha o presbítero num todo, na sua integralidade, ser e agir, chamado e missão. Por isso,

quanto mais a formação se estender a toda a humanidade da pessoa, mais se estenderá também a cada dia da sua vida, terrena. Essa ideia de totalidade está conectada à intensidade do caminho formativo, com sabor de algo definitivo, estável, profundo, contínuo, humano.⁹⁴

A realização humana e vocacional do presbítero acontece na medida em que ele aumenta sua capacidade de se configurar a Jesus Cristo. “Tende em vós o mesmo sentimento do Cristo Jesus” (Fl 2,5). É um processo de contínua identificação do presbítero-pastor da Igreja, ao Filho de Deus, o Bom Pastor, excelência em humanidade, acolhida, abertura e partilha, através de palavras e atitudes.

1.2.17 A Síndrome de *Burnout* no 17º Encontro Nacional de Presbíteros

O 17º ENP, em seu instrumento preparatório, entre outros temas, aborda a chamada síndrome de *Burnout*, espécie de sofrimento psíquico, que atinge o ser humano, independentemente de sua profissão, bem como, afeta também os presbíteros, levando-os à

⁹² CNP. *Presbíteros no Brasil*: a alegria no anúncio do evangelho. 16º ENP. p. 15-16.

⁹³ CNP. *Presbíteros no Brasil*: a alegria no anúncio do evangelho. 16º ENP. p. 79.

⁹⁴ CNP. *Presbíteros no Brasil*: a alegria no anúncio do evangelho. 16º ENP. p. 80.

desmotivação, insatisfação e esgotamento físico e emocional. Trata-se de uma enfermidade laboral, onde a sobrecarga de atividades tem como consequência, o desânimo, a sensação de vazio, o estresse e a depressão.

No caso dos presbíteros, devido ao excesso de atividades burocráticas e repetitivas, com insignificante retorno afetivo, são comuns os fracassos e frustrações na ação pastoral. Quanto ao presbitério, prevalece um clima implícito ou explícito de rivalidade. Espiritualmente, a inexistência de intimidade com Deus na oração. Tudo isso, gera solidão existencial, e desemboca num leque de problemas afetivos e emocionais.⁹⁵

A vida do presbítero, apesar de conter inúmeras realizações, não deixa de conter desenganos e frustrações consigo mesmo, com a comunidade e com os colegas padres. A falta de valorização e reconhecimento é normal. Os presbíteros sentem-se como servos inúteis, fazem o que deveriam fazer. Como lidar com as desilusões? “Do ponto de vista da saúde psíquico-espiritual parece mais prudente aceitar as decepções e limitações tirando proveito delas para crescer e amadurecer afetiva e espiritualmente”.⁹⁶

A tentativa comum de fugir dos questionamentos existenciais e as diversas possibilidades de compensação afetiva não resolvem o problema. O processo de amadurecimento exige aceitação e enfrentamento das situações conflitantes que produzem instabilidade e desequilíbrio psíquico e espiritual. “Experimentar a própria impotência e dizer ‘sim’ a ela, suportar incompreensões e frustrações, às vezes até injustiças, pode se tornar caminho para o amadurecimento pessoal”.⁹⁷

De acordo com cada avaliação, o acompanhamento psicológico é indispensável. É preciso acolher, aceitar e integrar a crise, seja existencial ou vocacional. A busca por partilhar com alguém o que se sente e o que se vive, é o primeiro passo e exige humildade e confiança. “Encontrar alguém capaz de nos escutar, entender nossos abismos e nos ajudar a pôr em ordem o caos de nossas decepções e limites é verdadeira graça de Deus”.⁹⁸

Sem sobra de dúvida, auxilia, e muito, uma alimentação saudável, a prática de exercícios físicos, o descanso semanal e outras atividades de lazer. Além disso, o presbítero não pode deixar de prestar “atenção às dificuldades pessoais e às disposições do temperamento parece necessária para que o pastor não se torne um ministro antipático, que transfere para as relações interpessoais seus descontentamentos e frustrações”.⁹⁹

⁹⁵ Cf. CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 70-71.

⁹⁶ CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 73.

⁹⁷ CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 75.

⁹⁸ CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 80.

⁹⁹ CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 105.

1.3 A EVOLUÇÃO DA REFLEXÃO DA DIMENSÃO HUMANOAFETIVA A PARTIR DOS CONTEXTOS EPOCAIS

De 1985 a 2018, aconteceram dezessete Encontros Nacionais de Presbíteros (ENPs), que apresentaram, a cada dois anos, através dos instrumentos preparatórios, temáticas diversificadas referentes à dimensão humanoafetiva do presbítero no Brasil. A maioria dos subsídios traz, no mínimo, um capítulo sobre o tema. Percebe-se, em mais de três décadas, a frequência de alguns assuntos, dentre eles, a identidade presbiteral, opção pelo celibato sacerdotal e importância da fraternidade presbiteral.

Na coletânea dos textos-base dos ENPs destaca-se a utilização de bibliografia atualizada e especializada. Dentre as principais fontes, está a Palavra de Deus, os documentos do Magistério da Igreja, textos do Concílio Vaticano II e das Conferências Episcopais latino-americanas e brasileira, bem como obras de autores nas áreas da Sociologia, Psicologia, Filosofia e Teologia. Também colaboraram com os conteúdos dos ENPs, bispos e padres estudiosos da vocação presbiteral.

1.3.1 Abordagem da realidade sociocultural nos instrumentos preparatórios aos ENPs

Cada texto-base para os ENPs foi elaborado e alicerçado no contexto social e cultural de sua época, e proporciona aos presbíteros brasileiros um olhar mais aprofundado da realidade do país, com suas mudanças e desafios atuais que afetam diretamente a Igreja, em sua missão de evangelizar, e diretamente o ser humano e suas relações. Os fenômenos da secularização, da urbanização, e da globalização são abordados direta e indiretamente em todos os instrumentos preparatórios aos ENPs.

Os instrumentos preparatórios têm o objetivo de refletir e implementar as mudanças propostas no Concílio Vaticano II, e que atuaram diretamente no ser, na espiritualidade e na missão do presbítero. As transformações advindas do evento conciliar provocaram uma crise de identidade presbiteral, e forçaram uma adaptação à nova realidade. Parcela considerável do clero julgou-se incapaz de tal adequação, vindo a abandonar o sacerdócio.

No decorrer dos ENPs, verifica-se a intensificação do processo de secularização que, gradativamente, atinge todas as esferas da sociedade, até então, subordinadas à religião: a economia, o pensamento filosófico, a política, os costumes e o comportamento do povo, que se tornam autônomos. Surge o movimento: “do deslocamento da religião na sociedade. Leva da religião-eixo da sociedade (como na ‘cristandade’ medieval, ou no Brasil colonial do

‘Padroado’) para a religião particular, pessoal ou familiar (‘privatização da religião’).¹⁰⁰ Numa sociedade secularizada onde impera o relativismo, pergunta-se, qual o lugar e a missão do presbítero?

Numa sociedade que tenha a religião como eixo, seu lugar é central. Numa sociedade em que a religião é, fundamentalmente, questão de opções pessoais e subjetivas, o lugar do presbítero depende muito mais das opções efetivas tomadas pela comunidade eclesial e do desempenho do próprio padre.¹⁰¹

Outro fenômeno social que fortalece a realidade da secularização é o processo de urbanização. O êxodo rural faz com que a maior parte da população migre para as cidades. “O processo de urbanização facilita a difusão da ‘secularização’ e do individualismo, solapando as estruturas sociais e comunitárias da sociedade tradicional”.¹⁰² A pastoral urbana é um dos grandes desafios da Igreja no Brasil hoje, e exige do presbítero uma constante atitude de lançar-se ao encontro do outro. Isso, certamente, será capaz de provocar instabilidade afetiva em muitos padres.

A Igreja, em sua história, estruturou-se, praticamente, para a civilização rural. E, diante dos contextos de mudanças, encontra dificuldades para adequar-se aos desafios do mundo urbano. “A secularização, do estilo urbano de pensar e viver, da dominação socioeconômica típica do capitalismo dependente, tornará provavelmente cada vez mais exíguo o campo de ação social e política do padre enquanto homem da Igreja”.¹⁰³ Cabe à formação presbiteral focar na realidade social, econômica, política e cultural de inserção do padre.

O fenômeno da secularização, portador de uma mentalidade relativista e individualista, influencia e determina a ação do presbítero em seu ministério eclesial. O secularismo é, “ideologia liberal que acompanha a formação do mundo moderno desde a sua origem, ligada à economia capitalista que incentiva o consumo”.¹⁰⁴

Nos instrumentos preparatórios aos ENPs, contata-se que, na sociedade moderna brasileira, inclusive no ministério presbiteral, há uma busca desenfreada e até inconsciente pela, “satisfação imediata do desejo, o prazer, com o risco não apenas de hedonismo materialista, mas de enfraquecimento da personalidade do eu, mantido em estágio de imaturidade, de narcisismo, de incapacidade de assumir sacrifícios e compromissos duradouros”.¹⁰⁵

¹⁰⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 54.

¹⁰¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 60.

¹⁰² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 57.

¹⁰³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 98.

¹⁰⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 55.

¹⁰⁵ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 55.

1.3.2 A crise de identidade do presbítero após o Concílio Vaticano II

Os instrumentos preparatórios aos ENPs trazem temáticas que, praticamente, aparecem em todos os encontros, como por exemplo, a crise de identidade do presbítero. O 1º e 2º ENPs apresentam o questionamento sobre o papel específico do presbítero diante da nova realidade, após o Concílio Vaticano II, que exige do padre um redirecionamento em sua atuação pastoral que provoca redefinições em suas concepções formativas.

Como resposta, ao que foi questionado, sugere-se a atuação em uma Igreja toda ministerial, em que o presbítero faça somente aquilo que lhe é próprio. Ver na crise do presbítero uma oportunidade de pensar novas estratégias de evangelização, é que o sugere em síntese o 3º ENP. O lado positivo da crise é a provocação e o incentivo a uma nova consciência de identidade e a adaptação das estruturas eclesiais a um contexto inédito.¹⁰⁶

A identidade presbiteral bem definida proporciona realização pessoal, tema que também teve destaque no decorrer dos ENPs. O assunto aparece, pela primeira vez, no 2º ENP, como resultado de uma mentalidade individualista somado à cultura hedonista vigente. No caso do padre, percebe-se que quando há testemunho do que se vive, há realização pessoal.¹⁰⁷ Portanto, o desafio do presbítero é ser ele mesmo, sem necessitar de artifícios que possam dar a impressão de interpretação teatral.

O 3º ENP alerta aos presbíteros que assumir o ministério sacerdotal, por si mesmo, e o celibato por causa do ministério, simplesmente, por acatar uma norma da Igreja, implicará numa não realização pessoal.¹⁰⁸ O 4º ENP destaca os aspectos positivos da subjetividade, ou seja, a valorização da pessoa e da experiência subjetiva. “O direito à realização pessoal e à felicidade, embora na visão cristã deva ser subordinado à solidariedade e à doação, é fortemente ligado à modernidade”.¹⁰⁹ Já o 5º ENP associa a realização pessoal com a cultura urbana. A cidade é o lugar de concretizar os sonhos, da liberdade, da convivência, do bem-estar, apesar da massificação da cultura.¹¹⁰

No 7º ENP o tema ganha maior espaço, tratando da realização pessoal do presbítero, em quatro níveis: na relação com Deus, na opção vocacional, na opção pelo celibato e na relação com os leigos. “Entendida não no sentido do individualismo, do hedonismo e do consumismo, mas como realização pessoal, a felicidade é dom de Deus, e ao mesmo tempo, tarefa nossa”.¹¹¹

¹⁰⁶ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 119.

¹⁰⁷ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 71.

¹⁰⁸ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 149.

¹⁰⁹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 182.

¹¹⁰ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 221.

¹¹¹ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 365.

Sendo assim, todo o presbitério é responsável pela realização de cada padre, No entanto, não isenta o indivíduo de buscar o aprofundamento constante de sua identidade.

O 10º ENP reflete sobre a reconfiguração e a reconstrução da identidade do presbítero e da Igreja, frente ao processo da globalização. Nesse processo, a força da tradição religiosa, com seus costumes e ritos, diminui gradativamente e fortalece a subjetividade, a livre iniciativa de estabelecer vínculos, a responsabilidade por atos e escolhas. Por outro lado, a chamada ‘destradicionalizaço’ causa instabilidade e insegurança, pois na ausência das instituições e suas normas, restam ao indivíduo as consequências de suas próprias decisões.¹¹²

As inovações trazidas com o surgimento de sociedades globalizadas e ps-tradicionais, montadas em tecnologias avançadas, alteraram profundamente as concepções, normas e modos dentro dos quais se construíam as relações entre as pessoas e sua socialização em instituições.¹¹³

O fato de ser presbítero numa sociedade globalizada exige reconfigurar a própria identidade pessoal, enfrentar carências, inseguranças e a fragmentação das relações humanas. Todas essas influências são sentidas e vividas pelo presbítero, independente do meio em que ele exerce seu ministério sacerdotal.

Desde a década de 80, até os dias de hoje, o que mais se percebe em relação à atuação do presbítero é o fenômeno do ativismo, fruto da ampla e desgastante demanda de atividades que ele precisa dar conta no seu cotidiano. Assoberbado e absorvido por inúmeras funções, do presidir a Eucaristia ao fazer a contabilidade da paróquia, o presbítero é identificado como o ‘funcionário do sagrado’ e o ‘burocrata da Igreja’.

O 14º ENP afirma que a cultura pós-moderna  causadora da fragmentação e da perda da consistência da identidade do presbítero, que vive para servir uma comunidade e a ela se compromete definitivamente, também pela opção do celibato. Tais valores são considerados obsoletos na cultura pós-moderna.¹¹⁴ O texto base ainda trata das consequências que o uso da *internet*, por meio das redes sociais, acarreta diretamente na identidade do presbítero, principalmente, em suas relações e na percepção de tempo e espaço.¹¹⁵

O tema da identidade do presbítero, na trajetória dos encontros,  resgatado no 15º ENP, que destaca a diferença do papel do padre antes e depois do Concílio Vaticano II. Ainda são percebidos espaços para retrocessos, sinais de individualismo, autoritarismo, carreirismo e

¹¹² Cf. CNP. *O presbítero no mundo globalizado*. 10º ENP. p. 35.

¹¹³ CNP. *O presbítero no mundo globalizado*. 10º ENP. p. 38.

¹¹⁴ Cf. CNP. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º ENP. p. 9.

¹¹⁵ Cf. CNP. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º ENP. p. 20.

clericalismo. “É perceptível certa centralização das atividades, resistência a críticas e/ou mudanças e um acentuado autoritarismo dos presbíteros, revelando, assim, uma relação vertical, na qual o presbítero é colocado como quem sabe tudo e como aquele que manda na paróquia”.¹¹⁶

De acordo com o 17º ENP, a realidade dos presbíteros sobrecarregados de atividades, o trabalho burocrático e repetitivo, as decepções nas atividades pastorais, as rivalidades dentro do presbitério, a substituição do modelo tradicional de paróquia pelo midiático de evangelização, a pluralidade de espiritualidades e a multiplicidade de referências são possíveis causas da perda da identidade presbiteral, responsável pela baixa autoestima, distanciamento do presbitério e solidão, terreno fértil para problemas de ordem afetiva.¹¹⁷

1.3.3 O celibato sacerdotal como desafio à abertura ao outro e a Deus

O tema do celibato, sem dúvida, é o mais recorrente em todos os ENPs, atrelado, na sua essência, à dimensão humanoafetiva. No 2º ENP, o assunto aparece dentro do desafio da intimidade do presbítero, isto é, na sua privacidade, reciprocidade, abertura ao outro e a Deus, engajamento e doação de si. Dessa forma, o celibato é visto como “opção de quem reserva sua intimidade pessoal para um amor que se reparte”.¹¹⁸

O que se constata é que muitos presbíteros vivem de forma individualista a dimensão da intimidade, e resistem em enfrentar e superar suas instabilidades afetivas. Se esse amadurecimento humanoafetivo não for perseguido pelo presbítero, por maior que seja seu idealismo, força de vontade e mesmo confiança no Senhor e sua dedicação ao Reino, não pode superar o desafio da intimidade e chegar a uma reciprocidade em que esteja inteiro e crescendo sem ferir, ou usar o outro, especialmente a mulher.¹¹⁹

O 3º ENP chama a atenção para os presbíteros que têm dificuldade de viver o celibato. Na raiz da questão, estão problemas humanoafetivos e a falta de fraternidade no presbitério, que favorece o isolamento. Questiona-se: “a ordenação de homens casados não ajudaria a resolver vários problemas de ordem pessoal, eclesial e pastoral?”.¹²⁰ A proposta do celibato opcional aparece no 7º ENP.¹²¹ Quando falta aprofundamento evangélico e teológico do sentido do celibato, o presbítero realiza a experiência da solidão pautada pelo medo e pela resistência do encontro com o outro.

¹¹⁶ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 37.

¹¹⁷ Cf. CNP. *Presbítero: discípulo do Senhor e pastor do rebanho*. 17º ENP. p. 71.

¹¹⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 95.

¹¹⁹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 96.

¹²⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 149.

¹²¹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 369.

O 8º ENP, ao tratar das instabilidades emocionais do presbítero, volta a relacionar a dimensão afetiva com a proximidade entre o padre e a mulher. A banalização da sexualidade e o sexo apenas pelo prazer dificultam o apreço pela castidade e a consequente perseverança na vida celibatária. “As crises afetivas não são as crises, em si mesmas, mais importantes da vida do presbítero, nem as mais frequentes. Mas são as mais intensas e as que produzem os efeitos mais decisivos, pois podem interromper o exercício do ministério”.¹²²

Por outro lado, o instrumento preparatório faz questão de esclarecer que a dificuldade em preservar a vida celibatária não está na existência da mulher, mas sim, na incapacidade do presbítero em relacionar-se com ela. A crise afetiva sempre é oportunidade de autoconhecimento e amadurecimento humanoafetivo. O período de inconsistência requer do presbítero abertura, diálogo e acompanhamento. A repressão precisa ser substituída pela integração dos afetos. “Para vencer uma crise afetiva, não basta equilíbrio psicológico; precisa apelar para uma fonte de energia mais alta: a espiritualidade”.¹²³

O homem é ser relacional e necessita interação, partilha e contato com o outro. O 8º ENP aborda a amizade heterossexual como fonte de fortalecimento dos vínculos afetivos saudáveis na vida do presbítero. A amizade “envolve a liberdade de trocas, apoio e convergência de perspectivas. Busca do bem do outro, sem outras implicações. Sem dependências afetivas sexuais, sem ambiguidades cultivadas no disfarce ou na misoginia”.¹²⁴ Em suma, são relações marcadas pela transparência, cada um sabe quem o outro é, e o que faz. É respeito e consideração diante da verdadeira identidade alheia.

O 11º ENP traz a realidade das desistências do ministério presbiteral e o desejo de muitos padres de casarem-se e continuarem sendo padres. Há divergências de opiniões quanto ao celibato opcional, enquanto alguns Regionais apoiam, outros apresentam reticências. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil não incentiva o debate.¹²⁵ O 12º ENP apresenta algumas formas em que o presbítero encontrará forças para perseverar na vida celibatária: a Palavra de Deus, a liturgia, a oração e o encontro com Cristo e as pessoas.¹²⁶

O tema do celibato é abordado pelo 16º ENP pelo viés da solidão mística, de encontro pleno com Deus, sustentado pela oração diária e pessoal. O padre que consegue fazer a experiência edificante e fortalecedora da solidão, enfrentará com mais maturidade os momentos de carência afetiva. É importante ressaltar que,

¹²² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 422.

¹²³ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 427.

¹²⁴ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 427.

¹²⁵ Cf. CNP. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º ENP. p. 25.

¹²⁶ Cf. CNP. *Presbítero: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º ENP. p. 21-22.

a reserva de solidão do celibato pode ajudar na purificação das verdadeiras relações e das boas intenções, na boa medida entre os excessos: o excesso de extroversão que foge da intimidade com o único esposo mesmo em família numerosa, e o excesso do narcisismo que se torna incapaz de sair de si por acreditar grave demais tanto positivamente – melhor que os outros – como negativamente – um miserável.¹²⁷

Enfim, a solidão se transforma de grande vilã, capaz de esvaziar e confundir a intimidade do presbítero, em significativa aliada, quando proporciona autoconhecimento e o conseqüente amadurecimento nas relações humanas. A título de prevenção, a Igreja estabelece que Pastoral Presbiteral promova e desenvolva a fraternidade entre os presbíteros, a fim de evitar o isolamento e a solidão relacional, que geram vazio e sensação de abandono.

1.3.4 A fraternidade e a comunhão presbiteral

A comunhão e a fraternidade presbiteral fomentadas pela Pastoral Presbiteral figuram na maioria dos ENPs. O bom relacionamento entre os padres de uma diocese gera fortalecimento e perseverança no ministério sacerdotal. O isolamento e a solidão abrem espaço para compensações afetivas que não condizem com a opção vocacional do padre.

O cuidado com a saúde integral do presbítero também foi tema contemplado em alguns ENPs, sempre diretamente relacionado com a fraternidade presbiteral. No 2º ENP, sugeriu-se às dioceses “criar e/ou incentivar a pastoral presbiteral que, em comunhão com o bispo, seu primeiro responsável, e com o Conselho de presbíteros, ajude os padres na dimensão humana, fraterna, espiritual e na sua missão de pastores”.¹²⁸ A fraternidade presbiteral possibilita maior cuidado da saúde física, psíquica e espiritual dos padres, através de várias iniciativas, principalmente da formação permanente.

Dentre algumas sugestões dadas pelo texto-base do 3º ENP, e que podem fortalecer a comunhão presbiteral e a maturidade humana do presbítero cita-se, atenção especial aos padres com dificuldades nas relações humanoafetiva; criar comunidades compostas por padres e leigos para rezar, partilhar os bens e revisar a vida; formação humanoafetiva; viabilizar encontros, repouso e férias coletivas do clero; dar continuidade aos ENPs.¹²⁹

O 7º ENP trata da fraternidade presbiteral e fomenta o investimento de tempo e recursos financeiros na saúde, na subsistência, na solidariedade e a formação permanente dos presbíteros. “Sendo pessoas que se doam tanto pelo povo, muitas vezes não têm tempo ou

¹²⁷ CNP. *Presbíteros no Brasil: a alegria no anúncio do evangelho*. 16º ENP. p. 15-16.

¹²⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 145.

¹²⁹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 145-146.

condições para cuidar de si. A comunidade eclesial deverá despertar para cuidar daqueles que entregaram todo seu coração, seu afeto e sua vida a serviço de Deus e de seu povo”.¹³⁰

É responsabilidade das dioceses e paróquias auxiliarem os presbíteros com o plano de saúde, as despesas previdenciárias, o cuidado com a saúde emocional e psíquica, o acompanhamento psicológico, o direito ao descanso semanal e férias, encontros e visitas. Atenção especial se dê aos padres doentes e idosos, e aos presbíteros nos primeiros anos de ordenação. Além disso, o subsídio chama atenção que os presbíteros necessitam ser amparados por recursos financeiros que garantam a dignidade de sua sobrevivência.¹³¹

A solidariedade humana, espiritual e material entre os presbíteros, visivelmente, “traduz-se na caridade, na oração e na mútua cooperação; concretiza-se na prática da hospitalidade, da beneficência, da comunhão de bens, da solicitude entre os doentes, aflitos, sobrecarregados de trabalhos, solitários, exilados da pátria e os que sofrem perseguição”.¹³² A fraternidade presbiteral favorece as formas de auxílio mútuo entre os padres. Exemplo disso, é a contribuição mensal dos presbíteros para um fundo comum, com a finalidade de auxiliar na formação permanente e no tratamento de saúde.

O 11º ENP relata que, apesar do esforço em provocar reflexão e iniciativas que levem à maturidade afetiva, ainda se constata uma formação superficial que não prepara para enfrentar os desafios afetivos do cotidiano.¹³³ Quanto à vida do presbítero, o 12º ENP sugere incrementar a formação permanente, valorizar a fraternidade presbiteral, investir na formação humanoafetiva, fortalecer a comunhão presbiteral, acolher os padres idosos, proporcionar a partilha de experiências entre os padres,¹³⁴ além de momentos de lazer e descanso. O fomento e o comprometimento com a dimensão humanoafetiva crescem, na medida em que se vê aprofundar a fraternidade presbiteral.

Como medida preventiva, o 12º ENP recomenda: “fortalecer a comunhão presbiteral, procurando estreitar os laços de amizade e fraternidade valorizando os dons de cada um, e aprendendo uns com os outros, eliminando o espírito de competição”.¹³⁵ Igualmente, 15º ENP, apoia a iniciativa de promover a continuidade dos ENP, “pois constituem um meio de fortalecer a unidade e fraternidade presbiteral. São espaços específicos nos quais os presbíteros podem refletir, questionar e amadurecer questões relativas à sua vida e ministério”.¹³⁶

¹³⁰ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 361.

¹³¹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 361-362.

¹³² CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 363.

¹³³ Cf. CNP. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º ENP. p. 28.

¹³⁴ Cf. CNP. *Presbítero: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º ENP. p. 45-46.

¹³⁵ CNP. *Presbítero: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º ENP. p. 46.

¹³⁶ CNP. *Concílio Vaticano II e os Presbíteros do Brasil: testemunhas de fé, esperança e caridade*. 15º ENP. p. 39.

O 16º ENP dedica um capítulo ao tema da Pastoral Presbiteral, expressão de fraternidade e de formação permanente. A cultura da pastoral do cuidado com os presbíteros, apesar dos avanços percebidos no Brasil, ainda está adormecida em algumas dioceses. Por isso, a continuidade dos ENPs como meio de aproximação dos presbíteros.

Crescemos nessa direção nos últimos anos, impulsionados pela riqueza da Comissão Nacional de Presbíteros, pelos inúmeros ENPs já realizados, pelas Associações de Presbíteros presentes em muitas Dioceses, mas nos parece que ainda não podemos dizer que atingimos o nível de uma verdadeira cultura de Pastoral Presbiteral no Brasil.¹³⁷

Quanto à formação permanente, dentre as áreas do conhecimento que podem ser estudadas pelos presbíteros, menciona-se, a Filosofia, a Teologia, a Comunicação, a Psicologia, a Sociologia, e especificamente, a dimensão humanoafetiva. Conforme o texto-base do 6º ENP “a formação é um processo permanente, pois permanentes e ininterruptas são as mudanças às quais somos submetidos nas modernas culturas urbanas”.¹³⁸

A carência, na formação em áreas indispensáveis ao ser e ao agir do presbítero e principalmente, na dimensão humanoafetiva, é evidente. Muitos padres ainda encontram resistências em participar de encontros de atualização, de reciclagem, por considerarem dispensáveis. Tais iniciativas, a mudança de época, os desafios constantes e os novos sinais dos tempos, requerem do presbítero um olhar mais aguçado da realidade, embasado em conhecimento sólido, atual e refletido, proporcionado por aqueles que se especializaram na matéria. Ao dissertar sobre a formação permanente, o instrumento preparatório sustenta que

a FP não visa à atualização pastoral, mas à revitalização constante da pessoa inteira. Viver atualizado é uma obrigação que a própria opção de vida se nos impõe. É inconcebível que um presbítero gaste um ano todo sem ter lido pelo menos um livro de fôlego, que o coloca em condições de debater os grandes temas da humanidade.¹³⁹

O 17º ENP traz, pela primeira vez, uma temática mais específica, a saúde físico-psíquica do presbítero, a chamada síndrome de *Burnout* ou síndrome do ‘bom samaritano desiludido por compaixão’, aludindo a uma crise atual do ministério presbiteral. O tema é abordado de forma mais completa na obra ‘O sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional’, de Willian César Castilho Pereira, e caracteriza-se por ser uma doença psicológica atrelada à profissão que envolve realização pessoal e esgota as forças físicas e mentais. “Seus sintomas são vários:

¹³⁷ CNP. *Presbíteros no Brasil: a alegria no anúncio do evangelho*. 16º ENP. p. 78.

¹³⁸ CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 321.

¹³⁹ CNP. *Presbíteros no Brasil: a alegria no anúncio do evangelho*. 16º ENP. p. 81.

tristeza, vazio interior, despersonalização, alterações no comportamento, depressão, esgotamento, stress, insatisfação, repressão de conflitos internos etc”.¹⁴⁰

1.3.5 As lacunas na dimensão humanoafetiva do presbítero

Os instrumentos preparatórios apresentam uma gama diversificada e atual de temáticas pertinentes à dimensão humanoafetiva do presbítero, porém há outros aspectos que poderiam ter sido contemplados nos ENPs. Por exemplo, tratou-se, sempre, do relacionamento do padre com a mulher, porém, não se mencionou a relação com o homem, tanto na amizade como na relação homoafetiva. Outra situação, são os presbíteros que possuem filhos, e se isentam do compromisso paterno, dando-se por satisfeitos em contribuir com a pensão alimentícia. Além disso, sabe-se que muitos presbíteros conservam uma vida dupla, conjugando as atividades pastorais com relacionamentos afetivos.

Sabe-se também, dos inúmeros casos de padres alcoólatras, que compensam a solidão, as desilusões e a sobrecarga de trabalho na bebida, ou possuem dependência química, como usuários de drogas. Também há o vício da *internet*, padres que caem na tentação da pornografia, e criam fantasias que descabam, primeiramente, na masturbação desenfreada e depois na busca de parceiros dos mais diversos gêneros, sejam mulheres, homens, adolescentes (efebofilias), crianças (pedofilias) e outros. Há apenas uma menção de que a religião poderia estar sendo usada como local para encobrir desequilíbrios afetivos.¹⁴¹

Um dos assuntos da atualidade que mais atinge a dimensão humanoafetiva do ser humano, e especialmente, do presbítero, é o uso dos meios de comunicação, principalmente as redes sociais. Os instrumentos preparatórios aos ENPs fazem uma tímida alusão à TV e à *Internet*. O 12º ENP trata da autodisciplina quanto à utilização de tais meios, a fim de que o presbítero reserve tempo para o estudo, a oração e a convivência pessoal.¹⁴²

Por fim, após analisar os instrumentos preparatórios aos ENPs, mais especificamente, os pontos que se referem à dimensão humanoafetiva do presbítero, percebe-se acentuada preocupação no resgate da pessoa do presbítero e a qualidade de suas relações. Num mundo em constante transformação social e cultural, o surgimento de novos horizontes e interpretações desafia toda a Igreja e seus presbíteros à sensibilidade de identificar tais fenômenos como ‘sinais dos tempos’, ou seja, oportunidade de crescer e amadurecer afetivamente.

¹⁴⁰ CNP. *Presbítero*: discípulo do Senhor e pastor do rebanho. 17º ENP. p. 70.

¹⁴¹ Cf. CNP. *Presbíteros do Brasil construindo história*. p. 102

¹⁴² Cf. CNP. *Presbítero*: discípulo missionário de Jesus Cristo na América Latina. 12º ENP. p. 22.

2 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO NA IGREJA

A Igreja, desde seus primórdios, buscou estabelecer critérios de avaliação vocacional e orientações práticas à formação e ao ministério presbiteral, em vista do processo contínuo de seu amadurecimento afetivo e integral. A seguir, deseja-se apresentar os principais elementos formativos referentes à dimensão humanoafetiva do presbítero através do exame da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério eclesial.

2.1 A PESSOA DO PRESBÍTERO NO NOVO TESTAMENTO

Inicialmente, pretende-se apresentar a análise de duas perícopes bíblicas: At 20,28-35 e 1Tm 3,1-7; 4,14-16, nas quais o apóstolo Paulo fala aos anciãos de Éfeso e a seu fiel companheiro Timóteo, sobre alguns aspectos humanoafetivos exigidos às lideranças das comunidades cristãs, sejam anciãos, episcopos ou presbíteros, quanto à sua pessoa e missão pastoral.

2.1.1 A figura do presbítero-pastor nos Atos dos Apóstolos

A primeira análise, a partir do texto bíblico retirado do livro dos Atos dos Apóstolos, constitui um trecho (At 20,28-35) do discurso de despedida de Paulo aos anciãos (presbíteros) de Éfeso (At 20,17-38). Tal exortação acontece antes de Paulo ir à Jerusalém, e se compõe por uma recordação do passado, e projeção do futuro, dando aos presbíteros considerações e orientações para a continuidade da missão.

A perícopa é parte do terceiro grande discurso de Paulo nos Atos dos Apóstolos. Ele trata do seu ministério na Ásia (20,18-21). Em seguida, prevê uma separação definitiva com a possibilidade de sua morte (20,22-27), e por fim dá aos anciãos de Éfeso, e através deles a todos os pastores das igrejas, as últimas recomendações, destacando o papel da vigilância (20,28-32), desprendimento dos bens materiais e vivência da caridade (20,33-35).

Na concepção de Stott, quando Paulo se refere à coordenação das comunidades, afirma que “os líderes são chamados de ‘presbíteros’ (v.17), ‘bispos’ (v.28a) e ‘pastores’ (v.28b), e fica evidente que esses termos se aludem às mesmas pessoas. ‘Pastores’ é o termo genérico que descreve a função”.¹⁴³ Na Igreja de Éfeso havia um grupo de presbíteros-bispos. Paulo escolheu “presbíteros” em cada Igreja da Galácia (Gl 14,23), e depois motivou Tito a fazer o mesmo em

¹⁴³ STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. p. 365.

Creta. É desconhecido se cada presbítero tinha uma igreja em sua casa, o mais provável é que formavam uma equipe que supervisionava as igrejas. Cada presbítero, de acordo com o seu dom, possuía uma função.¹⁴⁴

O pronunciamento de Mileto é o resumo da mensagem dos Atos dos Apóstolos e conclui toda a missão de Paulo, que vai além de Éfeso, fazendo a transição com a sua paixão. “O discurso tem o valor de despedida de Jesus: conclusão da missão e significado da paixão, assim como afirmação da continuidade entre o fundador e os seus continuadores”.¹⁴⁵ Durante o período apostólico, tanto *presbiteroi* (judeu) quanto *episcopoi* (grego) eram utilizados para se referir ao mesmo ofício. A Igreja de Éfeso possuía uma equipe de presbíteros-bispos, responsáveis pela comunidade.

Na perícopre em exame, estando Paulo em Mileto, mandou chamar os presbíteros da Igreja de Éfeso. Segundo Richard, as comunidades não possuíam estruturas amplas, não existia diferença entre “clero e leigos, mas uma variedade orgânica de carismas, como apóstolos, profetas e mestres (13,1), evangelistas (Filipe: 21,8), profetisas (as filhas de Filipe: 21,9) etc. Os presbíteros são simplesmente animadores de comunidades”.¹⁴⁶

O vocábulo *presbyteros*, ocorre no Novo Testamento doze vezes, considerando que oito vezes remetem a este ministério típico da Igreja de Jerusalém. Certamente, haja inspiração no conselho judaico de anciãos. Além disso, esses presbíteros estariam associados aos apóstolos ou a Tiago (At 11,30; 15,2.4.6.22.23; 16,4; 21,18). Aparecem nas margens do espaço paulino (At 14,23; 20,17), como figuras desenhadas em 1Tm 5,17 e Tt 1,5; e também são mencionados em Tg 5,14 e 1Pd 5,1.¹⁴⁷ Em Éfeso, Lucas chama os dirigentes de “presbíteros”, tal nome procede do judaísmo. Paulo é o “modelo do bom presbítero: disse tudo, não deixou nada se perder, não negligenciou nenhum fragmento da herança”.¹⁴⁸

O discurso de Paulo aos presbíteros de Éfeso pode ser dividido em três partes. Passado, presente e futuro. A perícopre (At 20,28-35), faz considerações ao futuro. Antes de exercer a missão do cuidado do rebanho, segundo Paulo no versículo 28, faz-se necessário que os presbíteros voltem o olhar para si mesmos. Contata-se uma equivalência entre os termos presbíteros, pastores e supervisores. Além disso, os presbíteros são chamados, por Paulo, de guardiães, ou seja, zeladores, cuidadores das comunidades. De acordo com Storniolo, os presbíteros receberam essa função,

¹⁴⁴ Cf. STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. p. 366.

¹⁴⁵ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. p. 109.

¹⁴⁶ RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. p. 184.

¹⁴⁷ Cf. LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. p. 1426.

¹⁴⁸ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. p. 113.

do Espírito Santo, e se realiza no cuidado em apascentar a Igreja, o povo que Deus adquiriu para si através do sangue de seu Filho Jesus. Palavras densas. Ninguém pode se arrogar a essa função. Deve ser escolhido pelo Espírito. O cuidado é para que a comunidade viva segundo o Evangelho. O Pastor não é dono da comunidade, mas apenas empregado que cuida do povo que pertence a Deus, e que Deus adquiriu por altíssimo preço: a morte do seu Filho Jesus. O Pastor não pode, portanto, tratar o rebanho como coisa sua, como propriedade que ele pudesse explorar ou oprimir. Sua função é servir a Deus através do serviço à comunidade, da mesma forma que Paulo. Esse é o sentido de “cuidem de vocês mesmos”. O pastor deve cuidar do que pertence a Deus.¹⁴⁹

Após, rever seu ministério em Éfeso, trajetória que os anciãos já conheciam, e de fazer a previsão da separação, entre Paulo e a comunidade, ele os deixa conscientes dos sofrimentos que estão por vir. O discurso quer despertar uma atitude de vigilância, por parte das lideranças religiosas, por isso, as expressões “Atendei” (20,28), e “Vigiai” (20,31). Lucas associa a imagem dos anciãos, lideranças judaicas, aos presbíteros e aos episcopos, de forma a atualizar a missão dos referidos pastores junto de seu rebanho por Deus confiado.

A imagem de pastor pertence a Cristo no Novo Testamento. Cristo realiza a sua missão de pastor mediante os Doze ou os apóstolos e também mediante os presbíteros. Os presbíteros receberam a sua missão de pastores do Espírito Santo. Eles são necessários na Igreja. Ainda não está aqui a noção de sucessão apostólica. Pois Paulo não os apresenta como os seus sucessores, mas como pessoas encarregadas pelo Espírito Santo de manter o rebanho no bom caminho.¹⁵⁰

É recomendado aos “pastores”, presbíteros ou episcopos, vigiar a si mesmo, para depois cuidar do rebanho que lhe foi confiado pelo Espírito Santo. Se negligenciarem o cuidado e a instrução de suas próprias almas, como vão cuidar dos outros? A primeira tarefa dos pastores é cuidar do rebanho e levá-lo ao pasto para alimentá-lo. O rebanho é a própria “igreja de Deus”, que segundo Stott, é uma expressão paulina comum, portanto deve ser mantida. Por outro, há tradução diversa que apresenta o termo “igreja do Senhor”, presente somente nesta passagem bíblica (At 20,28).¹⁵¹

Aos pastores também é exortado que fiquem atentos aos lobos, falsos mestres que virão até o rebanho para dispersá-lo (v.29). Eles poderão vir de fora da comunidade, pessoas estranhas, judeus ou gregos, ou alguma pessoa expulsa da comunidade e que tenha poder de liderança. Surpreende-se que as ameaças surgem, até mesmo, dentro das próprias comunidades. Os falsos pastores distorcem a verdade, e induzem as pessoas a negá-la. Os pastores alimentam as ovelhas, ensinam a verdade e as protegem dos lobos.

¹⁴⁹ STORNILO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos*. p. 177.

¹⁵⁰ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. p. 115.

¹⁵¹ Cf. STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. p. 369.

No que diz respeito ao valor das pessoas, das “ovelhas”, fica claro, que a igreja é a “igreja de Deus”. Deus “a redimiou ‘com o próprio sangue’, é claro que a transação foi paga com o sangue de Cristo”.¹⁵² Assim, o Espírito Santo nomeia pastores para essa igreja que é de Deus e foi adquirida por Cristo. O supervisor, por excelência, é Deus (Pai, Filho e Espírito Santo). A igreja não é dos “pastores”, mas sim de Deus. A perseverança dos pastores em cuidar do rebanho depende da consciência de que as ovelhas são valiosas para Deus.¹⁵³

Após recomendar os pastores, Paulo os entrega a Deus e à palavra de sua graça (v.32). Para Comblin, “os presbíteros estão na dependência de Cristo e da palavra assim como da sua graça. A palavra do evangelho de Cristo dirige a comunidade. Os presbíteros são convidados a colocar a sua conduta sob a orientação da palavra do evangelho”.¹⁵⁴ De acordo com Richard,

Paulo não deixa estruturas ou organizações; deixa somente a Palavra de Deus. Esse é o único poder da comunidade: a Palavra de Deus. Essa Palavra é a que pode construir a casa, isto é, a Igreja de Deus. Além da Palavra, Paulo deixa também o seu exemplo como norma para a comunidade.¹⁵⁵

Paulo faz questão de citar em seus discursos a sua própria experiência de vida como exemplo daquele que não cobiçou o dinheiro e a roupa de ninguém (v.33). Mas, ao invés disso, trabalhou pelo sustento próprio e de seus companheiros, prova disso, a expressão “estas mãos” (v.34), que vem corroborar, ao dito: “Há mais felicidade em dar do que em receber” (v.35). A exortação paulina adverte aos presbíteros “contra a ambição do dinheiro e o desprezo dos pobres. O desinteresse foi sempre o sinal da autenticidade do ministério. (Gl 4,17; 2Cor 11, 8-9; 12,13; 2Tm 3,2.6-9; Tt 1,11’2Pd 2,3; *Didaqué* 11,5-6.9,12)”.¹⁵⁶

É possível perceber que no discurso de Paulo despontam os traços característicos do verdadeiro pastor, que deve ser um homem libertado da ‘auto exaltação’, ou seja, não ficar centrado em si mesmo e nos seus próprios interesses, mas dedicado com todo empenho e entrega afetiva, madura e saudável aos outros. Ser presbítero é continuar a missão do Pastor supremo: guiar, defender, cuidar, animar, acompanhar a comunidade de fiéis.

O serviço comunitário exige dos presbíteros perseverança e entusiasmo, além de paixão pela Palavra de Deus. A comunidade não pertence aos presbíteros, mas ao próprio Deus, que a conquistou com o sangue de seu próprio Filho. Os presbíteros exercem seu ministério numa perspectiva redentora que diz respeito à Igreja. Seu ministério não se configura como

¹⁵² STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. p. 371.

¹⁵³ Cf. STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos*. p. 372.

¹⁵⁴ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. p. 116.

¹⁵⁵ RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. p. 186.

¹⁵⁶ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. p. 116.

propriedade privada, mas se compreende na dimensão eclesial. Os guardiães recebem a incumbência de supervisionar a comunidade, apascentando o rebanho, Igreja de Deus.

Quanto à situação econômica dos presbíteros, propõem-se uma atuação desinteressada sem acumular riquezas, mantendo-se distantes da cobiça e da ambição por bens materiais. Recomenda-se ainda aos presbíteros que socorram os necessitados e doentes, além do cuidado espiritual, faz-se necessário o cuidado material com os marginalizados. Convém esclarecer a natureza e o propósito do ministério pastoral do presbítero, pois os clérigos, não podem ser confundidos com assistentes sociais, psicoterapeutas ou administradores, é importante reabilitar a palavra “pastores”, que são pessoas chamadas a proteger e alimentar o rebanho de Cristo.

2.1.2 O ministério pastoral na Primeira carta de São Paulo a Timóteo

O segundo texto bíblico escolhido para exame (1Tm 3,1-7; 4,14-16) é retirado das cartas pastorais de Paulo, especificamente, da primeira carta do apóstolo a Timóteo. A primeira perícopes trata da escolha e eleição dos episcopos/presbíteros, elencando um rol das qualidades necessárias para exercer o cargo. No segundo texto, Paulo fala diretamente a Timóteo, exalta sua vocação e seu ministério pastoral, frente ao perigo dos falsos doutores que tentam confundir e dissuadir as pessoas da comunidade.

Paulo sustenta e zela pelas comunidades cristãs, além de sua visita pessoal, por meio de correspondências. Dentre a variedade de escritos que compôs, Paulo destina três cartas a dois fiéis companheiros de missão: Timóteo e Tito. Ao primeiro escreve duas vezes e ao segundo uma. Esses escritos são chamadas de *cartas pastorais*, “porque são os únicos documentos endereçados a pastores de comunidades cristãs e por tratarem da vida e prática da igreja”.¹⁵⁷

Ao desenvolver os determinados escritos, Paulo sente que uma nova fase do cristianismo está começando, com muitos perigos e desafios para as comunidades cristãs. Para Fabris, os escritos formam uma “coleção de normas para a organização da comunidade cristã, de instruções para as várias categorias de pessoas, de conselhos e sugestões gerais para a vida prática ou a solução dos problemas eclesiais”.¹⁵⁸

Quanto à organização eclesiástica apresentada pelas cartas pastorais, Ballarini afirma que as primeiras comunidades cristãs “tiveram bem cedo uma estrutura organizativa, com quadros dirigentes selecionados com diligência e constituídos essencialmente pelos bispos-

¹⁵⁷ SANDER, Luis Marcos; Brown, Raymond Edward; Fitzmyer, Joseph A; Murphy, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. p. 633.

¹⁵⁸ FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo*. p. 213.

presbíteros e pelos diáconos”.¹⁵⁹ Sempre foi preocupação de Paulo, a formação e instituição de dirigentes para que governassem com zelo e fervor. “Pois embora continuasse, de longe, a ser o chefe das igrejas por ele fundadas, deixava o governo imediato a cargo de substitutos denominados ‘presbíteros’ (anciãos) ou ‘episcopos’ (supervisores ou vigias)”.¹⁶⁰

Para Davidson, “bispo (gr. *episkopos*) e ancião (gr. *presbyteros*) eram, nos tempos do Novo Testamento, termos sinônimos de um só ofício (ver Tito 1,5-7; At 20,17-28); o primeiro indica função ou dever; o segundo, dignidade ou condição”.¹⁶¹ Nesse sentido, Kenner ressalta que “o termo traduzido ‘dirigente’ (NASB) ou ‘bispo’ era usado no mundo antigo por líderes, e Paulo usa-o similarmente como ‘presbítero’ (Tt 1,5-7), um título de liderança usado nas sinagogas”.¹⁶² Havendo esta equivalência entre o ministério do bispo e do presbítero, pode-se, concluir que o rol de qualidades exigidas para a função eclesial vale para ambos.

De acordo com o pensamento de Reuss, “as qualidades exigidas não dizem respeito aos deveres próprios do ministério, mas sim às condições necessárias para a aptidão pessoal de cada um. Dizem respeito ao caráter e à personalidade interior do candidato ao ministério”.¹⁶³ Tal exigência é pertinente tendo em vista o perigo das falsas acusações que “requeria líderes para fazer tudo em seu poder para evitar escândalo; uma sólida reputação era útil para os líderes das igrejas, como era para os cargos públicos”.¹⁶⁴

Para combater a falsa doutrina, os bispos e presbíteros deveriam estar muito bem preparados como pastores do rebanho. Além de ensinar e proteger as comunidades, deveriam testemunhar em ação sua adesão a Jesus Cristo. Segundo Ramos, “para ser um vaso de honra na casa de Deus (2Tm 2,20-21), deve o pastor ter fidelidade à doutrina e retidão de vida, ou seja, ‘conservar o mistério da fé numa consciência pura’ (1Tm 3,9)”.¹⁶⁵ Paulo inicia o capítulo três da Carta a Timóteo encorajando os homens das comunidades cristãs de Éfeso a cultivarem no coração o propósito de se tornarem bispos/presbíteros. Para Ballarini, a missão de ser bispo,

não representava uma honra, por isso não era objeto de ambição. No elenco dos carismas, o bispo ocupa um dos últimos lugares. Trata-se de ‘um ofício organizativo, ele não podia aliciar aqueles fiéis que, atingidos pelas primeiras ondas de gnosticismo, se inclinavam a apreciar sobretudo os carismas de ordem intelectual’.¹⁶⁶

¹⁵⁹ BALLARINI, Teodorico; Danesi, Giacomo; Montagnini, Felice; Ramazzotti, Bruno; Stramare, Tarcisio. *Introdução à Bíblia*. p. 193.

¹⁶⁰ RAMOS, Lincoln. *Epístolas a Timóteo e a Tito*. p. 15.

¹⁶¹ DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da bíblia*. p. 1317.

¹⁶² KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 631.

¹⁶³ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p.50.

¹⁶⁴ KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 632.

¹⁶⁵ RAMOS, Lincoln. *Epístolas a Timóteo e a Tito*. p. 22.

¹⁶⁶ BALLARINI, Teodorico; Danesi, Giacomo; Montagnini, Felice; Ramazzotti, Bruno; Stramare, Tarcisio. *Introdução à Bíblia*. p. 195.

Paulo faz questão de reforçar o incentivo para que homens bons da comunidade se colocassem à disposição para governarem as comunidades. Como não era um cargo que oferecia *status*, vê-se, realmente, como um chamado de Deus, a colocar a vida a serviço e em defesa da comunidade cristã. Quanto aos deveres dos episcopos e presbíteros, “eles são os mestres autorizados da Igreja e guardiães da fé, mas também testemunhas vivas de sua fé na integridade de suas vidas e na perseverança de suas obras”.¹⁶⁷

O termo ‘irrepreensível’ (v.2) para Paulo, enfatiza que o ministro eclesial deve estar acima de qualquer suspeita, diante de Deus e dos homens. Para Ramos, “nele deve brilhar a santidade da Igreja. De acordo com a boa ou má impressão que seu procedimento causar aos fiéis, à Igreja, que ele representa, será objeto de estima ou de desprezo (1Tm 3,7)”.¹⁶⁸

Outra qualidade para o futuro dirigente eclesial é ser esposo de uma só mulher (v.2). Para Davidson, isso significava ser homem casado apenas uma vez. Porque, se fosse casado, estaria desimpedido de qualquer outro compromisso, livre de situações complicadas referentes à sexualidade, podendo dedicar-se mais e melhor à direção da comunidade.¹⁶⁹ Reuss afirma que, a expressão em exame ‘esposo de uma única mulher’ quer dizer que “após a morte de sua mulher, não pode contrair um novo matrimônio. [...] Essa exigência é um primeiro passo para o ideal do celibato, que será mais tarde imposto pela Igreja aos seus ministros”.¹⁷⁰

A sobriedade, o bom senso e a vestimenta simples também são elencadas no rol de requisitos ao episcopado/presbiterado. Para Reuss, significa ser “prudente no julgamento das circunstâncias e em suas decisões”.¹⁷¹ Já para Sander, ser sóbrio “se refere primordialmente à temperança referente à comida e bebida, mas pode ter um significado mais geral”.¹⁷²

No que se refere à característica de ser hospitaleiro (v.2), não é nenhuma novidade trazida por Paulo a Timóteo e exigida os governantes da comunidade. É prática comum, entre os principais personagens da Sagrada Escritura. Inclusive, Reuss enfatiza que “a casa do chefe da comunidade deve estar sempre aberta aos peregrinos, aos estrangeiros e a todos aqueles irmãos que sofrem necessidade e estão à procura de ajuda”.¹⁷³

Outra capacidade indispensável é a competência em ensinar (v.2). Para isso, requer um conhecimento significativo da doutrina cristã e da Palavra de Deus, para ajudar a instruir e

¹⁶⁷ BERGANT, Diane; Karris, Robert J. (org). *Comentário bíblico*. p. 288.

¹⁶⁸ RAMOS, Lincoln. *Epístolas a Timóteo e a Tito*. p. 23-24.

¹⁶⁹ Cf. DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da Bíblia*. p. 1317.

¹⁷⁰ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p. 52.

¹⁷¹ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p. 52.

¹⁷² SANDER, Luis Marcos; Brown, Raymond Edward; Fitzmyer, Joseph A; Murphy, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo*. p. 645.

¹⁷³ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p. 52.

orientar a comunidade para que tenha discernimento e sabedoria para resistir as constantes investidas dos falsos doutores. Além disso, pede-se ao futuro bispo/presbítero que não seja dado ao vinho, nem briguento, mas indulgente, pacífico e desinteressado (v.3). De acordo com Reuss, “o ‘bispo’ não deve ser dado às bebidas, nem violento, mas deve ser para a comunidade um exemplo e um modelo de modéstia, de condescendência e de desinteresse”.¹⁷⁴

Paulo ressalta que o candidato ao governo eclesial saiba administrar bem a própria casa, e que tenha a submissão dos filhos. (v.4), pois se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da Igreja de Deus? (v.5) Para Kenner, a carreira religiosa se assemelhava à pública. Por isso, “os políticos eram frequentemente avaliados por quão bem seus filhos lhes obedecessem; eram muito bem aceito aquele cuja família fosse um microcosmo da sociedade e um líder necessitava primeiro demonstrar sua habilidade de liderança em casa”.¹⁷⁵

Os dirigentes das comunidades, bispos ou presbíteros, segundo Paulo, não deveriam ser recém-convertidos, evitando a soberba e a condenação ao diabo (v.6). Antigamente, os líderes eram “testados em cargos mais baixos, para demonstrar as suas habilidades antes de serem promovidos; a igreja de Éfeso existia há mais de uma década, conseqüentemente os efésios insistiam em mais líderes experimentados do que outras igrejas”.¹⁷⁶

De acordo com Reuss, o fato de impossibilitar um neófito ao governo eclesial, era devido, à grande responsabilidade que o recém-convertido teria sobre os ombros, por ser ainda, não confirmado completamente na fé. Se alguém assumisse tal encargo sem a devida preparação doutrinal, certamente não obteria sucesso, especialmente, porque cederia ao pecado do orgulho e da soberba.¹⁷⁷

O fato de Timóteo, mesmo sendo jovem, ter sido eleito líder da Igreja de Éfeso, poderia ser sinal de descrédito, diante dos mais velhos da comunidade. Porém, Timóteo foi considerado digno e preparado pelas lideranças da época, inclusive por Paulo, para estar à frente da comunidade cristã. Segundo Kenner, “a aprovação dos ‘presbíteros’ também silenciava a crítica sobre a juventude (4,12). Os mestres judeus maduros ordenavam outros mestres judeus por meio da imposição das mãos; essa prática servia como credenciamento oficial”.¹⁷⁸

De acordo com Davidson, este gesto apostólico, “tal capacidade, recebida de Deus, requer cooperação humana para o seu perfeito exercício”.¹⁷⁹ Portanto, a graça divina é

¹⁷⁴ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p. 52.

¹⁷⁵ KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 632.

¹⁷⁶ KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 632.

¹⁷⁷ Cf. REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p. 53.

¹⁷⁸ KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 634-635.

¹⁷⁹ DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da Bíblia*. p. 1319.

aperfeiçoada e amadurecida com o esforço e o empenho do homem. O texto ainda fala de um grupo de presbíteros que impuseram as mãos sobre Timóteo. Na sequência da passagem bíblica, Paulo exorta Timóteo a desvelar-se e perseverar no ministério eclesial que ele já havia sido confiado, para que a toda comunidade ficasse visível o seu progresso (v.15), o seu aprofundamento no ensino e no testemunho da doutrina cristã.

Outra qualidade que se expressa como indispensável para o cargo de dirigente da comunidade é a de dar bom testemunho, para não cair no descrédito e nos laços do diabo (v.7). Para Kenner, “o perigo sempre presente ou a falsa acusação requeria líderes para fazer tudo em seu poder para evitar escândalo; uma sólida reputação era útil para os líderes das igrejas, como era para os cargos públicos”.¹⁸⁰

No capítulo 4 da carta a Timóteo, Paulo alerta sobre o cuidado que a comunidade e seus dirigentes devem ter com a presença e a influência dos falsos doutores. Paulo recomenda a Timóteo o cuidado com o dom da graça que recebeu, que foi conferido mediante a profecia, junto com a imposição das mãos do presbítero (v.14). De acordo com a concepção de Ramos, “a função sacerdotal é trabalho grandioso e excelente (1Tm 3,1). É mais encargo penoso que posto honorífico. A força para o seu fiel desempenho vem da graça do sacerdócio, recebida pela imposição das mãos (1Tm 4,14; 2Tm 1,6)”.¹⁸¹

Quanto à forma e o desenvolvimento do ministério pastoral, de acordo com Davidson “o ministro deve entregar-se de corpo e alma a estas coisas constantemente (15). Não só deve, deste modo, fazer ‘progresso’ mas deve ficar patente a todos que ele cresce assim na graça do caráter pessoal e na plenitude e qualidade do seu ensino”.¹⁸² Nesse sentido, Reuss afirma que, Timóteo, “deve dedicar-se totalmente ao cumprimento dos seus deveres de ministério, deve atender cuidadosamente a si mesmo e à sua vida, bem como guardar pura e ilibada a doutrina que lhe foi confiada”.¹⁸³

Paulo aconselha e reforça a Timóteo o valor da vigilância sobre si mesmo e sobre a doutrina, pedindo que persevere, pois se assim o fizer, lucrará a salvação para si e para todos os que o ouvirem (v.16). Para Davidson, “o ministro explicitamente cumpre o seu ministério por aquilo que diz (aqueles a quem serve são apresentados como ouvintes) e implicitamente o completa pelo seu modo de vida”.¹⁸⁴ Aquele que é referência na coordenação da comunidade deve ser modelo do servo de Cristo.

¹⁸⁰ KENNER, Craig S. *Comentário bíblico atos*. p. 632.

¹⁸¹ RAMOS, Lincoln. *Epístolas a Timóteo e a Tito*. p. 23.

¹⁸² DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da Bíblia*. p. 1319-1320.

¹⁸³ REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. p.76-77.

¹⁸⁴ DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da Bíblia*. p.1320.

Por fim, conforme os indicativos aos ‘pastores’ presbíteros/episcopos, elencados por Paulo, nos escritos neotestamentários, contata-se fervoroso zelo pela formação e o cuidado na escolha dos dirigentes das comunidades, os pastores do rebanho do Senhor. A avaliação do caráter e da personalidade, o comportamento, a reputação e a integridade dos presbíteros, eram, sem dúvida, indispensáveis para se evitar escândalos e a dispersão dos cristãos. O pastor que cuida de si mesmo é capaz de cuidar, proteger e orientar o seu rebanho.

2.2 A PESSOA DO PRESBÍTERO NOS SANTOS PADRES DA IGREJA

Quanto à preparação para o sacerdócio, o período da Patrística apresenta, através da história vocacional e dos escritos dos Santos Padres, muitos elementos que iluminam e promovem a formação presbiteral e mais precisamente a abordagem e aprofundamento do tema da dimensão humanoafetiva do presbítero. Destacam-se aqui dois importantes ícones deste período da história da Igreja, um do oriente e outro do ocidente: São João Crisóstomo (349 – 407 d. C), arcebispo de Constantinopla e o papa Gregório I, chamado de Magno (540 – 604 d.C.).

Primeiramente, cabe ressaltar a preocupação de ambos para com a preparação do candidato ao sacerdócio e a consciência e a responsabilidade de tal missão na Igreja de Jesus Cristo, que afeta diretamente o ser e o agir do presbítero. Diante de sua escolha para o encargo, Crisóstomo, de súbito, preferiu evitá-lo, por considerar-se muito jovem, inexperiente, indigno, imaturo e imprudente e não ter condições de assumir os riscos de tal incumbência. Mesmo assim, Crisóstomo foi eleito, e por isso, foi criticado e acusado de ambição e orgulho, perante aqueles que o tinham escolhido.¹⁸⁵

A vaidade, a ambição e o orgulho são tentações que assolam o vocacionado de Cristo e servidor de Sua Igreja, e comprometem a eficácia do ministério. O futuro presbítero, segundo João Crisóstomo, em seu tratado ‘*Sobre o sacerdócio*’, deve ter boa reputação, caráter sincero e vida ilibada. “É mister que se faça um exame rigoroso e, querendo levar ao sacerdócio um homem apto para o cargo, não nos podemos contentar com a opinião da multidão, mas devemos examinar sua personalidade, e, de maneira especial, as qualidades de seu caráter”.¹⁸⁶

De acordo com o Gregório Magno, em sua obra *Regra Pastoral*, o cuidado e a prudência com o processo de eleição do candidato ao sacerdócio precisam passar por um exame rigoroso, devido às consequências de uma má preparação e da responsabilidade que possui o sacerdote.

¹⁸⁵ Cf. JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Primeiro livro. n.7.

¹⁸⁶ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Segundo livro. n. 4.

Exige-se testemunho de vida, segundo os valores evangélicos para evitar possíveis escândalos que mancham a imagem da Igreja.

Na verdade, ninguém causa maior dano à Igreja do que aquele que, tendo um título e uma posição que comportam santidade, vive uma vida corrupta. Ninguém se atreve a denunciar suas faltas; e a falta se torna um exemplo que se difunde amplamente quando o pecador é reverenciado por causa do respeito devido à sua posição. [...]. Portanto, quando um homem posto em condição que exige santidade escandaliza os outros com a palavra e com o exemplo, seria melhor para ele que as suas ações mundanas o tivessem levado à morte, quando ainda vivia em estado laical, antes que as suas funções sacras o tivessem indicado aos outros, ele, pecador, como exemplo a ser imitado. Porque, caindo somente ele, as penas do inferno o atormentariam de modo mais suportável.¹⁸⁷

Para assumir tamanha missão no sacerdócio, o presbítero necessita conhecer a si mesmo, ou seja, ter consciência de seus dons e capacidades e também de suas dificuldades e limitações. São João Crisóstomo elenca um rol exaustivo de vícios e perigos, dignos de vigilância constante no ser e no agir sacerdotal. São eles:

ira, desânimo, inveja, rixa, calúnias e outras incriminações; mentira, fingimento, perseguições insidiosas, maldições contra homens que nenhum mal nos causaram, satisfação pelo comportamento inconveniente de outros sacerdotes, tristeza, vendo a felicidade dos outros, avidez de glória, ambição - e é esta principalmente que faz perder a alma humana -, doutrinações que só visam prazeres profanos, adulações servis, bajulação indigna, desprezo dos pobres, lisonja servil aos ricos, homenagens imprudentes e benevolências nocivas que são perigosas tanto para os que as recebem, quanto para os que as prestam, temor servil que apenas convém aos escravos mais miseráveis, supressão da sinceridade, chocante aparência de humildade que na realidade não existe.¹⁸⁸

No afã de bem cumprir sua missão evangelizadora em demonstrar o amor de Deus pelo ser humano, o presbítero revela, através de seu caráter e comportamento acolhedor e afável, credibilidade no que diz e no que faz. Para isso, deve prevenir-se de todo e qualquer sentimento de egoísmo ou narcisismo. Para Gregório Magno,

os bons pastores devem procurar ser agradáveis para atrair, com a amabilidade da estima de que gozam, ao amor da verdade, e não pelo prazer de ser amados, mas para tornar a sua amabilidade como uma estrada pela qual conduzir o coração dos fiéis ao amor do seu Criador. É difícil que um pregador não amado seja ouvido de boa vontade, mesmo que diga verdades sacrossantas. O pastor deve, portanto, procurar que seus fiéis o amem para conseguir que o escutem e, todavia, não deve procurar um afeto dirigido a si mesmo, para não se descobrir em luta, na secreta cobiça de poder do seu pensamento, contra aquele que, pelo ministério assumido, parece servir.¹⁸⁹

¹⁸⁷ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 38-39.

¹⁸⁸ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Terceiro livro. n. 9.

¹⁸⁹ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 92.

Todavia, apesar de tão alta dignidade ser requerida para a extraordinária missão eclesial, a ordenação presbiteral não tem o poder de retirar as características que são intrínsecas ao ser humano, seus instintos, inclinações e debilidades. Para João Crisóstomo, na atividade pastoral, “cada qual considera-se juiz sobre o sacerdote, como se ele já não possuísse natureza humana, mas a dos anjos, livre de qualquer fragilidade”.¹⁹⁰

Portanto, o sacerdote deve munir-se de armas resistentes como diamante, mostrando zelo inesgotável, vigilância infatigável, cuidando assiduamente de suas atitudes, a fim de que ninguém possa encontrar nele qualquer fraqueza, qualquer negligência por onde o possa ferir mortalmente. Pois todos em redor dele estão prontos a feri-lo. Não só adversários e inimigos, mas muitos dos que se dizem amigos.¹⁹¹

Aqueles que elegeram o presbítero a tal posto, esperam dele, além de discurso sábio e convincente, comportamento exemplar, atitudes de segurança e poder. Por outro lado, se não houver correspondência a tais expectativas, até mesmo os amigos, poderão se tornar inimigos. “Os que o honravam, dando-lhe toda a espécie de atenções e gentilezas, de momento em que descobrem a mínima fraqueza empregam todos os esforços possíveis para afastá-lo do cargo, não como se fosse tirano, mas um malfeitor muito mais perigoso”.¹⁹²

No que diz respeito às relações do sacerdote com as outras pessoas, São João Crisóstomo chama à atenção, para aqueles presbíteros que optam por uma atitude de isolamento diante das dificuldades, se distanciando de seus amigos, familiares e colegas de ministério, por medo de enfrentar os desafios existenciais:

quem tiver muitas faltas e procura escondê-las por uma vida solitária, conseguindo assim torná-las ineficientes, fugindo das relações com outros homens, tão logo voltar para o mundo, terá como único lucro tornar-se ridículo perante a multidão e cair em perigos dificilmente evitáveis.¹⁹³

As boas relações com as diversas pessoas só têm a engrandecer o amadurecimento humanoafetivo do presbítero em sua missão, configurada a Jesus Cristo a serviço do Povo de Deus. Para Crisóstomo, o presbítero é desafiado a se relacionar com as mais diversas realidades, “com casados com problemas na educação dos filhos; com homens que dispõem de criadagem, que gozam de grandes riquezas, que ocupam altos cargos públicos e posições de grande influência”.¹⁹⁴

¹⁹⁰ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Terceiro livro. n. 14.

¹⁹¹ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Terceiro livro. n. 14.

¹⁹² JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Terceiro livro. n. 14.

¹⁹³ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Sexto livro. n. 8.

¹⁹⁴ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Sexto livro. n. 4.

Tendo em vista a fidelidade e o testemunho do sacerdote no cumprimento de sua missão de bem relacionar-se com todas as pessoas, Crisóstomo alerta aos presbíteros para o cuidado com o relacionamento com as mulheres, pois a tentação da sedução é constante e a natureza humana frágil, exigindo sempre vigilância e prudência:

um rosto formoso, movimentos delicados, um andar afetivo, uma voz suave, olhos enegrecidos, faces pintadas, penteados artísticos, cabelos tingidos, indumentária preciosa, joias brilhantes de ouro, pedras cintilantes, unguentos aromáticos e todas as outras falsas aparências com que o sexo feminino gosta de fascinar conseguem inquietar a alma de quem não estiver preparado por contínuos exercícios de autodisciplina.¹⁹⁵

Aos presbíteros, atenção às paixões carnis que sobrevêm durante seu ministério. A eles são exigidos hábitos, costumes, comportamentos e práticas diferenciadas das demais pessoas. Para o Papa Gregório Magno, “o sacerdote fica no nível do povo quando ele, o homem encarregado de um ministério espiritual, faz o que fazem os outros, nos quais se condenam ainda as paixões carnis”.¹⁹⁶ E também São João Crisóstomo, sustenta:

como animais selvagens robustos e exuberantes com facilidade vencem a quem os ataca - são vencidos, porém, com a mesma facilidade caso se conseguir quebrar sua força pela fome - assim acontece com as paixões da alma humana. Quem lhes tira a força facilmente as subjuga ao bom senso e à razão; quem, ao contrário, as alimenta e as acalenta, robustecendo-as, terá que enfrentá-las durante toda a sua vida, tornando-se seu impotente escravo.¹⁹⁷

Outro aspecto da vida sacerdotal mencionado por São Gregório Magno é a sobrecarga de atividades as quais os presbíteros são acometidos em seu labor pastoral. Muitas vezes, o tempo de oração pessoal e o atendimento aos fiéis é substituído por atividades administrativas e burocráticas. O envolvimento do presbítero com funções que não são de sua especificidade eclesial significa contratestemunho em sua missão eclesial:

a mente dividida em diversas operações não pode se concentrar plenamente na consideração que cada uma requer. Atraída para fora por uma preocupação excessiva, ela perde, no fundo de si mesma, o firme ponto de apoio da vigilância; torna-se de tal modo solícita com os afazeres exteriores que, descuidando de si, consegue pensar em muitas coisas, mas acaba por não conhecer a si mesma. De fato, quando se imerge mais do que o necessário em ocupações exteriores, se esquece da meta para a qual se dirigia e assim, despreocupando-se de vigiar sobre si mesma, não se dá conta dos danos ao encontro dos quais vai e ignora as suas numerosas faltas.¹⁹⁸

¹⁹⁵ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Sexto livro. n. 2.

¹⁹⁶ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 86.

¹⁹⁷ JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Sexto livro. n. 12.

¹⁹⁸ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 41.

Um coração indiviso é requisito indispensável para a eficácia do ministério presbiteral. A demasiada preocupação externa provoca esquecimento e desleixo com o que é intrínseco a sua opção vocacional, com sua vida interior, consagração a Deus a serviço dos irmãos e irmãs. “De fato, quando uma pessoa que fez profissão de santidade se dedica, em seguida, a atividades mundanas, o que os homens nela veneravam empalidece diante dos seus olhos, sendo desprezado como quando uma cor se altera”.¹⁹⁹

O que São Gregório recomenda é equilibrar as realidades interna e externa, e tolerar as ocupações temporais. Porém, há aqueles que somente se preocupam com as atividades espirituais. O gesto concreto e caridoso ao encontro do pobre ilumina a palavra a ele dirigida. Por isso, “é indispensável aos pastores providenciar também os bens exteriores, com uma intenção pura. Os pastores sejam, pois, zelosos quanto ao progresso espiritual dos fiéis, sem deixar, por isso, de prover também às suas necessidades materiais.”²⁰⁰

Portanto, vê-se, claramente, a preocupação dos Santos Padres da Igreja com a formação, eleição e exercício do ministério presbiteral. São João Crisóstomo alerta para os perigos da vaidade, ambição, orgulho e solidão, e exige que os presbíteros tenham boa reputação, zelo e vigilância, além de relações saudáveis. Gregório Magno ressalta a importância de o presbítero ser amável e acolhedor com as pessoas, porém recomenda-se prudência em relação à mulher. Todo tipo de escândalo deve ser evitado. Atenção especial para o equilíbrio da vida espiritual e material, evitando o ativismo pastoral.

2.3 A DIMENSÃO HUMANOAFETIVA NO MAGISTÉRIO ECLESIAL

A dimensão humanoafetiva sempre esteve presente no magistério da Igreja sob os mais diversos enfoques. Por motivos de tempo e espaço, optou-se por apresentar os principais documentos eclesiais referentes a formação e vivência humanoafetiva do presbítero. A análise contempla escritos do Concílio Vaticano II, do Magistério Pontifício, da Congregação para o Clero e para a Educação Católica, do CELAM, e da CNBB.

2.3.1 O presbítero e sua condição humana nos documentos do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II irrompe na história da Igreja, num período de transformação sociocultural e de uma nova autocompreensão da realidade eclesial, principalmente do

¹⁹⁹ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 86.

²⁰⁰ GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. p. 88.

ministério presbiteral. O séc. XX desperta para uma redefinição da identidade presbiteral, ou seja, qual o papel do presbítero numa Igreja, Povo de Deus. O evento conciliar promove a revalorização do sacerdócio comum dos fiéis, todo cristão tornar-se sujeito da evangelização.

Conforme o decreto *Presbyterorum Ordinis*, o presbítero pós-conciliar assume o tríplice *múnus* da missão de ensinar (PO. n.4), de santificar (PO n.5) e de governar (PO n.6), sendo chamado a construir uma Igreja ministerial, descentralizadora, alicerçada na unidade, na comunhão, vivendo a colegialidade com os outros presbíteros e com os bispos. Nesse sentido, justifica-se o salto temporal do período patrístico para o contexto conciliar e a existência de outros documentos, editados nesse interstício contexto histórico, que falam da dimensão humanoafetiva do presbítero, porém não serão alvo de estudo nesta pesquisa.

No decreto *Presbyterorum Ordinis* a dimensão humana do presbítero é percebida mais claramente, quando se trata das relações dos presbíteros com os bispos, com os outros presbíteros e com os leigos. Aos presbíteros cabem cooperar e aconselhar seus bispos, numa comunhão fraterna que tem origem no sacramento da Ordem. “Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, os bispos devem estimar os presbíteros, como irmãos e amigos, e ter a peito o bem deles, quer o material, quer, sobretudo espiritual”.²⁰¹ A relação entre os presbíteros também tem importância singular. Recomenda-se que,

os de idade mais avançada a acolher os mais jovens como irmãos e a ajuda-los nas primeiras iniciativas e encargos do ministério, fazendo tudo por também compreender-lhes a mentalidade – embora diversa da sua – além de apoiar com benevolência suas iniciativas. Os jovens da mesma forma saberão respeitar a idade e experiência dos mais velhos e com eles dialogar sobre assuntos pastorais e compartilhar, com gosto, seu trabalho.²⁰²

O espírito fraterno entre os presbíteros deve provocar uma atitude de escuta, acolhimento, empatia e hospitalidade. Atenção seja dada aos padres doentes, sobrecarregados, solitários e aos perseguidos. O descanso, o lazer e a convivência são indispensáveis para manter a saúde física, psíquica e espiritual, bem como a perseverança na vocação presbiteral.

Por motivo da mesma comunhão no sacerdócio, saibam-se os Presbíteros, especialmente obrigados para com os que se encontram em alguma dificuldade. Em tempo lhes prestem apoio, mesmo se for o caso de admoesta-los discretamente. Aos que porém se transviaram em algum ponto, acompanhem-nos sempre com fraterna caridade e alma grande, multipliquem em favor deles ardentes súplicas a Deus e se lhes revelem continuamente como sendo de fato irmãos e amigos.²⁰³

²⁰¹ CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. n. 7.

²⁰² CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. n. 8.

²⁰³ CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. n. 8.

A relação do presbítero com os leigos também merece consideração. Os padres representam para os demais fiéis, além de pais e mestres, a figura de irmãos, pois todos, sem exceção, são discípulos do Senhor Jesus. Toda a arrogância e autoritarismo são banidos desta relação fraterna entre presbíteros, leigos e leigas. Todos são chamados ao serviço. É tarefa dos presbíteros usar de sensibilidade para identificar em cada leigo, seus dons, carismas, experiências, competências, que possa engrandecer a comunidade, na missão de evangelizar a humanidade. Se por um lado, merecem espaço, liberdade e confiança, por outro,

os fiéis cristãos por sua vez tenham consciência de seus deveres para com os Presbíteros. Cerquem-nos por isso com amor filial, como a seus pastores e pais. Compartilhando suas preocupações, auxiliem ainda a seus Presbíteros pela oração e ação quando puderem, para que possam vencer com mais galhardia e cumprir suas tarefas com maior proveito.²⁰⁴

Diante de tantos deveres, somado à diversidade de problemas enfrentados, hoje, pela humanidade, não é incomum encontrar padres angustiados, ansiosos, esgotados emocionalmente, correndo o risco da dispersão. Como cultivar a harmonia e unidade ministerial, considerando o forte ativismo e a sobrecarga que desgasta e esvazia o ser do presbítero?

Unidade de vida, que a mera organização externa do ministério das obras não poderá efetivar, nem o poderá a só prática dos exercícios de piedade, por mais que contribua para fomentá-la. Podem construí-la no entanto, os Presbíteros ao seguirem, no exercício do ministério, o exemplo de Cristo Senhor, cuja comida era cumprir a vontade d' Aquele que O enviara para levar a termo a Sua obra.²⁰⁵

O Decreto *Optatam Totius* não apresenta diretamente considerações sobre a dimensão humanoafetiva do presbítero, ou do seminarista, porém, ao referir-se às realidades humanas, julga-se necessário e indispensável à formação dos futuros padres o auxílio da Psicologia e da Sociologia, visando avançar no processo de amadurecimento humano e vocacional.²⁰⁶ Na caminhada rumo ao sacerdócio é importante buscar saber as reais e profundas motivações do vocacionado.

Considerando a idade e o progresso dos candidatos, faça-se com vigilante cuidado um exame sobre sua reta intenção e vontade livre, sua idoneidade espiritual, moral e intelectual, sua adequada saúde física e psíquica, tendo presentes também as disposições porventura transmitidas pela família. Examine-se, outrossim, a

²⁰⁴ CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. n. 9.

²⁰⁵ CONCÍLIO VATICANO II. *Presbyterorum Ordinis*. n. 14.

²⁰⁶ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. n. 2.

capacidade dos candidatos de arcarem com o ônus sacerdotal e de exercerem os ofícios pastorais.²⁰⁷

Quanto ao celibato, que deve ser a consciência desta opção, que o candidato ao sacerdócio busque assumi-lo como dom e graça de Deus, e não como mero cumpridor de norma eclesiástica. Numa sociedade em que o hedonismo impera agindo através das mais variadas formas, nunca é demais advertir para os perigos que assolam aqueles que querem escolher a castidade e a vida celibatária. Espera-se que,

auxiliados com aptos meios divinos e humanos, aprendam a integrar de tal modo a renúncia ao matrimônio que sua vida e atividade não só não sofra prejuízo algum por causa do celibato, mas antes conquistem mais perfeito domínio do próprio corpo e alma, progridam para uma maturidade plena e de modo mais perfeito percebam a bem-aventurança do Evangelho.²⁰⁸

A maturidade humana é o ideal a ser buscado pelo seminarista para exercer o ministério presbiteral. Este objetivo deve ser alcançado através de “certa estabilidade de alma, pela capacidade de decidir com ponderação e julgar com justiça acontecimentos e pessoas”.²⁰⁹ Uma alma estável revela equilíbrio afetivo, emocional e temperamental, na hipótese de haver situações que demonstrem o contrário, a orientação do psicólogo e do diretor espiritual serão indispensáveis.

Em detrimento de qualquer tendência pessoal ao isolamento, ao comodismo, ao individualismo, orienta-se aos formadores que “cultivem-se nos estudantes as aptidões convenientes que mais contribuem para o diálogo com os homens, como sejam a capacidade de ouvir os outros e abrir o coração, em espírito de caridade, às várias situações humanas”.²¹⁰ Também é importante ressaltar o fomento da formação permanente na vida do presbítero, recomendando estudos programáticos e encontros de convivência e partilha de vida. Atenção singular seja dada aos padres mais jovens em seus primeiros anos do exercício do ministério presbiteral.

Em suma, pode-se constatar que os documentos conciliares abrem espaço significativo para a abordagem da dimensão humanoafetiva do presbítero, tanto antes quanto depois da ordenação. O decreto *Presbyterorum Ordinis* trata da comunhão e fraternidade presbiteral, da relação de cuidado entre presbíteros e leigos, e do cuidado com o autoritarismo e o ativismo pastoral. Já o decreto *Optatam Totius* destaca a Psicologia e a Sociologia na formação dos

²⁰⁷ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. n. 6.

²⁰⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. n. 10.

²⁰⁹ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. n. 11.

²¹⁰ CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. n. 19.

futuros presbíteros, em vista do amadurecimento humanoafetivo, os perigos contra a opção pelo celibato, e a formação permanente, principalmente aos neossacerdotes.

2.3.2 A opção pelo celibato sacerdotal na perspectiva da *Sacerdotalis Caelibus* de Paulo VI

O documento papal de maior importância referente à formação presbiteral e que menciona a dimensão humanoafetiva é a encíclica *Sacerdotalis Caelibus*, sobre o tema do celibato sacerdotal, do Papa Paulo VI, em 1967. O Papa inicia recordando as objeções que existem sobre o celibato sacerdotal e ressalta a dificuldade em conciliar a vida presbiteral e o casamento. Um dos argumentos que propõe o casamento dos presbíteros, afirma que,

o sacerdócio no matrimônio não só tiraria a ocasião de infidelidades, desordens e defecções dolorosas, que ferem e magoam a Igreja inteira, mas consentiria aos ministros de Cristo mais completo testemunho de vida cristã, mesmo no campo da família, campo que lhes é vedado pelo estado atual em que vivem.²¹¹

O Sumo Pontífice recorda também a acusação contra a opção celibatária de alguns que entendem estar o presbítero cometendo uma espécie de castração, de violência contra a sua própria natureza humana. Tal agressão, resultaria numa instabilidade afetiva e emocional do presbítero,

numa situação física e psicológica artificial nociva ao equilíbrio e manutenção da sua personalidade humana; acontece, segundo, dizem, que muitas vezes o sacerdote se torna insensível, falta de calor humano e de plena comunhão de vida e destino com o resto dos seus irmãos, vendo-se obrigado a uma solidão que é fonte de amargura e aviltamento.²¹²

Questiona-se também, a falta de maturidade humanoafetiva para suportar a opção pelo celibato na vida presbiteral. Isso porque, na maioria dos casos, trata-se de candidatos ao presbiterado, cujo “grau de conhecimento e de auto decisão do jovem e sua maturidade psicofísica são bastante inferiores, e sempre desproporcionados com a realidade, com as dificuldades objetivas e com a duração da obrigação que assumem”.²¹³

O Papa Paulo VI, entretanto, pondera as suspeitas, mas reafirma o valor do celibato sacerdotal. Quanto à afirmação de que o celibato seria uma opção que contraria à natureza humana, o Papa diz que homem, além de carne e instinto sexual, é principalmente, “inteligência,

²¹¹ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 9.

²¹² PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 10.

²¹³ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 11.

vontade, liberdade e, graças a estas faculdades, é e deve ter-se como superior ao universo: elas tornam-no senhor dos próprios apetites físicos, psicológicos e afetivos”.²¹⁴

A vida celibatária não significa negação do instinto sexual, ou da afetividade, mas “lúcida compreensão, atento domínio de si mesmo e sábia sublimação da própria *psiqué*, encarada num plano superior. Deste modo, o celibato eleva integralmente o homem, contribui efetivamente para a sua perfeição”.²¹⁵ Isso incluiu harmonia e equilíbrio humano e espiritual no plano da natureza e da graça.

É também necessário que se atenda com toda a diligência ao estado biológico e psicológico do candidato, para poder guiá-lo e orientá-lo para o ideal do sacerdócio. A formação bem adequada há, portanto, de coordenar harmonicamente o plano da graça e o da natureza naquele em quem se reconhecem com clareza qualidades reais e verdadeira aptidão. A presença das qualidades há de reconhecer-se com o mais escrupuloso cuidado, mal se delineiem os sinais da vocação, sem bastar um juízo apressado e superficial. Recorra-se mesmo à assistência e ao auxílio dum médico ou psicólogo competente. Nem se deverá omitir uma séria investigação anamnésica para se apurar a idoneidade do candidato, também na importantíssima linha dos fatores hereditários.²¹⁶

Aqueles candidatos ao sacerdócio que possuírem inaptidão física, psíquica e moral, devem ser convencidos a deixar o seminário. Faz-se necessário o cuidado para que não se nutra esperanças ou expectativas ilusórias que poderão vir a causar danos nocivos para o seminarista e para a Igreja. “Uma vida inteira e amavelmente dedicada, no interior e no exterior, como a do sacerdote celibatário, exclui, de fato, candidatos com insuficiente equilíbrio psicofísico e moral. Não se deve pretender que a graça supra o que falta à natureza”.²¹⁷

A opção pelo celibato impregna no presbítero a condição de homem solitário. Porém, não se trata de solidão vazia, pois é plena de Deus. Preparado para a solidão e consciente dessa condição deve estar o presbítero. Por isso, exige-se do futuro padre, “progressivo desenvolvimento de sua personalidade, com a educação física, intelectual e moral, no que respeita à regulação e ao domínio pessoal dos instintos, dos sentimentos e das paixões”.²¹⁸

A fraternidade e a comunhão sacerdotal constituem meios de prevenir desvios afetivos e fortalecer a vida presbiteral com todas as suas implicações. A qualidade do relacionamento entre os padres fortalece e acelera o processo contínuo de amadurecimento humanoafetivo. Recomenda-se,

²¹⁴ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 53.

²¹⁵ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 55.

²¹⁶ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 63.

²¹⁷ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 64.

²¹⁸ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 65.

aos sacerdotes a utilidade de certa vida comum entre eles, inteiramente orientada ao ministério propriamente espiritual; a prática de frequentes encontros, com fraternas trocas de ideias, de conselhos e de experiências; promoção de associações que favoreçam a santidade sacerdotal.²¹⁹

Cabe ainda aos padres, no exercício fraterno da convivência sacerdotal, sentirem-se verdadeiramente comprometidos uns com os outros, para que se disponham a dar atenção àqueles colegas que enfrentam maiores dificuldades, e necessitam ser escutados, compreendidos, acolhidos, acompanhados e amados. Quanto ao fato de atribuir ao voto do celibato como causa de abandono do ministério sacerdotal, o documento reitera que a responsabilidade recai “sobre o fato de se não terem avaliado a tempo de modo satisfatório e prudente as qualidades do candidato ao sacerdócio, ou ainda, sobre a maneira como os ministros sagrados vivem a sua consagração total”.²²⁰

2.3.3 A formação humana para o sacerdócio na *Pastores Dabo Vobis* de João Paulo II

Na exortação apostólica, *Pastores Dabo Vobis*, sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais, o papa João Paulo II, escreve que "sem uma oportuna formação humana, toda a formação sacerdotal ficaria privada do seu necessário fundamento".²²¹ Na preparação dos futuros presbíteros, a formação humana é elemento basilar e indispensável, portanto, é exigência que encontra amparo na própria natureza do presbítero e do seu ministério. De acordo com a exortação, todo padre é vocacionado a ser,

imagem viva de Jesus Cristo Cabeça e Pastor da Igreja, ele deve procurar refletir em si mesmo, na medida do possível, aquela perfeição humana que resplandece no Filho de Deus feito homem e que transparece com particular eficácia nas suas atitudes com os outros, tal como os evangelistas as apresentam.²²²

Para que haja maturidade humanoafetiva e a conseqüente realização pessoal, o futuro presbítero necessita formar uma personalidade equilibrada, em vista da exigência da tarefa pastoral. Assim, são importantes qualificativos: “a educação para o amor à verdade, à lealdade, ao respeito por cada pessoa, ao sentido da justiça, à fidelidade à palavra dada, à verdadeira compaixão, à coerência, e, particularmente, ao equilíbrio de juízos e comportamentos”.²²³

²¹⁹ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 45.

²²⁰ PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus*. n. 83.

²²¹ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 43.

²²² JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 43.

²²³ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 43.

A maturidade humanoafetiva também é medida pela capacidade de relacionamento com os outros, característica indispensável ao presbítero que está à frente de uma comunidade, sendo sinal de comunhão. Desta forma, constitui-se exigência que,

o sacerdote não seja arrogante nem briguento, mas afável, hospitaleiro, sincero nas palavras e no coração, prudente e discreto, generoso e disponível para o serviço, capaz de oferecer pessoalmente e de suscitar em todos relações francas e fraternas, pronto a compreender, perdoar e consolar (cf. também 1 *Tim* 3, 1-5; *Tit* 1, 7-9).²²⁴

Pode-se constatar que a educação para o amor verdadeiro e responsável, vencendo toda e qualquer massificação ou solidão, é requisito para que o candidato ao sacerdócio possa progredir sempre na construção de sua maturidade afetiva.

Nos dias atuais, o ser humano por estar envolto por situação social e cultural caracterizada pela banalização da sexualidade humana, interpreta-a e vive-a de forma reduzida e empobrecida, valorizando, em suas relações, apenas o corpo e o prazer egoísta. A situação de muitas famílias de onde provém as vocações sacerdotais não é diferente, por isso muitos seminaristas trazem consigo muitas carências afetivas, e muitas vezes, graves desequilíbrios emocionais. Tendo por base este contexto, faz-se urgente uma atenção especial à educação para a sexualidade, que conduza o candidato ao sacerdócio ao desenvolvimento da estima e do amor pela castidade vivendo-a na fidelidade e na alegria.

É condição para o seminarista assumir o celibato, “ou seja, a oferecer, pela graça do Espírito e com a resposta livre da própria vontade, a totalidade do seu amor e da sua solicitude a Jesus Cristo e à Igreja”.²²⁵ Assim, fazem-se indispensáveis a educação para o amor responsável e a maturidade afetiva, isto é, “saber incluir, no âmbito das relações humanas de serena amizade e de profunda fraternidade, um grande amor vivo e pessoal a Jesus Cristo”.²²⁶ A maturidade afetiva, ancorada no amor de Cristo, implica dedicação universal. Embora vivido na autenticidade e sob aprovação, o carisma do celibato supõe tendências afetivas e excitações instintivas, por isso, os futuros presbíteros carecem de

uma maturidade afetiva capaz de prudência, de renúncia a tudo o que a pode atacar, de vigilância sobre o corpo e o espírito, estima e respeito pelas relações interpessoais com homens e mulheres. Uma ajuda preciosa pode ser dada por uma adequada educação para a verdadeira amizade, à imagem dos vínculos de fraterno afeto que o próprio Cristo viveu na sua existência (cf. Jo 11, 5).²²⁷

²²⁴ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 43.

²²⁵ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

²²⁶ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

²²⁷ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

Para que, realmente, o processo formativo conduza o candidato ao sacerdócio à maturidade humana, e especificamente afetiva, a liberdade vivida deve configurar-se como “obediência convicta e cordial à ‘verdade’ do próprio ser, e ao ‘significado’ do próprio existir, ou seja, ao ‘dom sincero de si mesmo’ como caminho e fundamental conteúdo da autêntica realização do próprio ser”.²²⁸ Desta forma, compreende-se que exercitar o ‘ser livre e gratuito’, “requer que a pessoa seja verdadeiramente dona de si mesma, decidida a combater e a superar as diversas formas de egoísmo e de individualismo, que atacam a vida de cada um, pronta a abrir-se aos outros, generosa na dedicação e no serviço do próximo”.²²⁹

Responder ao chamado de Deus à vida presbiteral requer fidelidade assumida na liberdade, sem coerção e em plena consciência das implicações e compromissos decorrentes de tal adesão. Sendo que, “neste itinerário educativo para uma amadurecida liberdade responsável, um auxílio pode vir da própria vida comunitária do Seminário”.²³⁰ A dimensão humanoafetiva está diretamente ligada ao convívio comunitário do futuro presbítero.

2.3.4 A maturidade afetiva e sexual na formação presbiteral

Segundo a Tradição da Igreja, somente o batizado do sexo masculino poderá receber o Sacramento da Ordem. O dom sacerdotal configura o presbítero a Jesus Cristo, Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja. Por isso, durante o período que abrange a formação, espera-se que o seminarista alcance a maturidade afetiva. Em se tratando de homossexualidade, é importante distinguir entre atos homossexuais e tendências homossexuais.

A Igreja quer expressar com clareza e objetividade que não possui nenhuma intenção discriminatória, mas pelo contrário, que respeita profundamente a condição homossexual das pessoas. Embora fique expressa, a impossibilidade do ingresso ao seminário ou às Ordens Sacras aqueles ou aquelas que praticam homossexualidade, ou possuem tendências homossexuais evidentemente enraizadas ou ainda que façam apologia à chamada cultura *gay*. Há situações, contudo, que tais tendências poderão ser passageiras:

essas pessoas encontram-se, de fato, numa situação que obstaculiza gravemente um correto relacionamento com homens e mulheres. De modo algum, hão de transcurar-se as consequências negativas que podem derivar da Ordenação de pessoas com tendências homossexuais profundamente radicadas. Diversamente, no caso de se tratar de tendências homossexuais que sejam apenas expressão de um problema

²²⁸ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

²²⁹ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

²³⁰ JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*. n. 44.

transitório como, por exemplo, o de uma adolescência ainda não completa, elas devem ser claramente superadas, pelo menos três anos antes da Ordenação diaconal.²³¹

A incumbência de realizar o correto discernimento da idoneidade dos candidatos cabe à Igreja. O candidato ao presbiterado deve ter consciência de que não basta apenas desejar ser presbítero, pois não existe um direito pessoal do candidato ao sacramento da Ordem. Os requisitos, a formação, o acompanhamento e a decisão de julgar a dignidade do candidato ao presbiterado é da Igreja, por meio de seus membros, em primeiro lugar, do bispo, depois dos presbíteros formadores, e de outros especialistas. O discernimento da idoneidade e a avaliação da maturidade afetiva do seminarista cabem também ao confessor e o diretor espiritual. Este,

tem de avaliar todas as qualidades da personalidade e assegurar-se de que o candidato não apresente distúrbios sexuais incompatíveis com o sacerdócio. Se um candidato pratica a homossexualidade ou apresenta tendências homossexuais profundamente radicadas, o seu diretor espiritual, bem como o seu confessor, tem o dever, em consciência, de o dissuadir de prosseguir para a Ordenação.²³²

Apesar de todo o empenho das pessoas envolvidas no processo formativo à vida presbiteral, é de suma importância que o seminarista tenha uma atitude de abertura e sinceridade quanto àquilo que sente e pratica. O ambiente formativo e os formadores devem proporcionar um clima de acolhida e confiança, em que o seminarista possa sentir-se à vontade para falar de si e de suas relações, evitando ocultar sentimentos e desejos que já fazem parte de sua personalidade e história de vida.

Cabe aos bispos escolher e investir na preparação dos formadores que irão atuar no seminário. “Cada formador deveria ser um conhecedor da pessoa humana, dos seus ritmos de crescimento, das suas potencialidades e debilidades e do seu modo de viver a relação com Deus”.²³³ Nesse sentido, espera-se que o formador, além de conhecer a história de vida do seminarista, tenha sensibilidade para identificar as motivações do candidato, dificuldades humanoafetivas e possíveis patologias.

²³¹ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. p. 15-16.

²³² CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*. 2008. p. 19.

²³³ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. p. 27.

Para que se tenha uma avaliação mais completa, principalmente de aspectos que fogem da alçada dos formadores, faz-se necessário a presença do psicólogo no acompanhamento dos futuros presbíteros. Através desses profissionais, que podem contribuir com pareceres ou diagnósticos de possíveis distúrbios psíquicos, como traumas, abusos sexuais, transtornos de personalidade, será possível verificar, despertar e aprimorar, com mais acuidade, as qualidades e capacidades humanas necessárias ao candidato, para o exercício do ministério presbiteral.²³⁴

Muitas vezes, os seminaristas apresentam dificuldades de relacionamento consigo mesmo e com os outros, devido a uma personalidade desequilibrada que produz um comportamento instável. Possivelmente, as causas desses transtornos podem advir de experiências na infância ou na puberdade que tiveram como consequências, traumas e feridas que ainda não foram superadas ou curadas. Não é papel do reitor do seminário ou do diretor espiritual substituir o profissional da Psicologia.

A fase do discernimento começa desde o momento em que o vocacionado se apresenta para entrar no seminário. O diálogo franco e sincero com os formadores será oportunidade de conhecer e aprofundar as limitações e potencialidades do eventual seminarista. Em caso de dúvida, quanto a distúrbios psíquicos, que demandem “necessidade de terapia, esta deveria ser realizada antes da admissão ao Seminário ou à Casa de Formação”.²³⁵

O processo formativo busca disponibilizar os melhores meios para que o seminarista supere e integre possíveis dificuldades humanoafetivas. Entretanto, apesar de todos os esforços, incluindo acompanhamento psicológico, o seminarista pode não atingir o amadurecimento afetivo necessário para o ministério presbiteral.

Se, no decorrer do processo formativo, ainda restarem, “fortes dependências afetivas, notável falta de liberdade nas relações, excessiva rigidez de carácter, falta de lealdade, identidade sexual incerta, tendências homossexuais fortemente enraizadas, etc.”²³⁶, ou ainda dificuldade de viver a castidade celibatária, gerando desequilíbrio afetivo e emocional, o seminarista deverá deixar o Seminário.

²³⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. p. 30.

²³⁵ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. p. 35.

²³⁶ CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. p. 37.

2.3.5 O amadurecimento humanoafetivo segundo o Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros

O Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, editado pela Congregação para o Clero em 2013, destaca a importância de abordar a dimensão humanoafetiva do presbítero e o seu processo de amadurecimento, tanto na formação inicial quanto na permanente. Inclusive, ressalta a fraternidade presbiteral como meio de perseverança e santidade do ministério sacerdotal. “O presbitério é o lugar privilegiado para o sacerdote poder encontrar os meios específicos de formação, de santificação e de evangelização e ser ajudado a superar as limitações e as fraquezas próprias da natureza humana que hoje particularmente se notam”.²³⁷

O padre integrado plenamente no seu presbitério, acolhido na amizade e na amorosa correção fraterna, tem força maior para combater o isolamento e do subjetivismo. A autêntica vida comunitária, na oração, no estudo e na amizade, sustenta muitos presbíteros no equilíbrio de sua afetividade e sexualidade. “Numa sociedade marcada fortemente pelo individualismo, o sacerdote precisa de um relacionamento pessoal mais profundo e de um espaço vital caracterizado pela amizade fraterna, em que possa viver como cristão e sacerdote”.²³⁸

O referido documento também destaca a importância da comunhão do presbítero com os leigos no seu trabalho pastoral, prevenindo a sobrecarga de atividades que lhe são impostas pelas demandas que nasce do rebanho a ele confiado. Se houver pessoas preparadas e dispostas a servir a Igreja, nas tarefas que lhes são compatíveis com sua condição de vida, “o sacerdote estará mais livre para cuidar ainda mais de seus deveres primordiais, como a pregação, a celebração dos Sacramentos e a direção espiritual”.²³⁹

É missão do presbítero ocupar-se somente daquilo que lhe é específico, ficando o encargo de identificar e convocar pessoas capazes de realizar outras funções pastorais, dentre elas: catequese para crianças e adultos, assessoria nos grupos de jovens e a preparação dos noivos para o matrimônio. O desafio dos presbíteros é a formação destas pessoas para que se sintam chamadas por Deus e preparadas a darem testemunho com a vida cristã para as demais.²⁴⁰

Apresenta-se, também algumas luzes e sombras do ministério pastoral frente a sociedade secularista que adota o relativismo. Como luz, percebe-se o empenho e a dedicação total de muitos presbíteros que, verdadeiramente, buscam de todas as formas e forças exercer o

²³⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 36.

²³⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 40.

²³⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 41.

²⁴⁰ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 41.

seu ministério nas mais diversas realidades. Por outro lado, como sombra, o perigo da dispersão diante de tantas atividades, que descamba para um ativismo exacerbado. “O ministério pastoral é uma empresa fascinante, mas árdua, sempre exposta à incompreensão e à marginalização, hoje ao cansaço, à desconfiança, ao isolamento, e por vezes, à solidão”.²⁴¹

Dentre as tentações que a sobrecarga de atividades pastorais causa na vida presbiteral, está a tendência ao funcionalismo. Comum, são as expressões “empregado” ou “funcionário do sagrado” e “burocrata da Igreja”. “Tal concepção, redutora da identidade e do ministério do sacerdote, corre o risco de lançá-lo num vazio, que muitas vezes é preenchido por formas de vida que não estão de acordo com o próprio ministério”.²⁴²

Outro grande perigo para a vida presbiteral é a absolutização da subjetividade e da autonomia da pessoa. O fazer sacerdotal não é mera vontade e criatividade do presbítero em seu próprio nome, é acima de tudo, busca da vontade de Deus em sintonia com toda a Igreja, particularmente com seu Bispo e o presbitério, numa atitude de escuta e obediência colocando-se a serviço do Povo de Deus em qualquer lugar em que haja necessidade.²⁴³

Embora seja um dom de Deus, o presbítero viver um despojamento total de vida em prol do Reino, a condição humana requer especial atenção, para que se evite determinadas situações que incorram em ocasião de perigo à opção celibatária. Cabe aos presbíteros serem prudentes e sensíveis nas suas relações com as pessoas, principalmente, quando percebem estar diante de oportunidades que causem perigo a sua fidelidade a Cristo e a Sua Igreja. O presente diretório sugere que se evite, também, situações que possam

dar espaço a murmurações (por exemplo, permitir que crianças entrem sozinhas na casa paroquial ou levar menores de idade dentro do carro). No que diz respeito à confissão, seria oportuno que, habitualmente, os menores se confessem no confessional durante o tempo no qual a Igreja está aberta ao público ou que, se por qualquer razão fosse necessário agir de outro modo, sejam respeitadas as correspondentes normas de prudência.²⁴⁴

Considera-se que a sociedade hodierna vive uma cultura hedonista, da permissividade sexual e da banalização das relações afetivas. Isso assola o ser humano de todos os lados, principalmente através dos meios de comunicação. O acesso à *Internet* e às redes sociais são expoentes disso. Em oposição a essa realidade, propõe-se ao presbítero

a fraternidade sacerdotal, o cuidado de ter bons relacionamentos com as pessoas, a

²⁴¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 48.

²⁴² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 55.

²⁴³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 56.

²⁴⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 82.

ascese e o domínio de si mesmo, a mortificação; é também útil incentivar uma cultura da beleza nos vários campos da vida, que auxilie na luta diante de tudo aquilo que é degradante e nocivo, nutrir certa paixão pelo próprio ministério apostólico, aceitar serenamente certo tipo de solidão, uma sábia e profícua gestão do tempo livre para que não se torne um tempo vazio.²⁴⁵

Dentre as principais justificativas, superficiais e insustentáveis que tentam questionar a opção livre e saudável do presbítero pelo celibato, está a acusação disso vir a consistir em “espiritualismo desencarnado ou de que se comporta com desconfiança ou desprezo para com a sexualidade; outras vezes, tomam como desculpa a consideração de casos tristes e dolorosos, mesmo sendo sempre particulares, aos quais se tende a generalizar”.²⁴⁶ As condutas desordenadas afetivamente representam um número pequeno, diante da quantidade de presbíteros que vivem de forma fiel e frutuosa sua opção pelo celibato.

Quanto ao espírito de pobreza, exige-se do presbítero desapego dos bens materiais, não fazendo de seu ministério, meio para obter benesses e privilégios. “Dificilmente o sacerdote se tornará verdadeiramente servo e ministro dos seus fiéis, se estiver excessivamente preocupado com as suas comodidades e com um excessivo bem estar”.²⁴⁷ Espera-se do presbítero vida simples, sem vaidades, assim como a de Jesus Cristo. E para que assim seja,

o sacerdote deve lutar diariamente para não cair no consumismo e numa vida mole, que hoje invade a sociedade em muitas partes do mundo. Um sério exame de consciência o ajudará a verificar como é o seu teor de vida, a sua disponibilidade de cuidar dos fiéis e a cumprir os seus próprios deveres; a perguntar-se se os meios dos quais se serve respondem a uma verdadeira necessidade, ou se, ao contrário, ele está buscando sua própria comodidade e fugindo do sacrifício.²⁴⁸

A secularização e o relativismo, “são fatores que tornam absolutamente iniludível o dever de o presbítero estar adequadamente preparado para não perder a sua identidade e para responder às necessidades da nova evangelização”.²⁴⁹ Aprofundar o significado de ‘ser presbítero’ numa sociedade em constante mutação e aperfeiçoamento é missão da formação permanente que “deve compreender e harmonizar todas as dimensões da formação sacerdotal, isto é, deve tender a ajudar cada presbítero: a conseguir o desenvolvimento da sua personalidade humana, amadurecida no espírito de serviço aos outros, seja qual for o encargo recebido”.²⁵⁰

A meta da formação humanoafetiva é o progressivo amadurecimento humano do

²⁴⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 82.

²⁴⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 82.

²⁴⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 83.

²⁴⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 83.

²⁴⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 87.

²⁵⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 92.

presbítero durante toda a sua vida, ou seja, “equilíbrio e harmonia na integração das tendências e dos valores, estabilidade psicológica e afetiva, prudência, objetividade nos juízos, fortaleza no domínio do próprio caráter, sociabilidade, etc.”.²⁵¹ Atenção especial seja dada aos presbíteros jovens. Dentre outros temas, também “se deve ensinar a viver a castidade com delicadeza, conjuntamente com a modéstia e com o pudor, de modo particular no uso da televisão e da *Internet*”.²⁵² Esta última merece um olhar atento e prudente.

De fato, reveste-se de especial importância a formação para o uso da *internet* e, em geral, das novas tecnologias de comunicação. A sobriedade e a temperança são necessárias para evitar obstáculos para a vida de intimidade com Deus. O mundo da *web* apresenta muitas potencialidades para a evangelização, que, todavia, se forem mal gerenciadas, podem acarretar graves danos às almas; às vezes, com o pretexto de um melhor aproveitamento do tempo ou da necessidade de estar informado, pode-se fomentar uma curiosidade desordenada, que obstaculiza o sempre necessário recolhimento, do qual deriva a eficácia do compromisso.²⁵³

A formação personalizada depende, exclusivamente de cada presbítero, ele é o principal formador de si mesmo, o primeiro responsável pela busca de sua própria maturidade humanoafetiva. Para que isso aconteça com mais êxito, é indispensável a abertura e a partilha de vida, prioridade aos chamados encontros sacerdotais, principalmente reunindo os presbíteros por faixa etária.²⁵⁴ O cuidado com o repouso ajuda a prevenir o cansaço físico, mental, que pode levar à depressão, *stress* e à ansiedade, terrenos férteis para desvios afetivos.

Será muito prudente, que o bispo evite que os presbíteros recém-ordenados, inexperientes, “sejam colocados em situações excessivamente duras ou delicadas, bem como se deverão também evitar lugares onde eles se encontrem trabalhando longe dos colegas. Pelo contrário, será bom, se for possível, propor alguma forma conveniente de vida comum”.²⁵⁵

O Bispo deve ter uma atitude de Pai para com os seus sacerdotes, começando desde o seminário, deve evitar a distância e o estilo pessoal que são próprios de um simples empregador. Em virtude desta sua função, deve estar sempre próximo aos seus presbíteros, facilmente acessível: a sua primeira preocupação deve ser com os próprios sacerdotes, que são, vale a pena dizê-lo, colaboradores de seu ministério episcopal.²⁵⁶

Quanto à preparação dos formadores, sendo o bispo o primeiro responsável pela

²⁵¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 93.

²⁵² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 93.

²⁵³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 93.

²⁵⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 98.

²⁵⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 100.

²⁵⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 107.

sementeira de vocações que é o Seminário, cabe a ele, identificar, instruir, nomear e acompanhar a equipe de formadores, e que estes tenham maturidade humanoafetiva, espiritual e pastoral. “Com efeito os formadores devem ser antes de mais nada, homens de oração, docentes com forte sentido do sobrenatural, de profunda vida espiritual, de conduta exemplar, com adequada experiência no ministério sacerdotal”.²⁵⁷

Cada faixa etária da vida presbiteral apresenta suas particularidades e ao longo do ministério, podem advir situações especiais. Sugere-se, que nos primeiros anos de sacerdócio, “fosse promovida a convivência familiar entre os jovens presbíteros e aqueles mais amadurecidos, de maneira a permitir a troca de experiências, o conhecimento recíproco e também a delicada prática evangélica da correção fraterna”.²⁵⁸ Para os presbíteros com mais de 10 anos de sacerdócio recomenda-se o exame das dificuldades psicoafetivas, que devem ser de ciência do bispo que providenciará o atendimento especializado se for necessário.

Afetuosos consideração e atenção seja dispensada aos presbíteros de idade avançada e aos sacerdotes em situações especiais, tais como tratamento de saúde, debilidade física ou desgaste moral. De forma alguma, sejam eles excluídos da convivência fraterna e alheios aos acontecimentos da diocese. É dever do bispo e de todos os presbíteros o comprometimento de “visitar periodicamente estes irmãos doentes, que poderão ser informados, sobretudo, sobre os acontecimentos da diocese, de maneira a fazer-lhes sentir que são membros vivos do presbitério e da Igreja universal, que edificam com o seu sofrimento”.²⁵⁹

Por fim, o diretório, chama atenção para os irmãos presbíteros que deixaram de exercer o ministério sacerdotal, e que por esse motivo, não devem ser esquecidos. Propõe-se que seja oferecido auxílio necessário, principalmente, na oração e no sacramento da reconciliação. Porém, exige-se cuidado, quanto a inserção dos que abandonaram o ministério presbiteral, pois, “a devida atitude de caridade para com eles não deve, todavia, induzir de nenhum modo à consideração de confiar-lhes funções eclesiais, que poderiam criar confusão e desconcerto entre os fiéis, precisamente por causa da sua situação”.²⁶⁰

2.3.6 A dimensão humanoafetiva na *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*

A *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, intitulada “o Dom da vocação Presbiteral”, publicada em 2017, apresenta orientações que abrangem todas as etapas do

²⁵⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 108.

²⁵⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 111.

²⁵⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 114.

²⁶⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. n. 115.

processo formativo, seja ele inicial, antes da ordenação, seja ele permanente, na atividade presbiteral. A dimensão humanoafetiva, já na etapa do Seminário Menor, deverá ser considerada,

a dinâmica do crescimento da pessoa, atendendo à idade e a alguns aspectos em particular: a sinceridade e a lealdade diante de si e dos outros, o progressivo desenvolvimento afetivo, a predisposição a viver em comunidade, a capacidade de cultivar amizades fraternas, o bom grau de responsabilidade relativamente aos deveres pessoais e aos compromissos confiados, a criatividade e o espírito de iniciativa, o justo uso da liberdade, a disponibilidade a percorrer um caminho de oração e de encontro com Cristo.²⁶¹

Dentre todos estes requisitos, é importante manter estreita relação do seminarista e do Seminário com a família e sua comunidade de origem. Preservar o vínculo familiar, auxilia na compreensão da personalidade e do caráter do jovem. Um desenvolvimento psicológico saudável e uma vida afetiva equilibrada dependem, do conhecimento, por parte dos formadores, da realidade familiar do seminarista.²⁶²

A formação integral do futuro presbítero tem como base do processo formativo o desenvolvimento de uma identidade presbiteral. No exercício do ministério, o presbítero é chamado a viver o desapego e a humildade, onde a autoridade está em poder servir mais e melhor o povo que lhe foi confiado, com espírito missionário e paternidade espiritual. Portanto, recomenda-se que,

sejam educados de maneira a não cair no “clericalismo”, nem a ceder à tentação de orientar a própria vida para a busca da aceitação popular, que inevitavelmente os tornaria inadequados para o exercício do seu ministério de guias da comunidade, levando-os a considerar a Igreja como uma simples instituição humana.²⁶³

A formação à interioridade e à comunhão pedem do presbítero equilíbrio e maturidade na capacidade de relacionamento com os outros. A superação da dependência afetiva lhe concede maior serenidade e sensibilidade para que, com os olhos fixos em Jesus Cristo, possa entregar a sua vida com generosidade em prol evangelização da humanidade.²⁶⁴

A intimidade espiritual com o Senhor e a comunhão fraterna com os colegas de caminhada vocacional, tornam-se indispensáveis, para que o seminarista vença algumas tentações que a cultura contemporânea inculta nas mentes e nos corações humanos. Dentre os

²⁶¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 20.

²⁶² Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 23.

²⁶³ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 33.

²⁶⁴ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 41.

principais riscos que os presbíteros mais devem temer está o narcisismo, o autoritarismo, o clericalismo, o cuidado exagerado com a liturgia, o rubricismo e a ênfase obsessiva na aparência.

Quando se trata dos meios de formação, estes podem se dar pelo acompanhamento personalizado, onde o futuro presbítero é visto particularmente, desafiado a conhecer-se e a deixar-se conhecer. Tem-se ainda, o acompanhamento comunitário, “de fato, a fraternidade é construída através de um crescimento espiritual, que exige empenho constante para se superar as diversas formas de individualismo”.²⁶⁵

Em Jesus Cristo, modelo de humanidade, observa-se a prática das virtudes: disciplina, alegria, sinceridade, justiça, fidelidade, modéstia e a caridade, que serão exercitadas durante todo o processo formativo. A abertura do formando, a presença dos formadores, o lazer, a prática esportiva e o auxílio de especialistas, são indispensáveis para o amadurecimento humanoafetivo.

Com a finalidade de atingir uma sólida maturidade – física, psicoafetiva e social – que se exige do pastor, será um apoio útil a prática de exercício físico e desportivo, além da educação a um estilo de vida equilibrado. Além do essencial acompanhamento dos formadores e pelo Diretor Espiritual, para integrar os aspectos fundamentais da personalidade, em certos casos poderia servir de ajuda um específico acompanhamento psicológico.²⁶⁶

A formação permanente sempre remete ao exercício da fraternidade presbiteral. Tal formação deve acontecer em cada diocese, por um presbítero ou grupo de presbíteros, através da Pastoral Presbiteral que tem por finalidade, em primeiro lugar, cuidar da saúde física, psíquica e espiritual do presbítero. Aos presbíteros recém ordenados atenção especial, pois necessitam ser acompanhados por colegas com mais experiência de vida e maduros afetivamente. “É desejável que se promova um acompanhamento feito por irmãos de vida exemplar e zelo pastoral, que ajudem aos jovens sacerdotes a viver uma pertença cordial e ativa à vida de todo o presbitério diocesano”.²⁶⁷

O bispo e o presbitério têm a responsabilidade de acompanhar pessoalmente os jovens presbíteros nos primeiros anos de ministério, para que amparados pelos colegas, consigam manter o entusiasmo e a alegria, superando os desafios e dificuldades com paciência e perseverança. Depois de algum tempo de atividades pastorais, podem surgir na vida e ministério dos presbíteros alguns desafios, por exemplo, a experiência da própria fraqueza. Nesse caso, “o

²⁶⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 52.

²⁶⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 63.

²⁶⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 83.

presbítero não deverá isolar-se; ele terá, em vez disso, necessidade de amparo e acompanhamento no âmbito espiritual e/ou psicológico”.²⁶⁸

Outro risco é o do presbítero sentir-se ‘funcionário do sagrado’, ‘empregado da comunidade’, passando a ser patrão e não pastor. Na medida em que o presbítero vai dispersando suas energias numa quantidade infindável de atividades que o levam mais ao afastamento das pessoas do que na proximidade, a sensação experimentada é a de vazio e frustração. Como consequência, a crise existencial e a instabilidade da identidade presbiteral, desafiada a conviver com uma sociedade plural em constante transformação.

A atração do poder e da riqueza também constitui uma das grandes tentações na vida presbiteral. O apegar-se a um cargo, a criação de espaços para o egocentrismo, o carreirismo, precisam ser combatidos. “Em tais situações, será oportuna a correção fraterna, ou a repreensão, ou um outro meio de solicitude pastoral, a menos que tais comportamentos não configurem um delito que comporte a aplicação de penas canônicas”.²⁶⁹

O desafio da opção pela vida celibatária não poderia ficar fora do âmbito da vida presbiteral. A fidelidade ao celibato pelo Reino de Deus causa profundas interrogações numa sociedade que vive uma cultura hedonista, movida pelo prazer desenfreado, livre e inconsequente. Neste ambiente,

quando os estímulos novos e as tensões e o amadurecimento da pessoa, provocam uma regressão afetiva, que, sob a influência de tendências socialmente difundidas, induz o presbítero a dar um espaço indevido às próprias necessidades e a procurar compensações, impedindo assim o exercício da paternidade sacerdotal e da caridade pastoral.²⁷⁰

Outra grande dificuldade é ter a sensibilidade e a percepção de que se está ultrapassando os limites aceitáveis quando se trata de dedicação total ao próprio ministério. Reconhecer a debilidade física, psíquica e espiritual em detrimento do exaustivo trabalho pastoral é atitude nobre, humilde e grandiosa diante de Deus. O documento em exame afirma, categoricamente, que,

com o decorrer do tempo, o cansaço, o natural enfraquecimento físico e o surgimento das primeiras fragilidades da saúde, os conflitos, as decepções relativas às expectativas pastorais, o peso da rotina, a fadiga da mudança e outros condicionamentos socioculturais podem vir a enfraquecer o zelo apostólico e a generosidade na própria dedicação ao ministério pastoral.²⁷¹

²⁶⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 84.

²⁶⁹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 84.

²⁷⁰ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 84.

²⁷¹ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 84.

A vivência da fraternidade sacerdotal supõe o cuidado com os presbíteros idosos e os que sofrem enfermidades. “É importante que eles continuem a sentir-se parte ativa no presbitério e na vida diocesana, também através de frequentes visitas dos irmãos e da sua proximidade solícita”.²⁷² A fraternidade sacramental que une todos os presbíteros precisa ser exercitada para que qualquer forma de individualismo prejudicial seja banida.

É missão da Pastoral Presbiteral propor encontros fraternos para rezar, conviver e descansar. A partilha das refeições, os momentos de escuta e estima, proporcionam uma vida comum, capaz de sustentar o equilíbrio afetivo e espiritual. A comunhão de vida com os colegas presbíteros e com o bispo, além das associações sacerdotais, os movimentos eclesiais e os Institutos Seculares, tudo constitui expressão de vivência comunitária.²⁷³

O período formativo tem por objetivo fornecer os meios necessários para que o seminarista possa progredir no amadurecimento humanoafetivo. O ideal a ser perseguido é a configuração da personalidade humana a de Jesus Cristo, modelo de humanidade e de presbítero. Quanto à idoneidade exigida dos ministros ordenados, considera-se as seguintes virtudes: “a humildade, a coragem, o sentido prático, a magnanimidade do coração, a retidão no juízo, a discricção, a tolerância, a transparência, o amor à verdade e à honestidade”.²⁷⁴

O ser humano é relacional por natureza, e amadurece afetivamente quando aprende a se conhecer, interage com os outros, e compartilha sentimentos, ideias, sonhos, limitações e dificuldades. Percebe-se harmonia e equilíbrio de personalidade e comportamento quando se possui “madura capacidade relacional com homens e mulheres, de todas as idades e de qualquer condição social. É conveniente fazer referência às considerações sobre o modo como o seminarista se relaciona com as mulheres”.²⁷⁵ Hoje, as relações presenciais estão sendo substituídas pelas virtuais, por isso, se exige atenção e cuidado com uso excessivo da tecnologia digital, principalmente o uso da *Internet* e das redes sociais.

Outro aspecto relevante e frequente nos documentos formativos, é o da castidade e a opção pelo celibato. Sem um processo contínuo e progressivo de amadurecimento humanoafetivo será muito difícil perseverar na fidelidade ao chamado de Deus, à uma vida doada aos irmãos por amor e de coração indiviso.

O conselho evangélico da castidade desenvolve a maturidade da pessoa, tornando-a capaz de viver a realidade do próprio corpo e da própria afetividade na lógica do dom. [...] Aqueles que se preparam para o sacerdócio reconheçam

²⁷² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 85.

²⁷³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 88.

²⁷⁴ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 93.

²⁷⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 95.

e aceitem o celibato como um especial dom de Deus. No âmbito de uma correta educação à afetividade, compreendida como o caminho para a plenitude do amor.²⁷⁶

Quanto aos agentes da formação, em se tratando de casos especiais, pode ser designado um responsável qualificado para coordenar a formação humanoafetiva dentro dos seminários. “Ele trabalhará de modo a instaurar um clima comunitário propício para o processo de amadurecimento humano dos seminaristas em colaboração com outras pessoas competentes (no âmbito psicológico, desportivo, médico etc.)”.²⁷⁷ É dever dos formadores de cuidarem de sua saúde psíquica, sugere-se, se preciso, acompanhamento psicológico, tendo em vista o próprio amadurecimento humanoafetivo.

A contribuição das ciências psicológicas revelou-se, em geral, como uma ajuda apreciável para os formadores, aos quais cabe, de resto, a missão do discernimento das vocações. Tal contribuição científica permite conhecer melhor a índole e a personalidade dos candidatos, e oferecer um serviço formativo mais adequado às particulares condições de cada um.²⁷⁸

Por fim, merece destaque a proteção dos menores e o acompanhamento das vítimas de violência sexual. Os candidatos ao seminário poderão ter um histórico de experiências de abuso sexual, figurando de forma ativa (agressores) ou de forma passiva (vítimas). Nesses casos, haverá criteriosa avaliação psicológica para devidos acompanhamentos e resolução de problemas afetivos, como homossexualismo e pedofilia. Por isso, pede-se vigilância e atenção, para que aqueles que pedem a admissão a um Seminário ou a uma Casa de Formação, ou que já apresentaram o pedido para receber as Ordens, não tenham, por qualquer modo, incorrido em delitos ou situações neste âmbito.²⁷⁹

2.3.7 As questões humanoafetivas dos presbíteros nos documentos das Conferências do Episcopado Latino-Americano

A primeira Conferência Episcopal Latino Americana aconteceu em 1955, no Rio de Janeiro, e tratou, principalmente, da escassez de vocações. Há a preocupação constante em melhorar a formação humana do presbítero, que se entende pelo “desenvolvimento das virtudes e das boas qualidades naturais dos seminaristas, para que a *perfectio naturae* facilite a ação

²⁷⁶ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 110.

²⁷⁷ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n.137.

²⁷⁸ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 192.

²⁷⁹ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. n. 202.

sobrenatural da graça nas almas”.²⁸⁰ É preciso avaliar o caráter e o espírito de responsabilidade do vocacionado, bem como identificar e propor meios de vencer as dificuldades de ordem moral.

É importante que se dê destaque para o cultivo da fraternidade presbiteral, a formação permanente, a criação de associações sacerdotais e o cuidado com os padres jovens. Cabe aos bispos acompanhar os presbíteros, para que estes não estejam exercendo seu ministério mais em prol das atividades econômicas do que das espirituais e apostólicas.

Os bispos reunidos em Medellín, na 2ª Conferência realizada em 1968, na Colômbia, ao tratar dos presbíteros, destacam que as mudanças do mundo, especialmente na América Latina, afetam diretamente a vida e o ministério presbiteral. É notável, também, a escassez de presbíteros e o crescimento acentuado da população. Quanto à dimensão humanoafetiva do presbítero, apresenta-se uma grande dificuldade de promover e vivenciar a opção celibatária, pois há “um louvável aprofundamento do valor afetivo da pessoa humana e uma exacerbação do erotismo no meio ambiente, unidos ao frequente descuido da vida espiritual”.²⁸¹

Outro aspecto relevante é o da comunhão hierárquica, ou seja, da vivência da fraternidade presbiteral, onde reina a solidariedade e o cuidado no presbitério, sem sinais de carreirismo. Que haja na Igreja uma “íntima união de amizade, amor, preocupações, interesses e trabalhos entre bispos e presbíteros de modo que não se possa conceber um bispo desligado ou alheio a seus presbíteros, nem um presbítero desligado do ministério de seu bispo”.²⁸²

Fato que é constatado pela referida Conferência é a atitude de isolamento por muitos presbíteros em relação ao presbitério. Como prevenção, os bispos recomendam, incisivamente que “se fomente a vida das equipes sacerdotais em suas diversas formas. É preciso estabelecer centros sacerdotais onde possam reunir-se, em um ambiente fraternal e de contato frequente com o bispo, todos os presbíteros que tenham em mente seu aperfeiçoamento pessoal”.²⁸³

Quanto à formação presbiteral, embora se destaque como positivo, o desenvolvimento do respeito à pessoa humana são percebidas deficiências na formação para uma maturidade presbiteral plena. Sem falar, no excesso de atividades que deixa muito superficial a relação pessoal do candidato ao sacerdócio com Deus. Dentre os progressos realizados, cita-se, que,

há maior integração na equipe de educadores, atualização deste nível pessoal, através de cursos e encontros de reflexão, esforços de uma formação mais pessoal dos seminaristas num ambiente de família; integração do seminário na comunidade

²⁸⁰ *Documentos do Celam: conclusões do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. p. 35.

²⁸¹ CELAM: *Conclusões de Medellín*. p. 47.

²⁸² CELAM: *Conclusões de Medellín*. p. 48.

²⁸³ CELAM: *Conclusões de Medellín*. p. 50.

eclesial e na comunidade humana, em maior contato com o bispo e os párocos com os seminários; maior sensibilidade para as realidades do mundo atual e da família; renovação dos métodos pedagógicos; aplicação de uma sã psicologia no discernimento e orientação dos candidatos.²⁸⁴

Segundo o entendimento episcopal, o amadurecimento humanoafetivo é abarcado pela dimensão espiritual da formação presbiteral. Cabe aos seminários proporcionar um embasamento humano sólido aos candidatos ao sacerdócio, para que possam abraçar definitivamente o celibato. Os bispos não abrem mão de exigir uma

formação gradual, de acordo com o desenvolvimento físico e psicológico; capacidade para que realize uma escolha madura, consciente e livre; capacidade de amor e de entrega sem reserva, que exige uma fé forte, que o capacite a responder ao chamado de Deus; disciplina ascética e vida de oração que o leve a uma maturidade no relacionamento com o outro sexo; uma realização do sentido da amizade e a capacidade para trabalhar em equipe com seus irmãos sacerdotes.²⁸⁵

A 3ª Conferência Latino-americana de 1979, em Puebla, no México, chama atenção para a realidade eclesial que apresenta de um lado, um dado preocupante, a escassez de presbíteros, e por outro, um sinal de esperança, o ressurgir de novas vocações:

os sacerdotes vivem sobrecarregados de trabalho pastoral, sobretudo onde não tem havido suficiente abertura aos ministérios confiados aos leigos e a cooperação com a missão dos sacerdotes. É alentador o espírito de sacrifício de muitos presbíteros que assumem corajosamente a solidão e o isolamento, sobretudo no mundo rural.²⁸⁶

Apesar do ativismo causado pelo número reduzido de presbíteros e da vida solitária experimentada por muitos, é percebido, em várias comunidades, uma união significativa de esforços, “um novo estilo de relacionamento entre bispos e presbíteros e destes com seu povo, caracterizado por maior simplicidade, compreensão e amizade no Senhor”.²⁸⁷ A ausência de fraternidade presbiteral, já mencionada no Documento de Medellín, gera isolamento e abandono do ministério presbiteral. Ao passo que, o fortalecimento dos laços de amizade e companheirismo garantem alegria e perseverança.

Nos seminários, será preciso insistir na austeridade, disciplina, responsabilidade e espírito de pobreza, num clima de autêntica vida comunitária. Os futuros sacerdotes sejam formados responsavelmente para o celibato. Tudo isso é exigido pela renúncia e entrega que se pede do presbítero.²⁸⁸

²⁸⁴ CELAM: *Conclusões de Medellín*. p. 57-58.

²⁸⁵ CELAM: *Conclusões de Medellín*. p. 59.

²⁸⁶ CELAM: *Conclusões de Puebla*. n. 116.

²⁸⁷ CELAM: *Conclusões de Puebla*. n. 626.

²⁸⁸ CELAM: *Conclusões de Puebla*. n. 878.

A 4ª Conferência Episcopal, realizada em Santo Domingo, na República Dominicana, em 1992, dirigiu um olhar mais profundo e preocupado com a formação e o acompanhamento dos presbíteros, tendo em vista os desafios do fenômeno da secularização, e a busca por fortalecer as relações de cuidado pessoal no presbitério, especialmente com a saúde.

Há uma consciência crescente de necessidade e integralidade da formação permanente, entendida e aceita como caminho de conversão e meio para a fidelidade. [...] Cada vez aparece com mais clareza a necessidade de acompanhar o processo de crescimento, tentando fazer com que os desafios, que o secularismo e a injustiça suscitam possam ser assimilados e respondidos a partir da caridade pastoral. Igual atenção, temos de prestar aos sacerdotes idosos ou enfermos.²⁸⁹

A Pastoral Presbiteral também ganha destaque e importância por parte do episcopado, que reconhece a necessidade de uma maior aproximação e atenção aos ministros ordenados de cada diocese. Tendo em vista tal intuito, foi assumido pelos bispos o compromisso de “organizar melhor uma pastoral de acompanhamento dos presbíteros e diáconos, para apoiar os que se encontram em ambientes especialmente difíceis”.²⁹⁰

Outra preocupação do documento foi a de implementar as diretrizes da Exortação Apostólica *Pastores Dabo Vobis*, do papa João Paulo II, sobre a formação sacerdotal, especialmente quanto à seleção e preparação dos formadores para propor um processo de formação integral, que abrange as dimensões humana, espiritual, intelectual e pastoral, considerando a origem dos candidatos ao presbiterado.

A 5ª Conferência Latino-americana, realizada em 2007, em Aparecida, São Paulo, apresentou como desafio a inserção do presbítero numa realidade cultural diversa e complexa. A missão de pregar o Evangelho a toda criatura exige conhecimento da realidade. “Este desafio inclui a necessidade de potencializar adequadamente a formação inicial e permanente dos presbíteros, em suas quatro dimensões: humana, espiritual, intelectual e pastoral”.²⁹¹

Retoma-se o tema da valorização do celibato, como dom divino, configuração a Cristo, sinal de renúncia e doação total da vida em prol do Reino de Deus a serviço da Igreja: “O celibato solicita assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade, vivendo-as com serenidade e alegria em um caminho comunitário”.²⁹² Por isso, o presbítero necessita de atitude constante de autoconhecimento para ser capaz de identificar suas motivações, aceitar limitações e integrar as frustrações.

²⁸⁹ CELAM: *Conclusões de Santo Domingo*. n. 72.

²⁹⁰ CELAM: *Conclusões de Santo Domingo*. n. 75.

²⁹¹ *Documento de Aparecida*. n. 194.

²⁹² *Documento de Aparecida*. n. 196.

Compete à Pastoral Presbiteral propor atividades que despertem o cuidado com a saúde física, psíquica e espiritual do presbítero, proporcionando formação permanente e integral. “Levando em consideração o número de presbíteros que abandonaram o ministério, cada Igreja local deve procurar estabelecer com eles relações de fraternidade e de mútua colaboração conforme as normas prescritas pela Igreja”.²⁹³

Atenção especial seja dada à escolha e preparação dos formadores dos seminários e casas de formação religiosa. Estes são chamados a ser uma presença que revele equilíbrio humanoafetivo aos seus formandos, auxiliando-os no crescimento e aprofundamento de tal dimensão, que prepare para assumir a vida celibatária e a comunhão fraterna presbiteral.

Seu testemunho e preparação são decisivos para o acompanhamento dos seminaristas para um amadurecimento afetivo que os faça aptos para abraçar o celibato e capazes de viver em comunhão com seus irmãos na vocação sacerdotal; neste sentido, os cursos de formadores que se tem implementado são um meio eficaz de ajuda a sua missão.²⁹⁴

Quanto aos projetos de formação, espera-se sua elaboração em vista da realidade atual, considerando as influências da denominada era pós-moderna, principalmente, advindas das novas redes sociais oferecidas pelas mídias. Além disso, constata-se, como consequências dessa realidade, “a fragmentação da personalidade, a incapacidade de assumir compromissos definitivos, a ausência de maturidade humana, o enfraquecimento da identidade espiritual, entre outros, que dificultam o processo de formação de autênticos discípulos e missionários”.²⁹⁵

Pede-se aos formadores, maior atenção ao selecionar candidatos ao presbiterado. É indispensável “equilíbrio psicológico de uma sã personalidade, uma motivação genuína de amor a Cristo, à Igreja, ao mesmo tempo em que capacidade intelectual adequada às exigências do ministério no tempo atual”.²⁹⁶ Caso houver necessidade, os seminários ofereçam acompanhamento psicológico a seus seminaristas, individual e grupal, como parte do processo de formação integral que abrange o aspecto humano, espiritual, intelectual e pastoral dos futuros presbíteros.²⁹⁷

Quanto mais o candidato ao presbiterado for avançando em seu processo de maturação humana, mais terá condições de assumir na fidelidade e por amor a vida celibatária. A busca e o desenvolvimento de relações sadias proporcionam ao presbítero maior equilíbrio e

²⁹³ *Documento de Aparecida*. n. 200.

²⁹⁴ *Documento de Aparecida*. n. 317.

²⁹⁵ *Documento de Aparecida*. n. 318.

²⁹⁶ *Documento de Aparecida*. n. 318.

²⁹⁷ Cf. *Documento de Aparecida*. n. 319.

estabilidade de quem, definitivamente, se propôs em consagrar sua vida, de alma e coração, a Jesus Cristo a serviço dos irmãos.

É indispensável confirmar que os candidatos sejam capazes de assumir as exigências da vida comunitária, o que implica diálogo, capacidade de serviço, humildade, valorização dos carismas alheios, disposição para se deixar interpelar pelos outros, obediência ao bispo e abertura para crescer em comunhão missionária com os presbíteros, diáconos, religiosos e leigos, servindo à unidade na diversidade.²⁹⁸

O processo formativo de amadurecimento humanoafetivo, começa no seminário e depois se estende durante toda vida do presbítero, por meio da formação permanente. Atenção especial aos presbíteros nos seus primeiros anos de ordenação, que necessitam maior acompanhamento e de experiências de comunhão fraterna com os demais presbíteros no intuito de, progressivamente, solidificar e fortalecer a decisão tomada na ordenação sacerdotal. A perseverança no ministério presbiteral é de responsabilidade de todos no presbitério, entretanto, cabe aos bispos, dar atenção e cuidado paterno aos seus presbíteros.²⁹⁹

2.3.8 A formação humanoafetiva dos presbíteros nos Documentos da CNBB

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB aborda a dimensão humanoafetiva do presbítero em suas diretrizes básicas para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. O documento 55, de 1995, trata da formação humanoafetiva em termos de maturidade, opção pelo celibato e assistência psicológica e pedagógica, além da formação permanente e dos formadores. O documento 93, de 2010, aborda o fundamento, a finalidade, os objetivos específicos e os meios de se trabalhar a dimensão humanoafetiva, missão dos formadores e Pastoral Presbiteral. E as diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil, aprovadas na 56ª Assembleia Geral em 2018, tratam da formação humana como dimensão da etapa formativa do Propedêutico e do Seminário Maior.

Atualmente, os que se sentem chamados ao presbiterado, não são mais crianças ou adolescentes, como outrora, a maioria são jovens adultos que carregam consigo uma história marcada por experiência profissional, afetiva e sexual.³⁰⁰

A geração atual – influenciada certamente pelo contexto da sociedade e dos costumes – tende a supervalorizar a afetividade e a sexualidade, sem alcançar, contudo, muitas

²⁹⁸ *Documento de Aparecida*. n. 324.

²⁹⁹ Cf. *Documento de Aparecida*. p. 262.

³⁰⁰ Cf. CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. 1995, n.14.

vezes, uma correspondente maturidade e coerência de atitudes, as vezes sem possuir nem mesmo uma clara identificação com a própria condição sexual.³⁰¹

Há novos desafios para os formadores que recebem nos seminários vocações adultas. Os vocacionados precisam ser instruídos a integrar e conviver com o que experimentaram em termos de afetividade e sexualidade visando ao amadurecimento em pretensão da vida presbiteral. Dentre as qualidades que a missão do presbítero exige, ressalta-se “a capacidade de acolhida e exemplo do Cristo Pastor que une a firmeza à ternura, sem ceder à tentação de um serviço burocrático e rotineiro [...] e a maturidade para enfrentar os conflitos existenciais”.³⁰²

As diretrizes formativas apontam para uma nova crise que ameaça a vida presbiteral, diferente daquela que implicou no abandono do ministério sacerdotal, com as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II. “É a crise da sobrecarga de trabalho pastoral, geradora de cansaço, de rotina, de superficialidade na oração e no estudo, de solidão afetiva, de fragilidade”,³⁰³ Tal fenômeno exige maior atenção à pessoa do presbítero, que representa muito mais do que um cumpridor de tarefas eclesiais. Numa Igreja toda ministerial, o presbítero faz o que lhe é específico, e reparte com os agentes de pastoral e a comunidade as demais atividades. Ao presbítero, cabe, “evitar sobrecarga e encontrar sua realização pessoal, preservando sua saúde física e psíquica, dedicando mais tempo à oração, integrando melhor sua doação pastoral sustentada pela graça de Cristo, com suas qualidades humanas e disposições afetivas.”³⁰⁴

É preciso abordar ainda, “o conhecimento de si mesmo, com qualidades, defeitos e limites; o conhecimento da sexualidade masculina e feminina; a formação da consciência, caráter, personalidade; o equilíbrio no relacionamento interpessoal”.³⁰⁵ Considerando que há uma tendência moderna ao isolamento e ao individualismo, as experiências pastorais visam ajudar o seminarista a “abrir-se mais à comunhão com a vida do povo, com a comunidade cristã e com o presbitério; [...] e a integrar sua dimensão humanoafetiva nas relações humanas e nos contatos pastorais”.³⁰⁶

Ao tratar diretamente da dimensão humanoafetiva na formação presbiteral, a Igreja do Brasil reforça que “o presbítero precisa de amadurecimento humanoafetivo progressivo, integrado, porque é chamado a ser ponte e não obstáculo para outros, em seu encontro com Jesus Cristo redentor do homem”.³⁰⁷

³⁰¹ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. 1995, n. 14.

³⁰² CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil*. 1995, n. 19.

³⁰³ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 20.

³⁰⁴ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 21.

³⁰⁵ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 56.

³⁰⁶ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 94.

³⁰⁷ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 110.

Desprovido de uma séria e profunda formação humanoafetiva que eduque para o autoconhecimento equilibrado de si mesmo e do outro, o aspirante ao sacerdócio ou o então presbítero, encontrar-se-á sem condições de optar pelo celibato. Mesmo que se tenha a carisma ao celibato, isso não retira do vocacionado e do presbítero as tendências afetivas e as excitações do instinto. A orientação formativa é radical quando afirma: “sempre que um candidato, mesmo sem qualquer culpa, manifestar atitudes não condizentes com o compromisso da castidade no celibato, deverá deixar o seminário”.³⁰⁸

Além do acompanhamento dos formadores, requerem-se psicólogos, pedagogos e outros especialistas para proporcionar uma formação humanoafetiva personalizada. É preciso crescer e aprofundar a capacidade de doar-se e servir aos outros por amor, superando o egocentrismo. Para isso, supõe-se: “uma suficiente autonomia psicológica, que é liberdade de qualquer rigidez ou compulsão, e da integração positiva da sexualidade, que assegura a maturidade e o equilíbrio das relações humanas e da caridade”.³⁰⁹

No que diz respeito à formação permanente dos presbíteros, requer atenção especial os padres recém ordenados, possivelmente necessitados de acompanhamento no processo de amadurecimento humanoafetivo. Cabe ao bispo promover encontros que “possibilitem troca de experiências, reflexão crítica sobre a ação pastoral, atualização teológica e cultura e – não menos importante – acompanhamento espiritual e convivência fraterna”.³¹⁰

O bispo, juntamente com todo o presbitério, tem de responsabilizarem-se pela escolha e preparação dos presbíteros que irão atuar como formadores nos seminários. Inclusive, a “preparação dos educadores (reitores, diretores espirituais, professores, supervisores dos estágios pastorais) destinados à formação dos futuros presbíteros, exige um investimento, humano e financeiro, cada vez maior, proporcional às necessidades de cada diocese”.³¹¹

O processo de maturação humanoafetiva desenvolve no seminarista e no presbítero a capacidade de autoconhecer-se, de equilibrar afetos, emoções, e tensões advindas das experiências do cotidiano. Ao aprofundar tal dimensão, o indivíduo é capaz de amar-se, aceitar limitações e fraquezas e potencializar dons e talentos. Tendo certeza que Deus o ama, pois Ele o escolheu e o consagrou para uma missão de dar a vida a serviço dos irmãos.³¹²

Constituem objetivos específicos da dimensão humanoafetiva na formação dos futuros presbíteros: autoconhecimento, senso crítico das pessoas e dos acontecimentos, liberdade para

³⁰⁸ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 112.

³⁰⁹ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 114.

³¹⁰ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 186.

³¹¹ CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1995, n. 194.

³¹² Cf. CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 251.

decidir, relacionamentos equilibrados, aceitar e acolher o outro, ser empático, bom relacionamento com a família, evitar apegos e dependências, trabalho em equipe sem autoritarismos, relação madura e construtiva com todos, especialmente com casais, amar na doação e no serviço, autonomia psicológica e integração da sexualidade, saber dialogar, viver bem em comunidade, autodomínio, autoconfiança, reto uso do dinheiro evitando o consumismo e utilizar os meios de comunicação com moderação.³¹³

Para atingir e progredir no amadurecimento humanoafetivo tanto na formação inicial quanto na permanente, é necessário investir e promover, primeiramente, uma educação afetivo-sexual, “na qual as realidades pessoais precisam ser conhecidas e integradas, evitando-se ocultamentos e auto justificações. Não se constitui uma estrutura humana saudável sem uma bem elaborada e clara identidade sexual”.³¹⁴

A formação para a vivência saudável do carisma do celibato em prol do Reino de Deus também se mostra fundamental para aquele que quer viver sua vocação de forma autêntica e fiel. “O ideal celibatário consagrado há de ser explicitado e vivido como opção e coerência de vida. O ser celibatário não pode se constituir apenas por suposta adesão implícita; é antes de tudo um dom da graça do Senhor, que há de ser reconhecido, acolhido e amadurecido”.³¹⁵

Aprofundar a dimensão humanoafetiva é conscientizar-se de que o ser humano possui um corpo e uma identidade sexual. Para que isso aconteça, algumas iniciativas e determinados cuidados se fazem indispensáveis, antes e depois da ordenação, como por exemplo: “alimentação adequada, o vestir condigno e a manutenção da boa saúde são imprescindíveis. Não podem ser esquecidos, na formação, o trabalho manual, o necessário descanso, incluindo o sono, o tempo de lazer, os esportes”.³¹⁶

O processo da formação humanoafetiva consiste no conhecimento, integração e superação das experiências afetivas negativas que causam dificuldades nas relações humanas do futuro presbítero, consigo mesmo e com os outros. “Este permanente e vital processo ajudará o formando a integrar em seu caminho de maturação as experiências negativas originadas de conflitos familiares, sociais e culturais trazidos para dentro da comunidade de formação”.³¹⁷

Por fim, enfatiza-se a missão dos formadores, incluindo diretores espirituais, outros especialistas, além de psicólogos e psicopedagogos, sendo que, o acompanhamento das vocações deve ser personalizado, considerando a história e as particularidades psicoafetivas. “É

³¹³ Cf. CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 252.

³¹⁴ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 255.

³¹⁵ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 256.

³¹⁶ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 257.

³¹⁷ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 260.

tarefa da equipe de formadores ajudar cada um a discernir não só se é chamado por Deus, mas se tem condições psicológicas para assumir o que o presbiterado supõe como base humana”.³¹⁸

O itinerário vocacional conjuga a graça de Deus que concede o dom do sacerdócio e o constante esforço humano em responder o chamado divino. A meta diária daquele que é convocado pelo Senhor a um seguimento mais radical é a de crescer constantemente no discipulado e na configuração a Jesus Cristo, modelo humano. “Isso requer empenho e discernimento do processo formativo nas circunstâncias atuais, à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja e de um sadio conhecimento da pessoa humana”.³¹⁹

É cada vez mais comum encontrar nos seminários e casas de formação, vocacionados “em fase de construção de sua personalidade o que envolve a própria sexualidade. Entre esses jovens alguns podem apresentar insegurança na identidade sexual, que fragmenta a própria identidade e a vida psíquica”.³²⁰ Sob a influência da vigente ideologia de gênero, cabe à equipe formativa verificar e aprofundar a existência de eventuais distúrbios afetivo-sexuais que destoam da moral cristã, por exemplo, a homossexualidade.

O presbítero é chamado a configurar-se a Jesus Cristo, sendo perito em humanidade e homem da proximidade. Contra toda forma de isolamento, o presbítero é agente de relações, na acolhida e no diálogo, quando media o amor de Deus-Pai para com os filhos e filhas. Assim, não se deixa aprisionar pelo trabalho rotineiro e burocrático. Portanto, Ser presbítero diocesano “implica gostar de viver no meio do povo, cultivar um vínculo específico com o presbitério, alimentar corresponsabilidade pela ação evangelizadora da Igreja particular, sem se fechar à missionaridade, sustentado e motivado pela caridade pastoral”.³²¹

O processo formativo, gradativamente, conduz o futuro presbítero à maturidade integral, especialmente, humanoafetiva. Tal consciência, provoca aversão a todo e qualquer tipo de narcisismo, autoritarismo, clericalismo, carreirismo, que destoa de um seguimento e configuração coerente e verdadeira de Jesus Cristo, mestre e servidor.

Faz-se indispensável na busca do amadurecimento humanoafetivo, a existência de avaliação constante dos avanços e retrocessos do vocacionado. Deseja-se uma formação para o ser: “que o seminarista venha a ser autêntica pessoa humana, cristã e presbiteral orientando os desejos e buscas para que a sua existência glorifique o Deus da vida. Uma verdadeira formação do ser permite viver a vida e o ministério com entusiasmo, vitalidade, alegria”.³²²

³¹⁸ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2010, n. 264.

³¹⁹ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2018, n. 6.

³²⁰ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2018, n. 24.

³²¹ CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2018, n. 52.

³²² CNBB. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. 2018, n. 118.

No decorrer da caminhada vocacional, o futuro presbítero, ao tomar consciência de que, por amor, o Senhor o consagrou a sua Igreja, é capaz de transformar as renúncias, sacrifícios e perdas em fonte de realização pessoal num processo de amadurecimento humano contínuo. “Um formando livre e feliz aprende a trabalhar a si mesmo, resgatando sua história e burilando as asperezas do próprio mundo interior e a assumir uma disciplina que habilite a praticar os valores e princípios desejados, expressão do caminho que percorre”.³²³

A missão da Pastoral Presbiteral é de fomentar e desenvolver iniciativas que proporcionem uma formação permanente integral. Insiste-se que tanto os seminaristas quanto os presbíteros, vejam o presbitério como uma grande família, em cada colega um irmão, e no bispo a figura do pai. Esta percepção desperta no presbítero o sentimento de pertença,

unidade com sua diocese, o autoconhecimento, a maturidade humana, a capacidade de relacionar-se, a integração positiva e oblativa de sua sexualidade como celibatário, o exercício do poder e da autoridade como serviço, a dedicação e o zelo pelo trabalho pastoral, o uso do dinheiro e dos bens como meios de partilha e comunhão.³²⁴

Em suma, pode-se constatar que a Igreja no Brasil, sempre demonstrou grande preocupação com a formação humanoafetiva e equilibrada dos futuros presbíteros. Na formação inicial, além da escolha e preparação adequada dos formadores, é necessário um olhar personalizado para o vocacionado, seja jovem ou adulto. As motivações, a história de vida, as experiências afetivas sexuais, a personalidade, o caráter, fraquezas e capacidades deverão ser consideradas. Se preciso, sugere-se que se faça uso da psicoterapia para tratar eventuais distúrbios. Na formação permanente, o processo de amadurecimento humanoafetivo tem continuidade, principalmente, na fraternidade e solidariedade da comunhão presbiteral.

³²³ CNBB. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. 2018, n. 124.

³²⁴ CNBB. Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil. 2018, n. 378.

3 INCIDÊNCIAS E AUSÊNCIAS DE ASPECTOS RELEVANTES À FORMAÇÃO HUMANOAFETIVA DO PRESBÍTERO CONTEMPORÂNEO NOS ENPS

Neste último capítulo, pretende-se apresentar e aprofundar os principais aspectos diretamente relacionados à dimensão da formação humanoafetiva do presbítero. Primeiramente, os temas humanoafetivos que foram mais recorrentes na história dos ENPs. E na sequência, aqueles assuntos que foram abordados de forma pontual e superficial e, necessariamente, pela sua importância precisam ser tratados com mais atenção.

3.1 INCIDÊNCIAS

Ao analisar os instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros e confrontá-los com as fontes da Sagrada Escritura, da Tradição e do Magistério eclesial, foi possível destacar a presença/incidência de três aspectos relevantes para compreender a dimensão humanoafetiva do presbítero contemporâneo: a) a relação com o poder: clericalismo e carreirismo; b) a afetividade e a sexualidade; e c) a Pastoral Presbiteral.

3.1.1 A relação com o poder: entre o clericalismo e o carreirismo

Como resposta a uma sociedade secularizada e relativista, num processo acelerado de urbanização e globalização, o Concílio Vaticano II propôs a eclesiologia da Igreja Povo de Deus, toda ministerial, descentralizada, com maior participação do laicato em detrimento da concentração de poder do clero. O clericalismo expresso nas formas de autoritarismo e carreirismo, contudo, é ainda um fato presente na vida do presbítero e afeta diretamente a sua identidade.

Dentre as motivações que possam impulsionar um jovem a desejar a vida presbiteral, pode haver a busca do poder sagrado e institucional que faz do presbítero alguém especial e admirável, líder e autoridade no âmbito religioso e social. Para Cozzens, o clericalismo “é sempre disfuncional e arrogante e mutila a maturidade espiritual e emocional do padre, do bispo ou diácono que for pego em sua teia”.³²⁵

O exercício negativo do poder dá lugar à imposição de vontades, ao monopólio da força, à violência, à manipulação das relações humanas em proveito próprio, visando ao sucesso e prestígio. Isso acaba por instigar o carreirismo, o clima acirrado de competição, a busca de

³²⁵ COZZENS, Donald. *Silêncio Sagrado*. p. 141.

vantagens e rivalidades, frutos de atitudes imaturas e inconsequentes de quem quer o controle político, econômico, ideológico e religioso. De acordo com Pereira, o presbítero imaturo afetivamente está sujeito à

difamação e disputa destrutiva visando ao poder para “levar vantagem” econômica como paróquias mais rentáveis, prestígio e domínio, ou seja, cargos e funções que decidem os benefícios, merecem ser analisados em público, nas assembleias do clero. A prática do silêncio, da ausência de transparência e da centralização dos poderes nas mãos de alguns é marca de ambientes autoritários, despóticos, altamente repressivos e antiéticos, em situações como prisões de segurança máxima, governos de regimes ditatoriais e de partidos políticos que loteiam cargos.³²⁶

O carreirismo nasce da vontade de poder, que justifica toda e qualquer forma de conquistar cargos num sistema hierárquico. Conforme Cozzens, afeto e poder se relacionam, pois, “a ambição é um instinto humano fundamental tanto quanto a sexualidade. [...] A ambição, assim como o sexo, é considerada imprópria nos círculos eclesiásticos, suas aspirações urgentes devem ser cuidadosamente escondidas e disfarçadas”.³²⁷ Quanto ao poder presbiteral, Oliveira sinaliza para

o fato de que os ministros são revestidos pelo povo de uma auréola de santidade oferece-lhes um grande poder. A instituição, por sua vez, costuma reforçar ainda mais o poder dos ministros. Isso deixa as pessoas bem vulneráveis diante deles e, com uma certa frequência, abre brechas para abusos e manipulações.³²⁸

O desejo de autoafirmação é inato à natureza humana. Porém, quando, no presbitério, os anseios e projetos individuais se sobrepõem ao ideal eclesial de comunhão fraterna e unidade, “as relações interpessoais entre os presbíteros são mescladas de ciúme, inveja e competições. Percebe-se a cultura do individualismo e do isolamento fixado e neurótico de cada um nas suas paróquias dificulta os trabalhos de uma pastoral de conjunto”.³²⁹ Para pensamento de Karl Rahner,

todo homem sente de alguma forma a tentação de afirmar e acentuar o sentimento de si mesmo, em certo sentido necessário à sua própria existência, até o ponto de conferir valor absoluto à sua missão e significado, pelo menos no círculo que lhe interessa principalmente. Essa tendência também ocorre no clero.³³⁰

³²⁶ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 276.

³²⁷ COZZENS, Donald. *Silêncio Sagrado*. p. 145-146.

³²⁸ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 55

³²⁹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 328.

³³⁰ *Todo hombre siente de algún modo la tentación de afirmar y acentuar el sentimiento de sí mismo, en un cierto sentido necesario para su propia existencia, hasta el punto de conceder un valor absoluto a su misión y significado, al menos en el círculo que le interesa principalmente. Esta tendencia se da también en el clero.* RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano*. p. 143.

Na concepção rahneriana, “ou superestimamos nossa importância abaixando outros homens, ou somos inseguros na avaliação de nossa existência sacerdotal, nos sentindo zombados e não sendo levados a sério. Ambas as atitudes são falsas”.³³¹ Essa maneira de agir gera desvirtuamento da identidade presbiteral. O ambicioso por ânsia de poder, facilmente deixa que “suas principais virtudes tornem-se uma obediência irrefletida e uma ortodoxia rígida, e seu comportamento é sempre aquele do clérigo respeitável”.³³² A busca de recompensas institucionais ainda é motivação vocacional de perseverança no ministério presbiteral.

Segundo Cozzens, “o poder, claro, é sempre atraente, mesmo sedutor. Mas na cultura clerical feudal em que muitos padres ainda vivem, movimentam-se e trabalham, o gesto de aprovação do bispo, seu olhar cordial são a recompensa máxima”.³³³ A atração pelo carreirismo eclesial faz com que o presbítero creia e defenda os dogmas e a doutrina da Igreja, porém sua fé se revela instável e superficial, e destoa do ensinamento cristão: “Aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o vosso servo” (*Mt 20, 27*).

Para Rahner, “o que se entende por orgulho e autossuficiência clerical, ou o que significa desejo clerical pelo poder, e que de fato ocorre com frequência inclusive em nossos dias, deve desaparecer”.³³⁴ A imposição de vontade em nome próprio é extremamente prejudicial à toda Igreja, um contratestemunho evangélico. A crise de identidade converte-se em instabilidade vocacional e existencial, quando permeadas, por relações humanas que instigam competições, disputas, rivalidades e concorrências.

O mau uso do poder eclesial é fruto da imaturidade afetiva do presbítero e produz consequências nefastas para a imagem e a dignidade do padre e da Igreja. Pereira sugere que, “o manejo do poder e do distúrbio narcísico tem que ser discutido, pensado, organizado e aprendido em assembleias do clero, retiros espirituais, momentos de formação permanente através da Pastoral Presbiteral, visando educar-se nas relações humano-afetivo-espirituais”.³³⁵

O exercício do poder do qual está imbuído o presbítero, segue o testemunho e a missão de Jesus Cristo, o Bom Pastor, aquele que dá a vida por suas ovelhas. O presbítero-pastor não domina, não oprime, não humilha, não explora, mas serve, cuida, promove, orienta com amor. Segundo, as Sagradas Escrituras a escolha e eleição dos dirigentes das primeiras comunidades

³³¹ “O bien sobrevaloramos nuestra importancia rebajando a los demás hombres, o bien nos mostramos inseguros en la valoración de nuestra existencia sacerdotal, sintiéndonos burlados y que no se nos toma en serio. Ambas actitudes son falsas”. RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano*. p. 143.

³³² COZZENS, Donald. *Silêncio Sagrado*. p. 146.

³³³ COZZENS, Donald. *Silêncio Sagrado*. p. 146.

³³⁴ “Lo que se entiende por orgullo y autosuficiencia clerical, o que significa afán clerical de poder, y que de hecho se da con frecuencia incluso en nuestros días, debe desaparecer”. RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano*. p. 142-143.

³³⁵ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 328.

crístãs, com a missão de animar e coordenar a Igreja nascente é mais doação de vida do que honra pessoal. Por isso, alerta e adverte aos futuros presbíteros, para o cuidado com o perigo da cobiça, da ambição e da ‘auto exaltação’. As atitudes egoístas, subjetivistas e individualistas devem dar lugar a uma conduta humilde, modesta, simples e sóbria a exemplo de Jesus.

Os Santos Padres orientam os ministros eclesiais a realizarem um intenso e profundo exame de suas capacidades e limitações antes de assumir a responsabilidade presbiteral. O orgulho e a vaidade devem ser combatidos, pois são causas de rivalidades, clima de competitividade, de inveja, de falsidade, e de relações interesseiras que tendem a dispersar o rebanho, ao invés de congregá-lo. Diante da sobrecarga de atividades, é indispensável que os presbíteros busquem o equilíbrio da vida espiritual e pastoral, o que auxilia muito no discernimento da vivência do poder-serviço.

A reflexão sobre a crise de identidade do presbítero figurou, desde o início, no centro das temáticas dos Encontros Nacionais de Presbíteros e mostrou como fator principal o ativismo presbiteral. O ministério pastoral desenvolvido sob a égide do profissionalismo burocrático e funcional, tende a gerar o clericalismo e o conseqüente, carreirismo eclesial. A centralização do poder e a incapacidade de delegar funções aos leigos reproduz um comportamento autoritário, que favorece o isolamento, fruto da insegurança pessoal, temor de perder o lugar de destaque e deixar de merecer a condição de respeito e distinção diante da comunidade eclesial.

Segundo Rahner, o presbítero “é uma autoridade que não pode ser comparada com outra pessoa de natureza pessoal e positiva que o homem conhece bem; e isso precisa ser revelado exatamente da maneira pela qual essa autoridade sacerdotal é aplicada aos homens”.³³⁶ O ministério presbiteral é o exercício do poder sagrado, principalmente, através da celebração dos sacramentos e da liderança eclesial, porém, a autoridade do presbítero não se confunde com atitude autoritária que impõe, humilha e inferioriza os demais ministérios eclesiais.

O presbítero tem papel fundamental e próprio dentro da Igreja, porém, outros ministérios também têm missão ímpar. O presbítero tem missão específica que não se confunde com outras funções na Igreja e muitas delas devem ser assumidas pelos leigos. Na concepção de Rahner,

o padre também é um ator, e um ator importante no grande drama que Deus reúne na história universal e que ele representa pessoalmente em seu Logos eterno e encarnado. Mas, por esse motivo, o padre não é o único ator, porque em um certo aspecto ele desempenha um papel modesto; Por esse motivo, todos os outros não são

³³⁶ “Por esta razón es una autoridad que no puede compararse con ninguna otra de tipo personal y positivo que el hombre conoce bien; y esto precisamente debe ponerse de manifiesto en la manera con que se aplica esa autoridad sacerdotal de cara a los hombres”. RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano*. p. 142.

insignificantes, nem o restante das funções depende de nós. Devemos conquistar a humildade, a coragem, a segurança interior para nos sentirmos enviados por Deus e deixar que outros homens vivam de maneira diferente.³³⁷

Ao exercer a liderança e a direção espiritual na Igreja, o presbítero assume posição de distinção, pois através de seu ministério eclesial presta um serviço sacerdotal e sacramental. Conforme afirma Greshake, “o sacerdote está ‘na frente’ de seus irmãos, dos outros cristãos, mas também se vê como cristão entre outros cristãos, ainda mais, como irmão em Cristo, como irmão em quem a Igreja se representa de uma maneira especial, e que está 'no meio' dela”.³³⁸

O sacerdote está diante da comunidade em nome de Cristo nos 'pontos-chave' da vida eclesial, isto é, na celebração dos sacramentos, na proclamação da palavra e na direção espiritual, e desde que o padre age com poder espiritual, vemos que quando ele não exerce sua atividade ministerial e sacramental, ele deve recuar para o fundo com muito mais razão e perceber de maneira mais clara o fato de 'estar dentro' da comunidade, de 'estar junto com os outros cristãos'. Isso significa que, desde que sua autoridade espiritual, concedida pelo poder do Senhor, não esteja em jogo, o ministro deve renunciar a qualquer "oposição" que o coloque diante da comunidade e deve se considerar um membro da comunidade, como cristão entre irmãos cristãos, de acordo com a passagem do Mt 23, 8ss que 'critica o ministério'.³³⁹

O sacramento da Ordem é poder de serviço, de doar a vida em nome de Jesus Cristo à Igreja. Porém, a concepção desvirtuada desse dom constitui a prática do clericalismo, que se estabelece, segundo Greshake, “onde quer que o serviço espiritual se torne um domínio, onde a carga sacramental de 'representar Cristo' é pervertida para exercer poder pessoal, colocar 'lá em cima', ocupando o primeiro lugar, obter vantagens, para celebrar-se a si mesmo”.³⁴⁰ O poder presbiteral sob a forma de autoafirmação tem capacidade de desvirtuar a sua identidade.

³³⁷ “El sacerdote es un actor, y un actor importante, en el gran drama que Dios monta en la historia universal y que él representa personalmente en su Logos eterno y encarnado. Pero, por eso mismo, el sacerdote no es el único actor, pues em un determinado aspecto juega un papel modesto; por eso mismo, todos los demás no son insignificantes ni el resto de las funciones dependen de nosotros. Hemos de conquistar la humildad, el valor, la seguridad interior para sentirmos enviados de Dios y dejar que los otros hombres vivan de distinto modo”. RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano*. p. 143-144.

³³⁸ “El sacerdote se halla 'frente a' sus hermanos, los demás cristianos, pero también se halla como un cristiano entre otros cristianos, más aún, como un hermano en Cristo, como un hermano en quien la Iglesia se representa de manera especial, y que está 'en medio de' ella”. GRESHAKE, Gilbert. *Ser sacerdote hoy*. p. 428.

³³⁹ “El sacerdote se halla frente a la comunidad por encargo de Cristo en los 'puntos clave' de la vida eclesial, es decir, en la celebración de los sacramentos, en la proclamación de la palabra y en la dirección espiritual, y puesto que el sacerdote actúa con potestad espiritual, vemos que cuando él no ejerce su actividad ministerial y sacramental debería retirarse al fondo con tanta mayor razón y realizar de manera tanto más clara el hecho de 'estar dentro' de la comunidad, de 'estar junto con los demás cristianos'. Esto quiere decir que, siempre que no esté en juego su autoridad espiritual, concedida por el poder del Señor, el ministro debería renunciar a toda 'contraposición' que le sitúe frente a la comunidad y debería considerar-se a sí mismo como un miembro de la comunidad, como un cristiano más entre hermanos cristianos, con arreglo a aquel pasaje de Mt 23, 8ss que 'hace crítica del ministerio'. GRESHAKE, Gilbert. *Ser sacerdote hoy*. p. 428-429.

³⁴⁰ “Dondequiera que el servicio espiritual se convierte en dominio, dondequiera que el encargo sacramental de 'representar a Cristo' se pervierte para ejercer poder personal, para situarse 'allá arriba', ocupando el primer lugar, para obtener ventajas, para celebrarse a si mismo”. GRESHAKE, Gilbert. *Ser sacerdote hoy*. p. 426.

De acordo com os documentos magisteriais, a crise de identidade do presbítero tem como pano de fundo a quantia infindável de atividades pastorais, sendo que as burocráticas, quase sempre, consomem mais tempo do que as de cunho espiritual. O ministério presbiteral não se reduz à realização de tarefas administrativas, onde o presbítero assume, muitas vezes, mais o papel de patrão do que de pastor. A escassez de vocações e a demanda cada vez maior de atividades pastorais exigem uma descentralização do poder pastoral. O protagonismo de um laicato bem formado auxilia na preservação da identidade presbiteral. Ao presbítero cabe o que lhe é próprio: a pregação da Palavra, os sacramentos, a direção espiritual e a coordenação da comunidade.

A força positiva do poder é capaz de gerar solidariedade, ação transformadora, participação, criação de estratégias, bem comum, igualdade e promoção de políticas públicas. Olhar para Jesus Cristo, Servo de Deus que veio para servir e não para ser servido, é atitude diária do presbítero. Para Pereira, “a hierarquia é importante e harmoniosa, pois ajuda na organização do trabalho proporcionando uma referência, também auxilia no acolhimento afetivo e na troca de informações a respeito do problema a ser enfrentado”.³⁴¹

3.1.2 A afetividade e sexualidade do presbítero

De acordo com Mendonça e Oliveira, a maturidade humana se dá sob os seguintes aspectos: emocional, sexual, social, intelectual e moral. No âmbito emocional, na capacidade de expressar e interpretar as emoções de forma positiva e construtiva sem fugas e desvios. Do ponto de vista da sexualidade, quando aceita a própria identidade sexual. No que se refere ao aspecto social, na independência de personalidade, equilíbrio de relações, sinceridade, e abertura ao diálogo. E por fim, no âmbito intelectual e moral, na busca de encontrar sentido no que faz, consciência crítica, possui princípios e ideais.³⁴²

Quanto à dimensão humanoafetiva do presbítero nas Sagradas Escrituras, primeiramente, surge a concepção de que a vocação presbiteral é a conjunção entre o dom de Deus recebido pelo sacramento da Ordem e a cooperação humana, ou seja, a superação das limitações e a busca constante do amadurecimento psicoafetivo. Espera-se que o presbítero-pastor, honre o dom que recebeu, através de uma vida sem mancha, idônea, exemplar, sem vícios, a começar pelo seu testemunho como pai e esposo, na família, no amor e na fidelidade.

³⁴¹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 323.

³⁴² Cf. MENDONÇA, Carlos Bruno de Araújo; Oliveira, José Lisboa Moreira de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*. p. 142-145.

Aos presbíteros, pede-se que evitem toda e qualquer conduta que possa gerar escândalos de ordem moral, ética ou social.

A exemplo de Jesus Cristo, modelo de humanidade plena, o presbítero é chamado a configurar-se ao Mestre, Pastor e Guia do povo de Deus, na busca constante pelo amadurecimento humanoafetivo, tornando-se perito em humanidade, dotado de afetos e emoções. Concebe-se afetividade como capacidade de dar e receber amor, de amar-se e amar os outros, e sexualidade como energia, força que busca expressar esse amor.

Numa sociedade hedonista e sexista, o homem faz do prazer o bem supremo da vida e não mede esforços para conquistá-lo e senti-lo, mesmo que para isso, tenha que fazer do seu semelhante um objeto descartável, mero instrumento de gozo e satisfação. O presbítero não escapa dessa terrível tendência que o cerca de todos os lados.

O processo de ‘coisificação’ do ser humano desemboca numa ampla variedade de abusos, desvios, más condutas, exploração e escravidão, reforçado por um clima cultural de pansexualismo, que distorce a percepção da esfera afetiva sexual e relacional, onde imperam o erotismo e a banalização da sexualidade. Marmilicz cita como sinais de imaturidade afetiva e sexual:

a masturbação, o fechamento ao outro no relacionamento, o egoísmo, o radicalismo, a falta de perseverança e garra nas atitudes, a falta de concentração nos estudos, a dispersão, a superficialidade no assumir os compromissos, a inquietação exagerada e indisposição para qualquer tipo de silêncio. Nota-se a perda do sentido eclesial em críticas negativas à autoridade, em contestações e outros modos.³⁴³

Afetividade e sexualidade não se confundem, mas se articulam. Assim, como a intimidade está para afetividade, a alteridade está para a sexualidade. De acordo com Baldissera, afetividade é “tudo o que implica emoções, que são canais pelos quais a afetividade se manifesta ou se move. Ela abrange desde as emoções positivas, que trazem satisfação, prazer, bem-estar, até aquelas que causam sofrimento, dificuldades, desprazer, agressividade”.³⁴⁴ É preciso, também, esclarecer o que se compreende por sexualidade. Para Laplanche e Pontalis,

‘sexualidade’ não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irreduzível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual.³⁴⁵

³⁴³ MARMILICZ, André. *O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil*. p. 244.

³⁴⁴ BALDISSERA, Deolino Pedro. *Conhecer-se um desafio*. p. 151.

³⁴⁵ LAPLANCHE E PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. p. 476.

A sexualidade é uma força vital do ser humano, é energia de possibilidade de gerar vida, de obter prazer, instinto de preservação da existência, assim, repleta de afetos. Embora tenham significados diferentes, a sexualidade pode ser percebida como genitalidade, ou seja, uma atração física que uma pessoa tem pela outra em vista da relação sexual. Para Baldissera, a genitalidade “é um poder de estímulo e sedução grande que mexe com a imaginação e a fantasia. A libido sexual estimula a busca do prazer físico, que é direcionado para outra pessoa do outro sexo para os heterossexuais e para outra pessoa do mesmo sexo para os homossexuais”.³⁴⁶

A genitalidade como energia que erotiza as relações com os outros, se não for controlada, tornar-se impulso desordenado, origem das parafilias, por exemplo, a pedofilia, fetichismo, o masoquismo, o sadismo e etc. Conforme Baldissera, a sexualidade também está relacionada às dependências afetivas, muito comuns, na maioria das pessoas.

A busca da gratificação da carência afetiva se dá por diferentes formas, desde abertas, conscientes, deliberadas, até as mais sofisticadas, que se escondem inconscientemente atrás de comportamentos e atitudes vistos externamente como virtudes. Por exemplo, gestos (aparentemente) de generosidade, muitas formas de altruísmo, falsa humildade etc.³⁴⁷

De tais dependências afetivas não está livre o presbítero. A situação se agrava se a formação humanoafetiva foi deficitária, se manteve reduzido o conhecimento de si mesmo, e a capacidade de se relacionar com os outros não acontece de forma livre, gratuita e desinteressada. O presbítero imaturo afetivamente encontra muitas dificuldades em expressar o que sente e, geralmente, confunde e torna ambíguas suas palavras e atitudes, o que desperta na relação com as outras pessoas percepção equivocada de sentimentos e emoções.

A afetividade e a sexualidade estão intimamente unidas. O autoconhecimento é indispensável para uma integração humanoafetiva necessária para se ter uma vida equilibrada, livre de angústias e neuroses. A saúde psíquica edifica relacionamentos verdadeiros, transparentes e maduros, onde o contato pessoal não causa dependência nem escravidão, mas sim autonomia e libertação de falsas concepções sobre si mesmo e a respeito dos outros. Um bom círculo e amigos colabora para um equilíbrio psíquico, capaz de harmonizar afetos e a força sexual. De acordo com Cencini,

se a afetividade indica o amor e o ser humano como capacidade amante, a sexualidade é a energia que expressa o amor e aquilo que distingue a capacidade amante do homem e da mulher; por um lado, a sexualidade adquire verdadeira qualidade humana somente se orientada, elevada e integrada pelo amor, cresce e se realiza somente na

³⁴⁶ BALDISSERA, Deolino Pedro. *Conhecer-se um desafio*. p. 158.

³⁴⁷ BALDISSERA, Deolino Pedro. *Conhecer-se um desafio*. p. 160.

liberdade de acolher o amor e torná-lo dom de si; por outro lado, a sexualidade 'dá corpo' ao amor e o torna fecundo, a ponta de podermos falar de afetividade-sexualidade.³⁴⁸

A maturidade afetivo-sexual é adquirida na medida em que o presbítero é capaz de amar, de acolher, de doar-se, de alegrar-se com o bem, de perdoar, de vibrar com a vida de fraternidade, de servir generosamente, de indignar-se com o mal e a injustiça, além de controlar seus impulsos, de raiva, aversão, descontentamento, de simpatia e antipatia. Segundo Benelli, o presbítero necessita educar o corpo e a sexualidade para uma vida casta capaz de optar pela vida celibatária, isto é,

educar os sentimentos, cultivar relacionamentos sociais altruístas, manter uma convivência fraterna e harmoniosa em amizades sadias, realizar um trabalho solidário em equipe, ter responsabilidade no uso dos bens pessoais e coletivos, tornar-se capaz de integrar a genitalidade num projeto de vida casto.³⁴⁹

O presbítero não é um anjo assexuado, estéril e sem amor, é homem por inteiro, capaz de amar e ser amado, e de entregar a própria vida por amor a Jesus Cristo, na renúncia consciente e sadia à sexualidade como genitalidade, para dedicar-se, inteiramente, ao povo de Deus. Daí a condição celibatária, assumida pelo presbítero. De acordo com Mézzerville, o celibato é

opção consciente, livre e significativa, adotada por uma pessoa, de viver a vida inteira como solteiro e na continência consagrada a Deus. [...] em perspectiva teológica, como busca de identificação, por parte da pessoa consagrada com Jesus Cristo, em sua entrega total de serviço ao homem. O celibato implica também em termos concretos a renúncia da intimidade sexual e generatividade biológica, que normalmente se praticam mediante a vivência do matrimônio, a procriação e a educação dos filhos.³⁵⁰

A vocação presbiteral exige doação total, sem reservas. O critério seletivo da Igreja latina para admissão dos candidatos ao sacerdócio é o celibato. Para os que não creem, tal opção é vista como um desajuste humanoafetivo, um subterfúgio para pessoas tímidas, solitárias, que possuem resistências e estranhezas quanto ao relacionamento afetivo-sexual. Já para muitos, é chamado divino, carisma, escolha livre, não obrigação eclesial, iluminada pela razão e pela fé, que torna possível a realização pessoal, em vista da missão de evangelizar. Na concepção de Tepe,

³⁴⁸ CENCINI, Amedeo. *A hora de Deus*. p. 182.

³⁴⁹ BENELLI, Sílvio José. Operadores totalitários, disciplinares e clericalizantes na formação presbiteral. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes. n. 283, julho, 2011. p. 668.

³⁵⁰ MÉZERVILLE, Gaston. *Maturidade sacerdotal e religiosa*. p. 52.

se o celibato é visto apenas como uma imposição arbitrária das autoridades eclesíásticas, ou apenas como uma renúncia frustrante, não pode ser vivido por ninguém, de forma autêntica e construtiva. Tem que ser uma renúncia em favor de um amor maior e mais abrangente: amor aos homens a serem chamados ao Reino e amor pessoal, radical, à pessoa de Cristo.³⁵¹

Apesar de Jesus não ter tido esposa e nem filhos, e de a Igreja conceber a vida celibatária como um dom, uma graça de Deus, que acompanha o chamado à vocação sacerdotal, pergunta-se: A escassez de presbíteros, os escândalos e abusos sexuais na Igreja, o surgimento de vocações homossexuais, tem origem na opção pelo celibato? A liberação para que os presbíteros casem resolveria o problema? Torná-lo opcional não seria a melhor saída?

Segundo Cozzens, muitas pessoas escolhem a vida presbiteral celibatária como refúgio para encobrir ou disfarçar distúrbios psicoafetivos ou experiências negativas relativas à sexualidade. Nesses casos, o celibato constitui armadura de resistência para evitar encontros sexuais. Já foi constatado que a maioria dos padres que praticaram a pedofilia sofreram na infância algum tipo de abuso sexual. O medo e a resistência em assumir a condição homossexual, também poderia ser motivação para uma vida celibatária.³⁵²

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que a opção livre e consciente pelo celibato não constitui doença, fuga, e nem anti-naturalidade. Há pessoas que não são presbíteros nem consagradas e vivem a castidade, o celibato, a ausência de relações sexuais de forma saudável e feliz, como escolha de um bem maior. Exemplo disso, os filhos que escolhem não se casar para se dedicarem aos pais, ou aqueles que decidem não constituir família para se dedicarem a sua profissão. Sabe-se que líderes religiosos, como Mahatma Gandhi e Dalai Lama encontraram na vida celibatária uma forma de intensa vivência espiritual.

Em segundo plano, afirma-se que a vida celibatária não é condição propícia para o desenvolvimento de parafilias, por exemplo, a pedofilia ou a efebofilia, ou condição que possa despertar tendências homossexuais. Embora haja presbíteros homossexuais e casos de pedofilia envolvendo ministros da Igreja, sabe-se que esse número é diminuto, frente a maioria dos casos. A pedofilia no seio familiar é mais frequente do que no ambiente eclesial, além disso, a existência de pessoas homossexuais se torna cada vez mais comum, em todos os meios. Com a auxílio da teoria de Vitor Frankl, Mézerville afirma-se que a opção pelo celibato não pode se apresentar,

como resultado de mecanismos inconscientes, mas como clara expressão consciente; não decorre por conseguinte de conflitos no campo da sexualidade com a consequente

³⁵¹ TEPE, Valfredo. *Presbítero hoje*. p. 33.

³⁵² Cf. COZZENS, Donald. *Liberar o celibato*. p. 23.

necessidade de repressão, mas como desejo autêntico de redirecionar toda esta força energética para a finalidade diferente da finalidade da intimidade sexual ou da procriação; não consiste, finalmente, em situação imposta ou carente de sentido, mas em opção livre e rica de significado que justifica qualquer privação para realizar o propósito fundamental que a pessoa escolheu para a própria vida.³⁵³

Entre os cuidados que a formação presbiteral precisa atentar, está o conhecimento da história de vida do futuro presbítero, bem como suas experiências humanoafetivas. Nesse sentido, prudência e perícia ao receber os candidatos ao seminário, principalmente, se estiverem em idade adulta. O seminário é um ambiente comunitário por excelência, ou seja, de intensa fraternidade que colabora para o amadurecimento humanoafetivo, porque conhecer o outro é se autoconhecer.

Os instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros apresentam uma variedade de temas específicos referentes à afetividade e à sexualidade do presbítero. Estes, mencionam que os presbíteros, na condição de homens de relações, necessitam aprimorá-las sempre mais, no estabelecimento de vínculos afetivos maduros e fraternos com todas as pessoas, independente da faixa etária e da condição social, assim como Jesus, deve ser presença amiga, compassivo, compreensivo e empático.

A opção pelo celibato pede do presbítero constante atenção e maturidade nas relações humanas, principalmente com a mulher. Considerando-se que a maioria das lideranças pastorais e o maior público que frequenta as comunidades eclesiais são mulheres. Também são elas, as que, geralmente, procuram o presbítero para aconselhamento espiritual. Nesse sentido, exige-se que o presbítero estabeleça com a mulher um diálogo transparente e verdadeiro, e evite qualquer espécie de ambiguidades de intenção. Cabe também ao presbítero olhar para mulher com os olhos de Deus, vendo nela, uma mãe, irmã, amiga, uma filha.

Segundo os Santos Padres da Igreja, a progressão de uma vida calcada sobre o amadurecimento humanoafetivo e sexual, requer certas qualidades pessoais, tais como, boa reputação, caráter sincero, personalidade equilibrada, vida ilibada, relações saudáveis com todos. Chama a atenção o destaque dado para o relacionamento do presbítero com a mulher. Pede-se ao ministro ordenado vigilância e prudência no trato com o sexo oposto, pois a força sedutora do feminino exerce influência na fidelidade e perseverança do presbítero em seu ministério.

Não há que se conceber uma visão angélica do presbítero, como se fosse um ser assexuado, sem fraquezas humanas. O presbítero necessita conhecer suas limitações, respeitá-

³⁵³ MÉZERVILLE, Gaston. *Maturidade sacerdotal e religiosa*. p. 57.

las, integrá-las e transformá-las em potencialidades para que todo comportamento escandaloso seja prevenido. Os textos patrísticos alertam para que diante dos problemas afetivos, o presbítero não opte pelo isolamento, mas procure partilhar seus sentimentos e emoções.

Conforme o Magistério eclesial, o ser humano, dotado de inteligência e vontade, possui plenas condições de controlar e sublimar seus instintos físicos e impulsos afetivos. Nesse sentido, a vida celibatária não é negação da afetividade e da sexualidade, mas autodomínio. O acompanhamento psicológico é fundamental para se discernir as verdadeiras motivações e condições para assumir o celibato de forma saudável e consagrada. Se houver inaptidão, a busca de outra opção vocacional será iminente. Em verdade, é a má preparação para viver o celibato que contribui para o abandono do ministério presbiteral, e não simplesmente a existência dele.

São meios que fortalecem a vida celibatária, a escuta e a vivência da Palavra de Deus, a liturgia, os sacramentos, especialmente, a eucaristia e a reconciliação, a oração pessoal e comunitária e relacionamentos fraternos. A intensa vida espiritual previne muitas crises afetivas, porém, o acompanhamento psicológico tem peculiar importância para a integração de dificuldades afetivo-sexuais, que superadas, proporcionam maior alegria e satisfação que conduzem o presbítero à realização pessoal.

3.1.3 A Pastoral Presbiteral como fonte de cuidado e amadurecimento humanoafetivo

Tendo em vista a exigência da missão e a necessidade de que os cuidadores, os presbíteros, sejam também cuidados, surge no presbitério um grupo que atua em prol dos demais colegas. Esta iniciativa é denominada de Pastoral Presbiteral e tem por fundamento bíblico a orientação de Paulo dada aos anciãos de Éfeso: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como guardiães, como pastores” (At 20,28). Um dos princípios da Pastoral Presbiteral, como cita Ferreira, é

olhar para o presbítero como um cuidador. É preciso cuidar da pessoa do presbítero, pois, se ele estiver bem integrado em todas as dimensões de sua vida, poderá cuidar melhor daqueles que lhe forem confiados. Nesse sentido, a Pastoral Presbiteral poderá contribuir para o cultivo dos dons pessoais dos presbíteros e a vivência de um ministério mais colegial e integrado.³⁵⁴

O pastoreio do rebanho está associado ao cuidado pessoal e ao cuidado mútuo entre os presbíteros. As Sagradas Escrituras não apresentam uma forma organizada em que os pastores,

³⁵⁴ FERREIRA, Sandro. A vida dos presbíteros sob a ótica dos ENPs: desafios e perspectivas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 286, abril, 2012, p. 295.

dirigentes de comunidades, presbíteros, bispos, diáconos teriam a missão de cuidar uns dos outros. A ênfase bíblica está no dever de o pastor cuidar-se de si mesmo e zelar pela própria casa, pela família, como bom testemunho a ser seguido em toda comunidade cristã. O pastor que souber zelar pela sua própria casa, o fará também pela comunidade. O progresso nas relações humanas e no conhecimento da doutrina por parte dos presbíteros são indispensáveis para o anúncio da Boa Nova de Jesus Cristo.

O que se percebe, geralmente, em muitos presbíteros, é a dificuldade de cuidarem de si mesmos, sendo negligentes e imprudentes com sua saúde. O cuidado com a saúde física, psíquica e espiritual, subsistência, solidariedade, fraternidade presbiteral e a formação permanente são prioridades da Pastoral Presbiteral, que de acordo com Santos, constitui,

o modo de cuidar dos presbíteros, sendo assim, é um dos grandes e urgentes desafios que os presbíteros têm [...] É preciso ‘amor organizado’ para cuidar da saúde, da formação permanente, da pastoral, diminuindo distâncias, vencendo a solidão, isolamentos, barreiras, unindo-os e fortalecendo-os como presbitério e na missão evangelizadora.³⁵⁵

Segundo o pensamento de Pereira, a Pastoral Presbiteral vai além da dimensão econômica e assistencial. Dentre seus grandes objetivos, destacam-se, por exemplo, o aspecto “transcendental, a qualidade de vida espiritual, a fraternidade presbiteral, a democratização entre os ministérios, o fortalecimento intelectual, a dinamização pastoral e missionária dos seus participantes são seu grande objetivo”.³⁵⁶

O cuidado dispensado e promovido pela Pastoral Presbiteral tem por finalidade “sustentar o ministro ordenado em sua vocação. Desta forma, participar da Pastoral Presbiteral é abrir-se para a perseverança na missão e no seguimento de Jesus Cristo, para que ele seja ‘pérola nas mãos de Deus,’ um cuidador à semelhança de Cristo”.³⁵⁷ Sendo que, o presbitariado é graça divina. Para Santos, a Pastoral Presbiteral tem por missão,

ajudar no reavivamento do dom de Deus na vida do ministro ordenado, levando-o a abraçar essa proposta como um caminho para a refundação do seu ministério, de novo sentido e rumo à existência humana e seguimento de Jesus Cristo, com poder de gerar novos sonhos.³⁵⁸

Os presbíteros, por meio da Pastoral Presbiteral, são chamados a viver o cuidado entre si, num mesmo presbitério. A espiritualidade presbiteral tem seu centro e ápice no amor e no

³⁵⁵ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 169.

³⁵⁶ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 468-469.

³⁵⁷ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 196.

³⁵⁸ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 195.

cuidado do presbítero. Colocá-lo no centro é acolher, escutar e valorizar, sem preconceitos nem julgamentos, e respeitar os diferentes modos de compreender e viver a vida. Conforme Santos, a Pastoral Presbiteral é um espaço diocesano privilegiado de cuidado e que abrange as dimensões:

humanoafetiva, pastoral, intelectual e espiritual, proporcionando condições para sua própria realização humana e vocacional, ajudando-o em sua configuração com Cristo Bom Pastor. [...] Ela vem sendo lugar de escuta e fala, um espaço de integração e de intercâmbio, bem como um modo de os ministros ordenados se organizarem para cuidarem de si mesmos, cultivando a alegria e o prazer de serem ministros ordenados, superando obstáculos e dificuldades.³⁵⁹

A Pastoral Presbiteral possui uma dinâmica de integração e fraternidade que possibilita uma maior humanização dos presbíteros, quando dispõe de mecanismos e estratégias que conduzem a realização pessoal e comunitária. Para Pereira, tal processo se dá de diversas formas no presbitério, como por exemplo,

cuidado dos pastores; humanização das relações fraternas; a integração propositiva e oblativa da sexualidade como celibatário; o exercício do poder e dos bens financeiros como meios de partilha e comunhão; a abertura para o diálogo e o respeito, a capacidade de trabalho em equipe e a superação do egocentrismo; a hospitalidade na solicitude com os presbíteros idosos e doentes.³⁶⁰

A maioria dos presbíteros desgastados emocionalmente vive uma crise vocacional e existencial, o que acarreta a perda gradativa do amor próprio e pelo outro. Consequência disso, é quando o poder, o dinheiro, o conforto e a vaidade, substituem o espírito de desprendimento, solidariedade, humildade e amor ao próximo. De acordo com Santos, a Pastoral Presbiteral,

é um caminho para chegar ao coração do ministro ordenado, injetando ânimo, luz, alegria, fraternidade, paixão pelo povo, paixão por Cristo e seu Evangelho. Ela é o corpo a corpo. Com paciência, diálogo e escuta, muitas feridas vão sendo curadas, muitas crises superadas, a alegria de ser ministro fortalecida, laços de fraternidade e unidade reestabelecidos e sonhos da implantação do Reino de Deus ganhando vida nova.³⁶¹

Mais do que promover encontros de convivência, lazer, descanso, atualização, que, sem dúvida, são de extrema importância para a saúde do presbítero, tal fraternidade se expressa mais profundamente quando se avança “para acolher o outro tal como o outro é; avançar para a partilha da vida; avançar para a partilha financeira dos bens econômicos – transparência de

³⁵⁹ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 203.

³⁶⁰ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 469-470.

³⁶¹ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 201-202.

caixa em torno da paróquia e entre as paróquias”.³⁶² Dentre as prioridades da Pastoral Presbiteral está a formação permanente. Para Pereira, a continuidade do processo formativo pós-ordenação,

supõe crescimento na capacidade de relação humana. A formação de uma pessoa não pode prescindir da qualidade dos relacionamentos, ou seja, uma atenção cuidadosa às modalidades, extensão e desenvolvimento das frequências sociais. Espera-se uma sincera comunicação na fé, nas experiências de amizade e fraternidade presbiteral.³⁶³

A Pastoral Presbiteral, como ação do Espírito Santo, desperta no presbítero a consciência da grandeza do dom que lhe foi concedido e da missão que tem na Igreja de Jesus. O principal fruto colhido é a unidade e a comunhão de muitos presbitérios, num intensivo crescimento humanoafetivo promovido pelo empenho e dedicação da Pastoral Presbiteral. Para Santos, “equipara-se a um novo Pentecostes para eles, trazendo mudanças em suas relações, mudanças na questão da fraternidade, da humanização, na vivência da afetividade, nas relações com os bispos ou superiores, no reencantamento com a missão e na formação permanente”.³⁶⁴

Por diversas causas, dentre elas o ativismo e o individualismo, o presbítero pode vir a se isolar da fraternidade presbiteral, dos colegas, do bispo, e até mesmo dos leigos. A ineficiência ou ausência da Pastoral Presbiteral abre espaço para o afastamento do presbítero do convívio fraterno do clero. O distanciamento do presbitério, a sobrecarga de atividades burocráticas e pastorais, o desleixo com a vida espiritual, a busca de compensações afetivas, todos são fatores que desencadeiam sentimentos de abandono, vazio e solidão.

A formação permanente do presbítero é missão singular da Pastoral Presbiteral. A promoção de encontros que visem, além do convívio fraterno, aprofundar as dimensões da formação presbiteral, especialmente a humanoafetiva, certamente, contribuem muito para o autoconhecimento e o amadurecimento do presbítero. De acordo com cada função exigida do presbítero, convém que haja preparação específica, em vista de um melhor testemunho evangélico, seja como párocos, reitores ou missionários.

A tradição patrística, quando disserta sobre a vida exemplar entre os presbíteros, ressalta que toda forma de competição e rivalidade precisa dar lugar às relações fraternas, de estima, respeito e solidariedade. O diálogo e partilha dos problemas, dentre eles, os afetivos, auxiliam para que o presbítero não opte pelo isolamento, elegendo a solidão como sua principal amiga e confidente. É missão do presbítero equilibrar as tarefas de ordem espiritual e material, pois a

³⁶² SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 218.

³⁶³ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 471.

³⁶⁴ SANTOS, Jéssus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 200.

demasia de atividades gera cansaço e desânimo que afetam a saúde física, psíquica e espiritual, o que influi na eficácia e testemunho do presbítero-pastor frente ao povo a ele confiado.

Os Encontros Nacionais de Presbíteros são fruto de uma mística do cuidado que busca dar atenção especial a todos os ministros ordenados do Brasil. Além de proporcionar momentos de formação, partilha, debate e integração sobre temas atuais referentes ao ser e a missão do presbítero, os ENPs são grandes incentivadores da Pastoral Presbiteral e procuram despertar e fomentar nos presbíteros a mística do cuidado em suas dioceses.

A fraternidade presbiteral é um espaço de cura e restabelecimento dos presbíteros que vivem o cansaço físico e psicológico, a frustração pastoral, o ativismo desenfreado. A Pastoral Presbiteral age para prevenir o isolamento e o individualismo no presbitério, e procura estabelecer iniciativas que proporcionem a comunhão fraterna e solidária entre presbítero e com o bispo. O exercício da fraternidade vai além da mera divisão de tarefas, consiste em realizá-las em sintonia e unidade, pois, onde estiver um presbítero, também estará toda a Igreja.

O Magistério eclesial menciona a fraternidade presbiteral como fonte de amadurecimento humanoafetivo e conseqüente, perseverança no ministério presbiteral. Assim como a família é porto seguro para seus integrantes, o presbitério torna-se para o presbítero espaço de fortalecimento e motivação vocacional. Outro destaque, é a formação permanente. Cabe à Pastoral Presbiteral motivar e promover encontros que visem, além do convívio fraterno e solidário, estudar e aprofundar as dimensões da formação presbiteral, especialmente a humanoafetiva.

Diante da realidade brasileira, diversa, difícil e desafiadora, exigente e desgastante, os ENPs sempre foram uma oportunidade de reflexão sobre a humanidade do presbítero, ou seja, o cuidado com a saúde física, psicológica e espiritual. Apesar do número de presbíteros ser escasso em muitas regiões do país, e da variedade cada vez maior de atividades pastorais e atendimentos pessoais, cabe ao presbítero respeitar os limites do seu corpo, e diante dos sinais percebidos, procurar os devidos cuidados.

A solidão mística é condição intrínseca da vida presbiteral. Os ENPs tratam da temática, na maioria das vezes, de forma indireta, atrelada a outros aspectos, como o celibato. A solidão, também é espaço de tempo reservado pelo presbítero para o cultivo da espiritualidade, mesclando momentos de oração, estudo, reflexão e descanso. Por outro lado, a experiência da solidão presbiteral não pode se transformar em condição de isolamento e individualismo, capaz de gerar doenças, vazio existencial e não realização pessoal.

A ordenação presbiteral não é uma condenação à vida solitária. A renúncia do presbítero a ter esposa e filhos, não o impede de estabelecer laços de amizade sincera e madura com os

colegas presbíteros e outras pessoas de suas relações, sejam leigos ou religiosos e religiosas. A Pastoral Presbiteral permanece atenta a todo tipo de isolamento do presbítero, respeita-o, porém, não deixa de integrá-lo na fraternidade presbiteral. Além disso, é prioridade promover formação permanente que desenvolva e aponte caminhos às dificuldades e aos desafios humanoafetivos.

3.2 AUSÊNCIAS

Os desafios humanoafetivos não cessam de surgir na pós-modernidade. Muitos deles não são novos, porém, adquiriram visibilidade através dos meios de comunicação social. Por exemplo, escândalos de corrupção e má administração das finanças eclesiais, o homossexualismo e a vocação presbiteral, os casos de abusos sexuais, principalmente a pedofilia, e os conflitos de gerações no presbitério, um contratestemunho para ação evangélica da Igreja no mundo. Os temas da Síndrome de *Burnout* e a solidão presbiteral aparecem nos ENPs, como já foi mencionado, de forma ocasional e superficial e merecem maior atenção e aprofundamento, por isso estão contemplados neste estudo.

3.2.1 O dinheiro e o exercício do poder

O exercício do poder está, intimamente, ligado à forma pela qual o presbítero lida com o dinheiro, como administra os bens próprios e os alheios. O histórico econômico familiar, a educação financeira e a experiência laboral determinam se o presbítero será avarento ou solidário, comedido ou esbanjador, corrupto ou honesto e livre de apego material. Para Pereira, “o dinheiro, os bens, as posses apresentam-se, então, como substituto artificial ou prótese protetora para sustentar o eu inseguro e desprotegido de afeto. Desde a infância, o símbolo do dinheiro vem substituindo a função da afetividade-sexualidade na vida do ser humano”.³⁶⁵

O apego ao dinheiro é capaz de revelar a personalidade de uma pessoa, mais ainda do presbítero que, além de administrar suas economias, também o faz com o dinheiro da comunidade, em grande parte, proveniente de contribuições e doações espontâneas. O dinheiro, segundo Pereira, pode representar

o símbolo de propriedade e de posse no relacionamento; autoafirmação narcisista; compensação sádica pelos sofrimentos de humilhação masoquista na infância; atitude perversa pelo prazer de passar o outro pra trás ou levar vantagem em tudo no contrato

³⁶⁵ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 383.

social; fixações acumulativas para evitar as fantasias persecutórias da falta e da carência e sentimento de culpa complexos e incontroláveis que obrigam inconscientemente as pessoas a se livrar dele ou recalcar o seu uso.³⁶⁶

No entanto, dificilmente, se consegue sobreviver ou administrar qualquer empreendimento sem um suporte financeiro que garanta as mínimas condições de manutenção. Do ponto de vista do mesmo autor, o dinheiro também “significa afeto, e pode representar relações saudáveis, cordiais, com fortes traços de gratuidade e generosidade, como também pode ser vivido com gestos de mesquinhez, retenção, avareza e controle sobre o outro”.³⁶⁷ A relação doentia com o dinheiro desvirtua a identidade do presbítero, que ao invés de servir, acaba por ser servido.

A atitude de discernimento quanto ao uso do dinheiro é indispensável para qualquer pessoa. Cabe ao presbítero, da mesma forma, administrar o dinheiro e os bens da comunidade, com transparência e autenticidade, sem confundir o que pertence a ele e o que é da Igreja. Por isso, não falte formação financeira adequada aos presbíteros, “para que todos tenham conhecimento de seus direitos, deveres e das atitudes que devem tomar em relação a seus gastos, suas economias. Ou seja, a questão da economia faz parte da vida do padre”.³⁶⁸

Mesmo que haja um conselho econômico que administre e proponha iniciativas que venham a suprir as necessidades financeiras da paróquia, cabe ao presbítero ter o mínimo de conhecimento administrativo para orientar e fiscalizar a atuação de tal órgão paroquial. Quando for necessário, cabe ao presbítero buscar assessoria jurídica, contábil e administrativa, sobretudo, para evitar futuros problemas, especialmente, quanto à gestão de pessoas.

O apego ao poder e a retenção de afeto são causas da má administração do dinheiro e consequente crise de identidade presbiteral. A captação desenfreada por recursos financeiros demonstra ambição, disputa, avareza, voracidade e sede de poder. Isso reflete que o presbítero possui o desejo desmedido de transformar sua Igreja na melhor paróquia, a mais luxuosa, com os melhores aparatos litúrgicos e tecnológicos, com casa e automóvel que destoam da simplicidade e da modéstia do povo.

O aburguesamento presbiteral condiciona o ministro eclesial a fortalecer relações com pessoas que possam lhe proporcionar vantagens financeiras, como viagens, presentes exorbitantes, melhores restaurantes, e até dinheiro em espécie. São as madrinhas ou padrinhos presbiterais que trocam afeto e atenção por bens materiais. A crise de identidade se dá quando

³⁶⁶ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 383-384.

³⁶⁷ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 385.

³⁶⁸ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *O sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 389.

o presbítero age mais por interesse e conveniência e não por gratuidade e serviço, por amor a Deus e aos irmãos e irmãs.

3.2.2 A homossexualidade

A homossexualidade é uma orientação sexual cada vez mais visível nos dias de hoje. Não é incomum constatar que há pessoas homossexuais nos seminários e casas de formação tanto masculinas quanto femininas, nos presbitérios e nos conventos. Além disso, há muitos jovens e adultos homossexuais que procuram orientação espiritual em busca de acompanhamento e discernimento vocacional.

Por mais comum que seja perceber e conviver com pessoas homossexuais, o tema da homossexualidade é complexo e desafiador. Para uns gera estranheza e distanciamento, para outros, proximidade e identificação. Conforme Moser, o termo ‘homossexualidade’, diz respeito a orientação sexual, de “pessoas que, em sua vida adulta, sentem atração preferencial por alguém do mesmo sexo, mantendo ocasionalmente relações genitais”.³⁶⁹ Para detalhar ainda mais esse significado, Oliveira apresenta três elementos indispensáveis. Primeiro,

se trata de uma orientação sexual de pessoas adultas. Isso ajuda a evitar associar comportamentos ocasionais e passageiros da etapa infantil e da adolescência com uma atitude definitiva da pessoa. Em segundo lugar a expressão ‘preferencial’, lembrando-nos que podem existir homossexuais que não necessariamente buscam a todo custo pessoa do mesmo sexo. Por fim, a referência à relação genital ocasional mostra que podem existir preconceitos pela impossibilidade e pela exclusão.³⁷⁰

Portanto, para evitar toda e qualquer ideia distorcida que possa gerar preconceito e exclusão social, Moser reforça que “ser homossexual não se confunde com ‘pederastia’, nem com ‘prostituição’, nem com ‘travestismo’, nem com ‘drag queens’, nem com outras tantas condutas que não são específicas de uma determinada configuração sexual”.³⁷¹ A homossexualidade não se confunde com heterofobias e nem com parafilias, que são distúrbios psicosssexuais.

Outra diferenciação trata de identificar e aprofundar, se realmente, a pessoa é homossexual ou possui tendências homossexuais. Assim, é importante perceber que há uma distinção entre a pseudo-homossexualidade e a homossexualidade verdadeira. Segundo Pinto,

³⁶⁹ MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge*. p. 217.

³⁷⁰ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 20.

³⁷¹ MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge*. p. 217.

os falsos homossexuais são pessoas que, apesar de vivências predominantemente homossexuais, sabem, em seu íntimo, que, se pudessem, teriam vivências predominantemente heterossexuais. Acontece que estas pessoas são heterofóbicas, quer dizer, tem um medo intenso do sexo oposto, de modo que a saída que encontram para expressarem e experimentarem sua sexualidade é por meio da homossexualidade.³⁷²

A heterofobia serve de motivação consciente ou inconsciente da pessoa procurar por ambientes em que, em tese, estariam mais próximas de seus iguais, dos homens no caso de seminários, e das mulheres em se tratando de conventos religiosos. O ingresso na vida presbiteral ou religiosa atenuaria e daria explicação relevante para o distanciamento do sexo oposto, constituindo um atrativo para o acesso às instituições eclesiais. Segundo a concepção de Cozzens,

ao entrar no seminário, não há mais a necessidade de explicar a familiares e amigos porque não tem namoradas ou não se casam. A disciplina do celibato e o papel de porta-voz de uma Igreja que insiste na castidade celibatária para seu clero é uma ajuda poderosa para manter sob controle inclinações sexuais que são perturbadoras, ou até assustadoras, pelo menos para alguns.³⁷³

É importante perceber quando a pessoa tem condições de assumir e viver com mais tranquilidade sua orientação sexual, e ter mais clareza e segurança de que sua homossexualidade é verdadeira e não apenas apoiada em tendências que nem sempre revelam sua personalidade original. Mas, quando a pessoa se percebe homossexual? Pinto responde essa pergunta, e esclarece que,

para aqueles que vivem a verdadeira homossexualidade, é muito comum a percepção da própria homossexualidade se dar em idade muito tenra; além disso, com o correr do tempo e principalmente após a adolescência a pessoa tende a não ter dúvidas quanto a ser homossexual, fato que geralmente não acontece com o falso homossexual.³⁷⁴

Por isso, atenção especial seja dada aos seminaristas adolescentes, que nesta fase afirmam sua orientação sexual. Para Oliveira, há duas principais espécies de homossexualidade: a periférica e a estrutural. A primeira caracteriza-se pela ausência de necessidade de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo, assim,

no caso do homem, o seu jeito, no dizer popular, é 'efeminado'; a fala, a gesticulação, o andar, são femininos, mas internamente ele não se comporta como mulher, não se sentindo

³⁷² PINTO, Ênio Brito. *Os padres em psicoterapia*. p. 103.

³⁷³ COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio*. p. 139.

³⁷⁴ PINTO, Ênio Brito. *Os padres em psicoterapia*. p. 104.

atraído por pessoas do mesmo sexo. [...] esta forma de homossexualidade pode ter tido origem na longa e exclusiva convivência da criança com alguém do outro sexo.³⁷⁵

Já na homossexualidade estrutural, os homens se apresentam com um comportamento em que “se apaixonam por pessoas do mesmo sexo, sentem-se atraídos por elas e, de um modo geral, não conseguem viver sem ter relações sexuais contínuas”.³⁷⁶ Em suma, o desafio é identificar qual o tipo de homossexualidade, sendo que na prática, as características e comportamentos variam de pessoa para pessoa, dificultando a exata definição.

Quanto à possibilidade de acompanhamento das vocações homossexuais percebe-se, claramente, que há distinções significativas, que precisam ser consideradas, pois as necessidades são diferentes e exigem dedicação personalizada. Tais particularidades não são impedimentos, porém, exigem formação e atitude aberta e acolhedora. Segundo Cozzens,

os seminaristas homossexuais enfrentam desafios específicos, claro, e suas preocupações, necessidades e ansiedades merecem a atenção específica do corpo docente da formação. Eles podem conviver com o receio considerável de que sua preferência sexual venha a ser revelar um obstáculo a seu avanço rumo à ordenação. Em alguns seminários, os seminaristas homossexuais têm de lidar com as implicações de ser parte de uma minoria. Suas necessidades espirituais e emocionais requerem aconselhamento e orientação sensatos por parte de seu orientador espiritual e do corpo docente do seminário.³⁷⁷

De acordo com Oliveira, uma pessoa com a sexualidade bem integrada, nesse caso, com sua homossexualidade, será capaz de assumir compromissos permanentes, seja na opção pelo celibato, nos votos religiosos ou no casamento. Por outro lado, “cabe ao acompanhamento vocacional verificar a consistência dessa possibilidade, evitando deduzir precipitadamente e de forma preconceituosa pela impossibilidade e pela exclusão”.³⁷⁸ Para Cencini, a acolhida da vocação homossexual no processo formativo é possível, porém exige-se, que:

a) tenha consciência plena da sua situação; b) não queira praticar a homossexualidade, especialmente de modo sexual-genital; c) não viva numa tensão excessiva para controlar seus impulsos sexuais, de modo que isso chegue a impedir o exercício normal e sem problemas da sua missão.³⁷⁹

De acordo com Santos e Guareschi, embora se vislumbre a possibilidade do ingresso de homossexuais na caminhada vocacional, sempre há riscos quando predomina a cultura *gay* nos

³⁷⁵ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 30-31.

³⁷⁶ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 32.

³⁷⁷ COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio*. p. 134.

³⁷⁸ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 20.

³⁷⁹ Cf. CENCINI, Amedeo. *Quando a carne é fraca*. p. 68-71.

seminários, por exemplo, “visão da vida religiosa ou do sacerdócio somente a partir da exclusividade homossexual; exclusão dos que são heterossexuais; formação de guetos homossexuais etc”.³⁸⁰

É muito difícil percorrer os presbitérios de nossas dioceses e não perceber presbíteros com tendências homossexuais ou até mesmo com sua orientação homossexual assumida. Preocupação constante é se tais vocações foram devidamente acompanhadas e a afetividade e sexualidade foram integradas de forma consciente e sadia. Caso contrário, de acordo com a percepção de Oliveira, a Igreja apresentará às pessoas ministros ordenados desequilibrados,

‘alérgicos’ às mulheres e aos que pensam diferentemente deles. Por essa razão normalmente se fecham num conservadorismo intransigente e estúpido que não admite a diferença e a diversidade negando assim algo que é fundamental ao cristianismo (cf. 1Cor 12, 4-11; Gl 2, 1-10).³⁸¹

A preocupação excessiva com a escassez de vocações, a queima de etapas em vista das necessidades, a falta de projetos, de planejamento, de objetivos claros, dá lugar à improvisação de métodos e conteúdo. Tudo isso resulta no desenvolvimento de pessoas imaturas e desequilibradas afetivamente. Conforme Cozzens, homossexualidade encoberta tem por consequências:

homofobia institucional e a violência que ela impõe ao padre, religioso e seminarista homossexuais; uma cultura clerical homoerotizada; um atrofiamento do pensamento honesto, criativo e teológico sobre o entendimento católico da sexualidade em geral e da homossexualidade em particular.³⁸²

O processo vocacional e formativo requer tempo hábil, preparação dos formadores e muita paciência para o discernimento. Para isso, é importante que “não tenha pressa de impor as mãos em alguém” como foi sugerido por Paulo a Timóteo (1Tm 5,22). Percebe-se que muitas vezes, em nome da escassez de membros da instituição, olha-se superficialmente o processo formativo e se acaba por dar poder a quem não sabe administrá-lo, dar responsabilidade a quem não tem condições de exercê-la, exigir mais do que a pessoa possa dar. Segundo Favale, o discernimento vocacional acontece de forma gradual e implica

a capacidade adquirida pela introspeção, experiência e prudência, estimuladas pelo conhecimento das ciências humanas e da teologia e pela ajuda do Espírito, de intuir e

³⁸⁰ SANTOS, Elismar Alves dos; Guareschi, Pedrinho Arcides. Representações sociais da homossexualidade: os ensinamentos do magistério eclesial e os dizeres dos seminaristas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. v. 77. n. 306, junho, 2017, p. 385.

³⁸¹ OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. p. 46-47.

³⁸² COZZENS, Donald. *Silêncio sagrado*. p. 155.

reconhecer a origem sobrenatural ou não das motivações que levam uma pessoa a orientar-se para o presbiterado, e avaliar as suas disposições e hábitos ou as diversas áreas de idoneidade exigidas para a ele aceder.³⁸³

É dever dos formadores expor os requisitos e conscientizar o vocacionado das exigências da missão presbiteral, em nome do respeito pela sua dignidade e a orientação sexual. Para Cencini, apesar de muito esforço e vontade, se a pessoa não consegue controlar os seus impulsos, cabe conselho e ajuda para que escolha outro caminho vocacional.³⁸⁴

Quanto aos temas da homossexualidade e da pedofilia, há que se conhecer e aprofundar cada caso. Se o candidato ao presbiterato pratica a homossexualidade como tendência enraizada e promove a cultura *gay*, a dispensa do processo formativo é a melhor decisão. A vocação presbiteral não é um direito, é um chamado, por isso, cabe à Igreja considerar a aptidão ou não. Isso justifica investimento humanoafetivo e financeiro na preparação dos formadores. A vigilância e a prudência no relacionamento com crianças e adolescentes são indispensáveis na vida presbiteral, em vista de não despertar suspeita de possível envolvimento afetivo.

Faz-se necessário lembrar que a justa medida e a administração do tempo nas redes sociais, além de evitar o isolamento e o individualismo, propicia o fortalecimento dos vínculos de amizade e companheirismo com os colegas durante o período formativo. A falta de conhecimento, orientação e discernimento no uso da *internet* torna-se muito prejudicial e gera imaturidade e desajustes afetivo-sexuais, principalmente, quando se trata de acesso a conteúdo erótico, como a pornografia.

Embora os ENPs abordem uma série de aspectos relativos à afetividade e à sexualidade do presbítero, outros temas importantes e atuais foram contemplados de forma superficial, como por exemplo, as vocações homossexuais e a problemática da pedofilia e da efebofilia na Igreja. Percebe-se que os ENPs dão ênfase maior à relação do presbítero com a mulher, e pouco refletem sobre a relação com outros homens, com as crianças e com os adolescentes.

3.2.3 A pedofilia

O tema dos chamados ‘desvios sexuais’, em especial, a pedofilia e a efebofilia, causa desconforto, indignação e alerta à toda sociedade, inclusive nas esferas religiosas. Embora a ocorrência de tais abusos seja praticada, na maioria dos casos, em ambiente familiar, o destaque nos meios de comunicação se dá à prática pedófila por parte do clero católico. Dentre as

³⁸³ FAVALE, Agostino. *A formação inicial dos candidatos ao presbiterado*. p. 167-168.

³⁸⁴ Cf. CENCINI, Amedeo. *Quando a carne é fraca*. p. 68-71.

afirmações precipitadas, está aquela que relaciona a pedofilia com a opção do celibato. No entanto,

entre os que foram condenados por abuso de menores, pode-se encontrar todo tipo de categoria de pessoas: bem-sucedidos e considerados profissionais, familiares, amigos, executivos, políticos, dirigentes, sacerdotes, professores, treinadores esportivos, educadores. Muitos deles casados e com filhos, desmentindo o lugar-comum, muitas vezes repetido, de uma substancial equivalência entre pedofilia e celibato.³⁸⁵

Portanto, não há relação de causalidade entre o celibato e a pedofilia. Haja vista que para Cucci e Zollner, “os que cometeram atos de pedofilia são, em geral, casados e com filhos; e também entre os sacerdotes os que se mancharam com tais atos não viviam na castidade”.³⁸⁶ Pode-se classificar a pedofilia como uma parafilia que engloba um conjunto de distúrbios psicosssexuais, ou seja, “uma necessidade repetida e imperiosa de atividades sexuais com objetos ou pessoais, associadas a sofrimento, dores ou humilhações, seja para si mesmo ou para o outro – nesses casos, com ou sem seu consentimento”.³⁸⁷

Os pedófilos e efebófilos tendem a passar a maior parte do tempo com crianças e adolescentes, mesmo em período de férias ou descanso. Também é comum terem como melhor amigo uma criança ou um adolescente, quando o natural seria alguém da mesma faixa etária.³⁸⁸ Outra característica marcante, facilmente visível, é o “comportamento antissocial, tendentes à violência e a uma sexualidade precoce, manifestada também no modo de falar, imaginar e se relacionar”.³⁸⁹

Embora a prática da pedofilia e da efebofilia seja mais comum em ambientes familiares, há também notícia que noutros locais, como escolas, academias, comunidades e igrejas, esse fenômeno se faça presente. Quanto à relação dos presbíteros com os referidos casos, Cucci e Zollner, informam que,

de 2001 a 2010, foram denunciados à Congregação para a Doutrina da Fé cerca de 3 mil casos de abuso cometidos por padres católicos nos últimos cinquenta anos. Como lembra dom Charles J. Scicluna, promotor de justiça da Congregação, a respeito deles, ‘em 60% dos casos trata-se, mais que de outra coisa, de efebofilia, ou seja, devidos à atração sexual por adolescentes do mesmo sexo, em 30% de relações heterossexuais e em 10% de atos de verdadeira pedofilia, ou seja, determinados por uma atração sexual por crianças impúberes. Os casos de padres acusados de autêntica pedofilia são, portanto, cerca de trezentos, em nove anos’.³⁹⁰

³⁸⁵ CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta*. p. 9.

³⁸⁶ CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta*. p. 39.

³⁸⁷ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 296.

³⁸⁸ Cf. CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta*. p. 20.

³⁸⁹ CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta*. p. 20.

³⁹⁰ CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta*. p. 25.

O presbítero representa a Igreja Católica, instituição cristã que orienta os seus fiéis a ter um comportamento ético, moral e sexual de respeito à dignidade e à integridade física e psicologia de todo o ser humano, desde o seu nascimento até a morte. Numa sociedade secularizada e relativista é comum que se propague o descrédito dos valores institucionais.

A relação de poder entre abusador e vítima é claramente verificada quando se trata de analisar a conduta de um presbítero em relação a uma criança ou adolescente. Segundo Pereira, “padres tem o poder espiritual; eles tem, como autoridade, poder sobre os colaboradores; eles tem uma visibilidade litúrgica relevante e – ainda sempre – um prestígio de posição social que, pelo menos, em muitos lugares, garante um poder social”.³⁹¹

Há muitas manifestações contra as lideranças da Igreja Católica, especialmente o Sumo Pontífice e os bispos, sob a alegação de omissão diante de inúmeras denúncias de abusos sexuais à crianças e adolescentes. Diante disso, cabe lembrar que tudo aquilo que se infere a uma pessoa necessita de conteúdo probatório consistente. Geralmente, nos casos de abuso sexual a prova é testemunhal, e desta se faz necessário purificar as motivações da acusação com outros indícios. Por isso, é preciso muita prudência e perícia antes de apontar possíveis culpados.

O Papa Francisco adotou tolerância zero contra a pedofilia. Sua Santidade afirma que, “se na Igreja se revelar mesmo um só caso de abuso – o que já representa *per si* uma monstruosidade – tal caso será afrontado com a máxima seriedade”.³⁹² Diante de tal realidade que comporta inúmeras vítimas, se estabelece a seguinte meta para a Igreja:

escutar, tutelar, proteger e cuidar dos menores abusados, explorados e esquecidos onde quer que eles estejam. A Igreja, para atingir tal objetivo, deve ir além de todas as polêmicas ideológicas e jornalísticas que com frequência instrumentalizam, por vários interesses, os próprios dramas vividos pelos pequenos.³⁹³

A omissão e o silêncio são substituídos pela denúncia dos abusadores e a solidariedade às vítimas. Para o Sumo Pontífice, além de pedir perdão pelos pecados da Igreja e dos outros, “é imperativo que nós, como Igreja, possamos reconhecer e condenar, com dor e vergonha, as atrocidades cometidas por pessoas consagradas, clérigos, e inclusive por todos aqueles que tinham a missão de assistir e cuidar dos mais vulneráveis”.³⁹⁴ Cabe ao processo formativo, “oferecer um caminho de formação equilibrado para os candidatos idôneos, inclinado à santidade e que compreenda a virtude da castidade”.³⁹⁵

³⁹¹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 319.

³⁹² SANTA SÉ. *Conscientização e purificação*. p. 165.

³⁹³ SANTA SÉ. *Conscientização e purificação*. p. 167.

³⁹⁴ FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*. 2018.

³⁹⁵ SANTA SÉ. *Conscientização e purificação*. p. 169.

Percebe-se que a tônica da afetividade e da sexualidade ainda é a opção pelo celibato, em detrimento de outros temas que ficam à margem. Um olhar superficial sobre a vida celibatária vai propor como solução para os problemas humanoafetivos dos presbíteros a liberação dos padres para o casamento. Entretanto, constata-se que o celibato não é causa da homossexualidade, da pedofilia, da efebofilia e de outras parafilias, e sua abolição não justifica a relação heterossexual dos presbíteros, e possibilidade da geração de filhos.

De acordo com Moser, outro fator de grande relevância é de que a repressão e o combate aos desvios sexuais venham a comprometer as expressões espontâneas, sadias e equilibradas de demonstrar afeto e carinho da parte dos presbíteros em relação às crianças e adolescentes. O risco é que, “se acabe transformando os sacerdotes, os religiosos e as religiosas, não em exemplos de pessoas capazes de amar e irradiar amor, mas em seres frios, secos, insensíveis, que não sejam mais sinais de coisa alguma, senão de pessoas frustradas”.³⁹⁶

A causa das infidelidades e escândalos reside na formação humanoafetiva deficiente e ineficaz, somada ao individualismo presbiteral. Apesar disso, não basta problematizar a relação do presbítero com o feminino, sendo que a homossexualidade, a pedofilia e a efebofilia privilegiam as vítimas masculinas. O desafio que se apresenta consiste em facilitar o acesso à psicoterapia, investir num discernimento vocacional mais detalhado, com auxílio de psicólogos e pedagogos, e numa formação humanoafetiva permanente.

3.2.4 Os conflitos intergeracionais

O conflito de gerações entre padres novos e padres idosos esteve presente nos ENPs de forma tímida e superficial. O tema aparecia de forma informal nos bastidores dos encontros, no entanto, carece de reflexão clara e objetiva, digna de aprofundamento. Sabe-se que no presbitério convivem desde aquele que foi ordenado recentemente até o presbítero em idade avançada. Por isso, não é incomum surgir disparidades de ideias, hábitos, formação teológica, concepções de afetividade e sexualidade, formas singulares de se relacionar com os colegas.

A Pastoral Presbiteral procura harmonizar os ânimos entre as diferentes gerações, através do mútuo respeito, admiração, estima, colaboração e solidariedade. A promoção de clima receptivo e acolhedor para os novos presbíteros é missão de todo presbítero com seu bispo. As primeiras impressões colhidas nas relações fraternas entre os presbíteros são determinantes. Para Pereira, “não seria exagero dizer que a maior parte das desistências e dos

³⁹⁶ MOSER, Antônio. Igreja: desafios inusitados. Pedofilia: primeiras reações e interpelações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 247, julho, 2002. p. 542.

conflitos durante a vida inicial do ministério presbiteral vem das dificuldades no convívio com o outro. É alto o índice de desistência de padre com até cinco anos de ordenação”.³⁹⁷

Por isso, o aprofundamento do sentido de pertença ao presbitério, especialmente com os que recém estão se inserindo. A formação inicial deve despertar nos futuros presbíteros o estreitamento de relações com aqueles que farão parte da grande família presbiteral. Nesse grupo, há distintas personalidades, desde o mais extrovertido e amigável ao mais reservado e tímido.

A missão da Pastoral Presbiteral é fazer acontecer unidade nessa diversidade do clero. Entre padres jovens e idosos o desafio é “experimentar a vida fraterna como lugar de autorrealização humano-cristã, de apoio afetivo para viver a fidelidade a Deus e ao compromisso pastoral com o irmão”.³⁹⁸ No que se refere ao conflito de “novas gerações” há uma espécie de preconceito, resistência, aversão, medo, tanto da parte dos que chegam ao presbítero, quanto daqueles que aguardam os novos colegas. O espírito fraterno presbiteral precisa suplantar os antagonismos que seguem:

juventude saudável versus velhice decrépita; o psicossocial: juventude delinquente, rebelde e idoso correto, maduro; o existencial: juventude plena de vida e o provento próximo da morte; o econômico: juventude produtiva e o idoso incapaz; o direito: juventude, como sinônimo de menor de idade e de direitos, e o idoso, como maior de idade.³⁹⁹

São as semelhanças sobrepondo-se às diferenças. Entre párocos e vigários há distinções, principalmente quanto à responsabilidade na paróquia, sendo que é o pároco o administrador e o vigário o auxiliar. Segundo Martini, o padre mais jovem tem mais capacidade e responsabilidade por zelar por uma relação fraterna com o padre mais velho. Cabe ao novo presbítero, reverenciar, compreender, e reconhecer que no colega há mais conhecimento e experiência de vida.

A relação cardial eu-tu entre o jovem padre e o pároco é fundamental e envolve muitas implicações, incluindo maior ou menor credibilidade no ministério. Portanto, deve ser tratada, desejada, sustentada, vivida desde o início como uma relação de estima mútua, de comunhão na fé, de fraternidade; e, por parte dos que começam, até da obediência aos que têm a responsabilidade final por uma paróquia.⁴⁰⁰

³⁹⁷ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 240.

³⁹⁸ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 336-337.

³⁹⁹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 416-417.

⁴⁰⁰ La relazione cardine io-tu tra il giovane prete e il paroco é fondamentale e comporta molte implicazioni, tra cui la maggione o minore credibilitá nel ministero. Perció va curata, voluta, sostenuta, vissuta fin dall'inizio come rapporto di stima reciproca, di comunione nella fede, di fraternitá; e, da parte di chi comincia, anche di obbedienza a chi ha la responsabilitá ultim adi una parrochia. MARTINI, Carlo Maria. *Quale prete per la chiesa di oggi*. p. 63.

Entre os presbíteros, principalmente aqueles que exercem sua missão no mesmo local, há distinção quanto à função e não uma relação de superioridade, mas sim de comunhão e confiança mútua. O colega por ser mais novo, não pode ser tachado de despreparado e incapaz, assim como o colega mais velho de ultrapassado e sem criatividade. A relação é de irmandade, nunca de submissão. Quanto à interação dos presbíteros na paróquia, Pereira afirma que,

a porta de entrada de acolhimento do novo presbítero é a relação interpessoal entre o pároco e o vigário. É um momento delicado para as implicações teológicas, pastorais e, principalmente, as questões psicológicas. [...] Neste espaço, o novo presbítero deveria receber ajuda de seu preceptor auxiliando-o na capacitação de escuta ao povo, questões conflitivas entre o Direito Canônico e a pastoral, exigências e ansiedades próprias da idade e desequilíbrios nas relações, transferências amorosas ou agressivas com os paroquianos.⁴⁰¹

O que pode debilitar muito o relacionamento afetivo entre presbíteros que atuam juntos é a expectativa de que o mais ‘jovem’ chegou para substituir o mais ‘velho’, tomar o seu lugar de *status*, os privilégios, as amizades, a melhor missa e outras particularidades da pastoral. Para Cozzens, “fraternidade sacerdotal continua a ser importante para uma vida emocional saudável e equilibrada para clérigos de todas as idades. Faz toda diferença, porém, o quanto menos clerical e mais fundamentalmente humana essa fraternidade for”.⁴⁰²

É muito importante que o presbitério se mostre receptivo ao novo presbítero, muito mais aquele colega que vai compartilhar casa, paróquia, fiéis. Sabe-se que no presbitério, por afinidade, identidade, faixa etária, são criados grupos de presbíteros. Positivamente são fonte de partilha, comunhão e cooperação. Negativamente, podem se revelar comunidades fechadas de presbíteros, com tom excludente aos novatos. De acordo com Mézerville, “a fraternidade implica aceitar o outro tal como é (respeito), escutar com amor e compaixão (empatia), e praticar o amor congruente e misericordioso (autenticidade)”.⁴⁰³

O esforço da família presbiteral, onde os mais novos são filhos e os mais velhos irmãos e pais, precisa prevenir que as diferenças temperamentais e culturais não se tornem causa de ciúme, inveja e divisão. O irmão presbítero é fortaleza, companhia e ânimo vocacional. De acordo com Cifuentes, a união presbiteral se faz com “solidariedade humana e espiritual, como se encaixam as pedras, uma a uma, para formar uma muralha. [...] e a argamassa que une uma pedra a outra – um irmão a outro – é a caridade fraterna que o Espírito Santo suscita em nosso ser”.⁴⁰⁴

⁴⁰¹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 423.

⁴⁰² COZZENS, Donald. *Silêncio sagrado*. p. 141.

⁴⁰³ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 112.

⁴⁰⁴ CIFUENTES, Rafael Llamo. *Sacerdotes para o terceiro milênio*. p. 222.

Nem sempre a qualidade das relações entre padres novo e idosos ou mais experientes se dá de forma conflitiva. Há muitos presbíteros que fazem das diferenças individuais, oportunidades de crescimento e amadurecimento humanoafetivo. Assuntos como a questão da velhice, da finitude da vida, das limitações do corpo precisam estar na pauta da Pastoral Presbiteral. Segundo Pereira,

a ideia de formar uma grande família com os padres eméritos, os de meia-idade e os mais jovens, interagindo e trocando experiências, compreende algo interessante, já que a vida do sacerdote é uma vida de dedicação, de muita luta, de quase remar contra a maré. Cada qual quer se sentir importante, acolhido para, juntos, trabalharem na evangelização e construção do Reino de Deus.⁴⁰⁵

A diocese necessita preparar-se para proporcionar acolhida e conforto para os padres idosos e doentes, para que continuem se sentindo amados pelos colegas de presbitério. Há que se providenciar: infraestrutura, assistência médica e principalmente calor humano, presença amiga e confortante dos irmãos. Afinal, doaram-se durante toda a vida pela Igreja e ao Reino de Deus, portanto, é obrigação da Igreja particular os amparar, é amor e respeito por um membro da família presbiteral.

O presbítero que se sente acolhido e valorizado, certamente, agirá com ternura e hospitalidade. Na medida em que os presbíteros jovens observam, escutam e partilham suas crises e desafios encontram um olhar amadurecido com novas perspectivas por parte daqueles que chegaram antes, e merecem respeito e inclusão. O conflito de gerações é uma das maiores causas da solidão presbiteral.

3.2.5 A Síndrome de *Burnout*

O presbítero, em suas atividades pastorais, embora se sinta chamado por Deus para uma missão de doar sua vida em prol das pessoas, não está livre da exaustão provocada pelo excesso de trabalho. Não é incomum, encontrar presbíteros cansados, desanimados, estressados e sobrecarregados por atividades. Mais do que estresse, cansaço, desânimo, uma depressão pode estar instalada, ou mais do que isso, o diagnóstico da Síndrome de *Burnout*, que nos casos mais extremos, pode acarretar, até mesmo, o suicídio.

Dados de pesquisa realizada entre 2007 e 2008, nos países do México, Costa Rica e Porto Rico, numa amostra de aproximadamente 900 sacerdotes, Mézerville abordou a Síndrome de *Burnout*, e concluiu que, “três em cada cinco sacerdotes pesquisados experimentavam graus

⁴⁰⁵ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 440-441.

médios ou avançados da síndrome do esgotamento ou *burnout*”.⁴⁰⁶ Para Pereira, a síndrome é uma espécie de “sofrimento psíquico acumulativo, fruto de desgaste orgânico, principalmente nas relações afetivas interpessoais no trabalho, provocado pela exaustão de comportamentos ‘hétero’ ou autoagressivos”.⁴⁰⁷

Não é incomum verificar entre os presbíteros, depois de algum tempo de ordenação, sintomas de desmotivação e esgotamento, somado à desesperança e ao vazio existencial. Percebe-se falta de cuidado pessoal, principalmente com a saúde. De acordo com Pereira, o fenômeno de *Burnout*, possui “elementos de provações éticas importantes para todos os presbíteros e religiosos protagonistas da relação humana: cuidar do outro pressupõe o dever de cuidar de si mesmo e da organização na qual a relação e o cuidado pastoral se expressam”.⁴⁰⁸

Quanto aos sintomas da síndrome de *Burnout*, eles agem no corpo, no comportamento e nos sentimentos dos indivíduos. Como por exemplo, cansaço, cefaleias, dores musculares, insônia, perda do apetite. Em nível comportamental, condutas conflitivas, agressividade, desconcentração, tentativa de suicídio. Emocionalmente, baixa autoestima, ansiedade, irritabilidade, distanciamento das pessoas, atenção seletiva e outros.⁴⁰⁹

Além de elencar sintomas, é preciso prestar atenção nos chamados segredos “não-ditos”. De acordo com Pereira, isso se refere às pessoas “que não tem a quem e nem espaço para dizer do seu sentimento em relação às suas inquietações, angústias sobre o trabalho, saúde, salário, família, os jeitos de fazer, aspirações de promoção e realizações”.⁴¹⁰ A tendência que o presbítero acometido da Síndrome de *Burnout* tem, é a de isolar-se, de guardar para si o que sente e o que lhe preocupa. Segundo Pereira, contribuem para o esgotamento sacerdotal a

sobrecarga de trabalho burocrático e repetitivo, sem criatividade, repleto de frustrações geradas pelo contato com os paroquianos, além de insucessos pastorais, de dificuldades de relacionar-se e conviver com o colega pároco ou vigário. [...] agravado pela baixa autoestima, pelo baixo status da profissão de padre, pela redução do sentido de pertença do presbitério, pelo grave contraste entre os valores pessoais e aqueles exigidos pela instituição da Igreja.⁴¹¹

Dentre muitos outros fatores, a escassez de vocações, faz com que um único presbítero tenha que dar conta de uma infindável diversidade de atividades pastorais e burocráticas, além de conviver com situações que oscilam entre momentos de festa e de alegria, com ocasiões onde

⁴⁰⁶ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 79.

⁴⁰⁷ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 28.

⁴⁰⁸ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 64.

⁴⁰⁹ Cf. MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 51-52.

⁴¹⁰ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 33.

⁴¹¹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 68.

se sobressaem o sofrimento e a morte. Tudo isso, num dia só, ou num mesmo turno. Nesse sentido, Mézerville enumera algumas circunstâncias que colaboram para o esgotamento físico e emocional do presbítero, por exemplo,

perda de tempo em tarefas burocráticas ou administrativas, expectativas irreais, falta de limites no desempenho de funções, ambiguidade de tarefas, falta de controle no trabalho, falta de reconhecimento, carência de experiências desafiadoras positivas e o tipo de supervisão com o qual se conta.⁴¹²

O esgotamento emocional, a despersonalização e a baixa realização pessoal são consequências da Síndrome de *Burnout*, e afetam diretamente o desempenho do ministério sacerdotal, pois atingem toda integridade da pessoa e suas relações. O presbítero despersonalizado tem “atitudes insensíveis e distantes para com os clientes ou beneficiários. Com essa atitude, o sujeito trata de isolar-se a fim de proteger-se do esgotamento emocional, tratando os outros como objeto, mais do que como pessoas”.⁴¹³ O estresse crônico provoca um ‘queimar-se’ no trabalho, serviço ou ministério. Na concepção de Mézerville,

o sacerdote que se consoma no forno de seu próprio esgotamento se torna incapaz de servir aos outros, a não ser que opte por ajudar-se a si mesmo para recuperar a saúde física e mental que perdeu ao cair vítima dessa síndrome. De modo que, longe de ser uma entrega frutuosa, o sucumbir e o “queimar-se” no serviço pastoral se transformam em desperdício de dons e talentos, manifestando-se num sofrimento emocional que está muito longe do plano de Deus para seus servidores.⁴¹⁴

A medida de prevenção quanto ao fenômeno da despersonalização é o estabelecimento de vínculos afetivos sadios e maduros com familiares, presbíteros, religiosos e leigos. Ao presbítero cabe conscientizar-se de que é essencial para o desempenho de seu ministério o equilíbrio entre momentos de solidão, ocasião para descanso, oração e estudo, e a vida relacional, no atendimento às pessoas e serviços comunitários.⁴¹⁵ Segundo o pensamento de Mézerville,

a Solidão prazerosa, a interação afetiva e a missão realizadora se apresentam como meios para alcançar adequado equilíbrio existencial que previna o aparecimento da síndrome, e mais ainda, são metas concretas de crescimento pessoal para que os sacerdotes possam superar o *burnout* que atenta contra uma vida presbiteral plena e satisfatória.⁴¹⁶

⁴¹² MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 50.

⁴¹³ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 54.

⁴¹⁴ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 50.

⁴¹⁵ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 10.

⁴¹⁶ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 11.

O ideal a ser perseguido inclui assumir a missão sacerdotal em plenitude sem sacrificar a saúde física e psíquica, reconhecer limites e carências, e conservar uma sadia autoaceitação, abertura à mudança e ao crescimento. A saber, o presbítero não possui todas as respostas. A ordenação presbiteral não o torna um super-homem. A cuidado integral dos presbíteros, para que sejam sadios e felizes é prioridade da Igreja em sua missão de evangelizar. Conforme Ferreira,

é necessário cultivar no ambiente presbiteral, a virtude da humildade, pois os presbíteros precisam assumir que, apesar da grandiosidade de sua missão, são fracos e incompletos. A humildade faz-nos acolher a nossa própria humanidade: ser limitado não é uma vergonha, e é injusto viver representando aquilo que não se é. A competição (até consigo mesmo) para ser mais aplaudido e mais reconhecido naquilo que faz rouba, naturalmente, o tempo de ser um bom presbítero e de se dedicar mais ao trabalho pastoral.⁴¹⁷

Pereira, ao analisar o sofrimento psíquico dos presbíteros, as interações do clero entre si e com a instituição Igreja, reforça e incentiva o aprofundamento de alguns aspectos que influenciam no exercício ministerial: “espiritualidade, poder, dinheiro, saber, afetividade/sexualidade, vida comunitária presbiteral, as práticas pastorais e os conflitos das novas gerações”.⁴¹⁸

3.2.6 A solidão presbiteral

A solidão é um dos grandes desafios humanoafetivos na vida presbiteral, e consiste numa inarredável condição para quem Deus escolhe consagrar. Assim como o chamado divino ao presbiterato é livre, a solidão também é uma escolha, é a necessidade de retirar-se, escutar-se a si mesmo e a Deus no íntimo do coração. Apesar de ser uma experiência confortante e inspiradora, Nouwen, afirma que, “recolhimento humano é um processo muito doloroso e solitário, porque nos obriga a enfrentar diretamente a nossa própria condição, em toda a sua beleza, bem como em toda a sua miséria”.⁴¹⁹

Diferente do que se imagina, não comporta a identidade do presbítero ser um “solteirão” solitário e abandonado, incapaz de constituir uma família, abrigado na vida presbiteral por falta de opção, por fuga da realidade ou incapacidade psicoafetiva de relacionar-se. Porém, percebe-se, grande dificuldade de equilibrar a experiência de solidão com a abertura à relacionamentos

⁴¹⁷ FERREIRA, Sandro. A vida dos presbíteros sob a ótica dos ENPs: desafios e perspectivas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 286, abril, 2012. p. 302-303.

⁴¹⁸ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sufrimento psíquico dos presbíteros*. p. 135.

⁴¹⁹ NOUWEN, Henri J. M. *O curador ferido*. p. 110.

afetivos saudáveis. Há uma oscilação que vai do isolamento depressivo, compensado, muitas vezes, com o álcool, drogas, e relações virtuais, ou vida dupla, com relações afetivas imorais.

O processo de formação presbiteral tem por intuito proporcionar tanto experiências de solidão mística, como de convivência, estreitamento de laços de amizade e companheirismo. Para Mézerville, o desafio pós-ordenação é manter os vínculos afetivos no presbitério e estabelecer novas relações saudáveis e maduras, a fim de evitar uma vida solitária e isolada.

Como todos os seres humanos, os presbíteros têm necessidade de relações afetivas com pessoas significativas em suas vidas, dado que, após a saída do seminário, muitas vezes os sacerdotes se encontram sozinhos e em meio a ambientes secularizados, onde enfrentam desafios muito difíceis que exigem deles grande esforço para manter sua integridade.⁴²⁰

Quanto à experiência da solidão presbiteral, Pereira afirma que “os novos presbíteros têm dificuldades com a dimensão auto reflexiva. Torna-se angustiante a escuta silenciosa de si mesmo, a espiritual, o estudo e o recolhimento no silêncio apaziguador”.⁴²¹ Entretanto, o enfrentamento da solidão é tarefa para todas as faixas etárias. De acordo com Bingemer, infelizmente, ainda se constata no clero de muitas dioceses, uma terrível e profunda solidão, além da existência de

certos presbíteros diocesanos, com uma carga e um volume brutais de trabalho e sem uma instância comunitária onde possam se expressar livremente, rezar juntos, partilhar suas angústias e alegrias de igual para igual, como irmãos, fraternalmente. Assim, se pode crescer enquanto corpo sacerdotal e quem ganha são não apenas os presbíteros, mas toda a Igreja.⁴²²

A falta de fraternidade no presbitério, a ausência de amizades leigas maduras e a ineficiente formação humanoafetiva são fatores que agravam o sentimento de “sentir-se só”, mesmo em meio à multidão. Desta forma, o sentimento de pertença à família presbiteral é primordial. Santos afirma que,

a consciência de pertencimento a um presbitério tende a levar o ministro ordenado a agir com mais responsabilidade e estar mais atendo ao espírito de comunhão, ao trabalho em equipe, ao senso eclesial, ao apoio mútuo, ao cultivo de amizades, aos ministérios leigos, aos momentos de partilhas, às celebrações em comum, à vida partilhada de oração, ao respeito e reconhecimento mútuo e à fraternidade com o bispo local ou superior etc.⁴²³

⁴²⁰ MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal*. p. 113.

⁴²¹ PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros*. p. 436.

⁴²² BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *O presbítero: ungido, poeta e servidor*. CNBB, Vida e ministério dos presbíteros. São Paulo: Paulus, 2004. p.121.

⁴²³ SANTOS, Jésus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus*. p. 217-218.

A má vivência da solidão presbiteral dá origem a uma série de compensações afetivas. Nas relações pessoais ambíguas, o presbítero preenche sua solidão com relacionamentos amorosos, apego exagerado pelo poder e ao dinheiro. Outra atitude é o isolamento, o fechar-se em si mesmo, numa vivência relacional fria, áspera, insensível e indiferente, com os fiéis de longe e até com os colegas presbíteros que vivem sob o mesmo teto. Segundo Cozzens, falta união, intimidade e comunhão entre os presbíteros, pois “sem uma profunda e autêntica amizade humana, a intimidade com Deus experimentada na oração, nos sacramentos e nas práticas devocionais deixa o espírito ligeiramente fora de equilíbrio”.⁴²⁴

O diálogo e a abertura frente às crises da vida são primordiais para a superação das instabilidades afetivas. A falta de confiança nos irmãos presbíteros ou dificuldades pessoais, contribuem para que o presbítero, diante dos problemas humanoafetivos, se isole e tente resolver por conta própria os impasses. De acordo com Ferreira,

quando acontece tal isolamento, a possibilidade de que este presbítero seja ajudado é muito remota. Se ele tentar resolver sozinho as suas dificuldades, provavelmente demorará muito tempo para superar tais questões ou ainda correrá o risco de enveredar por um caminho errado, ou seja, cada vez mais, mergulhar no problema e encontrar ‘soluções’ não condizentes com sua vida presbiteral.⁴²⁵

A vocação presbiteral contém na sua essência a capacidade de uma solidão saudável, necessária, frutuosa, indispensável para o cultivo da vida interior, experiência de oração, meditação e silêncio. A formação humanoafetiva é indispensável para que o presbítero possa integrar e viver de forma sadia a experiência da solidão que lhe é inerente, pois pertence a sua condição de homem celibatário, consagrado por inteiro.

O cultivo da solidão necessária proporciona ao presbítero estar sozinho sem aflições ou angústias, descobrindo-se, conhecendo-se, sentindo-se, reconstruindo-se como pessoa e ministro do Senhor. A maturidade que retira da solidão o essencial para a vida relacional, faz com que o presbítero pare de encher-se de tarefas e responsabilidades como fuga de si mesmo e de Deus. Segundo Almeida,

o poder ficar sozinho por gosto abre as chances para se estar junto por gosto. Por sermos homens de relações, não precisamos desesperadamente de companhia. É só vivendo esta bendita solidão que cada um descobre as brechas para suas reais identificações. É a condição para o laboratório da própria subjetividade.⁴²⁶

⁴²⁴ COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio*. p. 49.

⁴²⁵ FERREIRA, Sandro. A vida dos presbíteros sob a ótica dos ENPs: desafios e perspectivas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 286, abril, 2012. p. 293-294.

⁴²⁶ ALMEIDA, Dalton Barros de. A pessoa do presbítero como homem de relações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 231 - setembro. 1998, p. 678.

A opção pelo celibato não é a maior causa da solidão presbiteral. Para Nouwen, “nenhum amor ou amizade, nenhum abraço íntimo ou beijo terno, nenhuma comunidade, comuna ou coletividade, nenhum homem ou mulher, poderá jamais satisfazer o nosso desejo de sermos libertos da nossa condição solitária”.⁴²⁷ Nem a intimidade do casamento, nem as amizades são capazes de eliminar a solidão humana. O presbítero quando acolhe a experiência da solidão como espaço de encontro consigo mesmo e com Deus, adquire independência afetiva, no cultivo de um amor íntimo, livre e gratuito.

Ao analisar a dimensão humanoafetiva do presbítero nos ENPs, percebe-se que a caminhada da CNP sempre esteve alicerçada, principalmente na Sagradas Escrituras e no Magistério eclesiástico, bem como que os aspectos que se referem à pessoa e ao ministério pastoral do presbítero estão em consonância com a concepção dos Santos Padres. A preocupação com os critérios humanoafetivos para escolha, admissão, eleição e exercício do presbiterato é uma constante na Palavra de Deus, na Tradição e nos documentos da Igreja.

Além disso, verifica-se que, apesar da Igreja Católica ter mais de dois mil anos, os requisitos e capacidades para aquele que é chamado por Deus à vida presbiteral perpassa toda a história cristã. Embora, as dificuldades e desafios se apresentam no mundo pós-moderno, de forma ainda mais complexa, a Igreja busca, com toda sabedoria e prudência cristã, com o auxílio das ciências humanas, acompanhar, tratar e promover um processo formativo e permanente de amadurecimento humanoafetivo aos vocacionados e aos presbíteros.

⁴²⁷ NOUWEN, Henri J. M. *O curador ferido*. p. 102-103.

CONCLUSÃO

O presente estudo enfocou a dimensão humanoafetiva do presbítero a partir dos instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros no Brasil - ENPs, de 1985 a 2018. Esses encontros buscam, em primeiro lugar, olhar para realidade social, política, cultural e religiosa brasileira e identificar os desafios humanoafetivos que atingem direta e indiretamente a pessoa do presbítero e seu ministério pastoral. À luz da Palavra de Deus, do contexto histórico, do Magistério Eclesial, da Teologia e das Ciências Humanas, e com a predominância do método ver-julgar-agir, os ENPs pretendem conscientizar os presbíteros de sua condição humana e apontar caminhos de amadurecimento humanoafetivo.

Todos os instrumentos preparatórios aos ENPs tratam da dimensão humanoafetiva do presbítero, de forma direta ou indireta. Há uma grande e variada seleção de temas que unem maturidade afetiva, ministério presbiteral e missão eclesial. Dentre os principais aspectos humanoafetivos contemplados pelos ENPs sobressaem-se o tema da identidade presbiteral que abrange a relação com o poder, a afetividade e a sexualidade do presbítero, com destaque para o celibato sacerdotal e a fraternidade e comunhão presbiteral, expressão de cuidado entre os presbíteros.

Primeiramente, os subsídios preparatórios aos ENPs trazem o questionamento: qual o papel específico do presbítero na nova realidade pós-conciliar? Numa Igreja ministerial, o presbítero realiza somente aquilo que lhe é específico: a administração dos sacramentos, especialmente a Eucaristia, a Penitência e a Unção dos Enfermos, a pregação da Palavra de Deus, direção espiritual e a coordenação da comunidade eclesial. A partir do momento em que o presbítero abandona os estereótipos de “funcionário do sagrado”, “burocrata da Igreja”, “empregado da paróquia” recupera e mantém sua identidade verdadeira, sem máscaras, sem teatralização. Uma identidade bem definida gera testemunho de vida cristã, fidelidade à vocação e frutífera pastoral, com a conseqüente, realização pessoal.

O primeiro desafio humanoafetivo exposto pelos ENPs é o presbítero e a relação com o poder, que traz na sua essência imaturidade afetiva que gera inclinação ao clericalismo, ao carreirismo e ao autoritarismo. Os ENPs apontam para uma cristalizada tendência de concentração do poder na pessoa do presbítero que afeta, diretamente, suas relações com o bispo, com os colegas presbíteros e com os leigos. Conflitos com a autoridade superior, clima de competição e rivalidade com os iguais, e supremacia e imponência sobre a comunidade que se subjuga passivamente, são conseqüências que afetam a identidade e intimidade do presbítero, e colocam em risco sua vocação e realização pessoal.

A descentralização do poder presbiteral, como proposta de uma Igreja toda ministerial em que todo cristão é chamado a ser discípulo-missionário, é caminho para que o presbítero redescubra sua identidade que não é estar no centro da ação pastoral mas apontar para o ápice que é Cristo. O papel do presbítero é garantir a unidade da comunidade eclesial na fidelidade ao Evangelho. A centralidade e o ativismo levam ao esvaziamento da missão do presbítero a uma espiritualidade rasa e às relações superficiais. Uma Igreja alicerçada na unidade e na comunhão compartilha responsabilidades e prioriza harmonia entre o clero e o laicato.

O segundo desafio humanoafetivo refere-se à afetividade e à sexualidade do presbítero. O tema com maior ênfase nos ENPs é valorização da opção pelo celibato. Além disso, percebe-se grande preocupação com a intimidade do presbítero, principalmente, na relação com a mulher. Tendo em vista, que os casos de envolvimento com mulheres representam o maior risco de infidelidade e abandono do ministério presbiteral, os ENPs apresentam um caminho de integração afetiva.

O presbítero que tem consciência de sua identidade como vocacionado será capaz de desenvolver sua intimidade nas relações humanas de forma madura e sadia. O agir transparente e verdadeiro previne relações ambíguas, dependentes e doentias. A falta da fraternidade presbiteral abre espaço para o isolamento e a solidão, impondo dificuldades na vivência do celibato. Essa opção, feita por amor a Jesus Cristo e pelo Reino de Deus, é fonte de realização pessoal. O celibato, contudo, acolhido, simplesmente como norma disciplinar eclesiástica, será motivo de infidelidade e infelicidade.

A opção pelo celibato, intrínseca à vocação presbiteral, foi um tema muito recorrente durante toda caminhada dos ENPs. A preocupação da CNP sempre foi de valorizar e fortalecer a vida celibatária, tendo como modelo, Jesus Cristo e a sua consagração ao Reino de Deus. Os presbíteros, contudo, estão imersos numa sociedade hedonista e sexista, que pelos diversos meios de comunicação aponta para o erotismo desenfreado, permeado pela pornografia, pelas relações efêmeras, descomprometidas e superficiais. Os ENPs insistem na formação humanoafetiva, principalmente na vivência sadia e madura da opção pelo celibato, sendo que, aqueles que se julgam incapazes de tal renúncia ou foram considerados inaptos sejam desligados do processo formativo.

A formação humanoafetiva e o constante amadurecimento afetivo integrado, antes e depois da ordenação presbiteral, não é tarefa de um homem só. Os temas referentes à afetividade e sexualidade precisam estar sempre na agenda da Igreja. Isso exige que haja nas dioceses uma equipe formativa, composta pelo bispo, formadores, leigos, mulheres, além de pessoas especializadas, psicólogos e pedagogos. Que seja dado destaque para a disponibilidade do

acompanhamento psicológico, grupal e personalizado, antes, durante e depois do processo formativo, efetivando a importância da psicoterapia para acompanhar casos que revelam distúrbios e desvios afetivo-sexuais.

O terceiro desafio humanoafetivo do presbítero refere-se à fraternidade presbiteral. Os ENPs são oportunidades de conscientização e promoção da Pastoral Presbiteral que visa, sobretudo, ao cuidado dos presbíteros, uns para com os outros. O zelo pela fraternidade presbiteral é capaz de eliminar todo sentimento de competição, de rivalidade, de fazer unidade na diversidade de dons, experiências e conhecimento. São alvo de maior atenção pela Pastoral Presbiteral os presbíteros doentes, os idosos, os desanimados, os perseguidos, os isolados, os recém-ordenados, os moralmente abalados. A solidariedade entre os presbíteros acontece em diversos níveis, na convivência afetiva, na colaboração no serviço pastoral, na dimensão econômica e na comunhão de bens, incluindo momentos de lazer e descanso.

A missão do presbítero-pastor é cuidar do rebanho, amá-lo, dar a vida por ele. Mas quem cuida do pastor-cuidador? Ele mesmo tem a responsabilidade de se cuidar, de zelar por si mesmo, de escutar e sentir seu próprio corpo, respeitar seus limites, proteger-se dos perigos. Toda Igreja é chamada a cuidar de seus presbíteros: os bispos, o presbitério, os leigos. Amai-vos uns aos outros, significa, cuidai-vos uns aos outros.

Apesar de os ENPs apresentarem uma gama diversa de assuntos referentes à dimensão humanoafetiva do presbítero, percebeu-se que alguns temas poderiam ter sido mais aprofundados e que são de suma importância em vista do progressivo amadurecimento afetivo do ministro eclesial. Por exemplo, o uso do dinheiro na vida presbiteral, a homossexualidade, a pedofilia, a Síndrome de *Burnout*, os conflitos intergeracionais e a solidão presbiteral.

O poder aquisitivo familiar e a educação financeira são determinantes para que o futuro presbítero aja de forma saudável e madura na administração dos bens e do dinheiro, tanto os seus próprios quanto os da comunidade. A imaturidade humanoafetiva com o dinheiro tem raízes na busca de segurança, na garantia de afeto, no sentimento de culpa, na autoafirmação e nas carências afetivas. O presbítero burguês possui uma atitude compensatória, que se expressa numa personalidade avarenta, gananciosa, mesquinha, consumista e ambiciosa, que manipula as relações em benefício e satisfação própria.

A homossexualidade como orientação sexual e a pedofilia como um distúrbio sexual são temas que aparecem de forma superficial nos ENPs, pois as ambas temáticas fazem parte do noticiário semanal. Há uma tendência significativa em relacionar os presbíteros homossexuais e os pedófilos com a opção celibatária. O assunto sempre despertou interesse e questionamento pelos presbíteros, porém nunca foi debatido formalmente, e ficou na esfera do

silêncio. Percebe-se pouca abrangência e transparência na discussão sobre a temática da homossexualidade, embora o Magistério eclesiástico demonstre significativa preocupação.

Quanto à pedofilia, a problemática exige, por parte da Igreja, novas atitudes, soluções e abertura de novos caminhos. Faz-se necessário aceitar os fatos e superar os desafios, propor iniciativas concretas quanto às vítimas e seus familiares, bem como aos presbíteros agressores. Não é possível aceitar que as situações se agravem e se perca o controle. Por isso, a Igreja está cada vez mais atenta aos comportamentos de seus ministros eclesiásticos, buscando a raiz do problema, sem falsos pudores, em prol da diminuição do sofrimento de vítimas e presbíteros. Essa postura, teve início com o pontificado de Bento XVI e ganhou maior atenção do Papa Francisco, que propõe enfrentar com coragem os cenários de escândalos na Igreja.

As dificuldades humanoafetivas do presbítero, a escassez de vocações, os escândalos sexuais envolvendo presbíteros, a relação entre vocação presbiteral e homossexualidade, a solidão presbiteral, não possuem como causa a opção celibatária. Portanto, a abolição do celibato não é a solução para todos os problemas humanoafetivos que afligem os candidatos nem os presbíteros. Também não há que se relacionar homossexualidade com pedofilia, as causas são mais profundas e demandam acompanhamento médico, psicológico e espiritual.

O Magistério Eclesial é prudente quanto ao acompanhamento e discernimento das vocações homossexuais, recomenda que cada caso precisa ser analisado com cuidado. Há que se diferenciar entre prática da homossexualidade e tendência homossexual. Se o seminarista se declara homossexual, a ordenação presbiteral é inviável, porém, ao se tratar de uma tendência, se esta for integrada até três anos antes da ordenação diaconal, pode-se permitir a recepção do Sacramento da Ordem. A homossexualidade necessita de um debate sério, profundo e amplo, que seja capaz de vencer o clima de tabu e que almeje dialogar em busca da verdade.

Acredita-se que uma pessoa bem integrada sexualmente com sua homossexualidade possa viver de forma sadia e feliz a opção celibatária, assim como o heterossexual. Resta saber, se, o processo formativo, bem como, os formadores estão preparados suficientemente para acompanhar e discernir a respeito de tais vocações. Os ENPs abordaram muito bem a relação entre o presbítero e o feminino, devido à tendência natural que o homem tem de se sentir atraído pelo sexo oposto em vista da reprodução e da perpetuação da espécie. Porém, faz-se importante também focar a relação do presbítero com outros homens, adolescente e crianças, a título de prevenção, de tratamento e de testemunho evangélico.

A preocupação com a saúde física e psíquica dos presbíteros sempre esteve presente nos ENPs. Porém, com a quantidade de atividades pastorais, com o número reduzido de presbíteros, nem sempre se tem o real equilíbrio entre o ser e o fazer, e o presbítero acaba por adoecer. A

Síndrome de *Burnout ou esgotamento psíquico*, apesar de ser considerada uma enfermidade antiga, de cunho laboral, foi tema de reflexão apenas no 17º ENP. Por isso, sente-se a necessidade de abordá-la com mais intensidade, sendo que os sintomas de cansaço, desânimo, estresse, depressão, vazio existencial estão presentes em quase todos os presbíteros.

Mais do que o abandono do ministério eclesial, o esgotamento gera um sofrimento tão forte que é capaz de resultar numa crise de identidade e de fé, que motiva a pessoa até a desistir de viver. Cabe aos presbíteros olharem-se uns aos outros de maneira diferenciada e especial. Despertar a consciência das próprias limitações, fraquezas e carências é indispensável, para vencer todo tipo de isolamento capaz de atrair relações imaturas e tóxicas, que só geram dependência e vazio existencial.

Como cumprir bem e com amor a missão recebida na ordenação presbiteral de cuidar do rebanho do Senhor, se os presbíteros não se cuidam e não se sentem cuidados por ninguém? Como viver realizado e feliz, se o presbítero percebe que só tem valor enquanto ele trabalha, e corresponde às expectativas e exigências da Igreja e do povo de Deus? Assim como a família é porto seguro de seus integrantes, o presbitério é a casa do cuidado e do amor. O bispo não é patrão nem chefe, é pai espiritual. Os presbíteros não são empregados, nem colegas de trabalho, são irmãos de caminhada.

A mútua ajuda e a cumplicidade se expressam além da repartição de tarefas pastorais e de reunião para resolver problemas diocesanos, mas, sobretudo, no tempo gasto na escuta, no acolhimento, na compreensão e na confiança depositada no outro. O clima fraterno e solidário que busca a comunhão e a unidade depende de todo presbitério. Porém, a iniciativa de abertura e diálogo corresponde a cada presbítero, é decisão pessoal de edificar e fortalecer os vínculos afetivos na nova família que o Sacramento da Ordem o introduz. Do contrário, o presbítero, que optar por uma caminhada paralela, individual e subjetiva, perderá sua identidade presbiteral. Somente se é presbítero em plenitude no seio do presbitério.

Uma das principais dificuldades entre os presbíteros nas dioceses são os conflitos intergeracionais. Não é incomum ver presbíteros jovens atuando pastoralmente ao lado de presbíteros maduros, respectivamente párocos e vigários ou vice-versa. Naturalmente, há incompatibilidade de várias ordens, mas quando há disposição em lançar um olhar amoroso e compreensivo para o coirmão, sem resistências ou preconceitos, é possível unir forças para enfrentar os desafios afetivos e pastorais do dia a dia.

Tanto os ENPs quanto o Magistério Eclesial reforçam o cuidado e a atenção que o presbitério precisa ter para com os recém-ordenados. As impressões dos primeiros anos de presbiterado serão determinantes para o desenvolvimento e amadurecimento humanoafetivo do

presbítero. Os presbíteros jovens necessitam da experiência e do testemunho dos irmãos presbíteros mais velhos, que têm a responsabilidade de acolhê-los e orientá-los a canalizar sua energia criativa e afetiva para o bem das relações humanas. Da mesma forma, os presbíteros mais idosos devem ser respeitados, admirados e compreendidos, pois tiveram uma formação diferenciada da atual, e carecem de ser ouvidos e cuidados pelos mais jovens.

O irmão presbítero, em tese, é a melhor opção para a partilha de vida, de crises afetivas, de frustrações, de desencantos, de cansaço e de estresse. Desenvolver a confiança e a proximidade com os colegas de presbitério é indispensável, afinal, é essa a sua família. Porém, quando não há esse estreitamento de laços, os presbíteros, ou suportam sozinhos a dor e o sofrimento das situações pessoais mal resolvidas e adoecem, ou partilham com pessoas erradas, geralmente, carentes e instáveis emocionalmente. As duas atitudes são prejudiciais.

A solidão mística é condição intrínseca da vida presbiteral. Os ENPs tratam da temática, na maioria das vezes, de forma indireta, atrelada a outros aspectos, como o celibato. A solidão é espaço de tempo reservado pelo presbítero para o cultivo da espiritualidade, mesclando momentos de oração, estudo, reflexão e descanso. Por outro lado, a experiência da solidão presbiteral não pode se transformar em condição de isolamento e individualismo, capaz de gerar doenças, vazio existencial e não realização pessoal. A renúncia do presbítero a ter esposa e filhos, não o impede de estabelecer laços de amizade sincera e madura com os colegas presbíteros e outras pessoas de suas relações, sejam leigos, religiosos e religiosas.

O presbítero é chamado a ser presença e sinal de Jesus Cristo, totalmente homem, totalmente Deus, na vida das pessoas, e ser elo entre o divino e o humano. Sua consagração e doação são estímulo e testemunho para os cristãos viverem o projeto de salvação de Deus de forma autêntica e coerente, realizada e feliz. A identidade presbiteral representa uma questão crucial no processo de realização e maturação do ser humano. A identidade depende da comunhão entre os presbíteros entre si e com o bispo, supõe abertura, diálogo, apoio.

As Sagradas Escrituras, a Patrística e o Magistério são para o presbítero, formando e formador, manual e guia, no itinerário formativo. A meditação e o estudo dos evangelhos e documentos são garantia de uma formação humanoafetiva coerente e sadia. Espera-se que a formação humanoafetiva contemple a realidade social e cultural e suas respectivas transformações, os sinais dos tempos. Embora haja a carência de recursos econômicos para implementar melhores condições de trabalhar a dimensão humanoafetiva, o cuidado físico, psicológico e espiritual não pode ser realizado de forma amadora, caseira. Se assim fosse, a Igreja estaria sendo negligente e irresponsável com as vidas que são colocadas em suas mãos. Por isso, se faz indispensável a preparação humanoafetiva dos formadores, que diante de tantos

desafios, por ausência de conhecimento e de pessoas que possam auxiliar, acabam por fazer “vista grossa” diante de vocacionados imaturos afetivamente, por não saberem o que fazer.

A realização pessoal do presbítero não é sinônimo de acomodação e indiferença no que se refere à realidade complexa e desafiadora que as mudanças sociais do mundo moderno e neoliberal desencadeiam, como, por exemplo, a evasão de fiéis da Igreja e o aumento do número de ateus. O mundo necessita testemunho do presbítero celibatário, isso requer, assumir com maturidade a própria afetividade e sexualidade e viver com serenidade, alegria, essa entrega livre e generosa, por amor e fidelidade a Jesus Cristo e a Sua Igreja.

Os instrumentos preparatórios contêm um vasto e rico acervo de conhecimento que vale a pena retomar, estudar e aprofundar. São contribuições importantes, proferidas por especialistas na área da Teologia e Psicologia, oriundos das mais diversas regiões do país. No entanto, carece de uma melhor organização das publicações. Muitas delas estão sob a forma de livretos, existe apenas uma compilação que reúne do 1º ao 9º ENP que foi publicada e está disponível nas livrarias. O restante dos subsídios encontram-se dispersos, inacessíveis à maioria dos presbíteros. Isso impede que as reflexões cheguem a um número mais significativo de presbíteros em todo o Brasil.

Em suma, o objetivo da formação inicial e permanente é desenvolver um processo humanoafetivo integral, harmonioso e progressivo. Além do suporte das ciências humanas na formação, ressalta-se que a edificação do verdadeiro presbítero se dá sob a dinâmica do Espírito. É somente com os olhos fixos em Jesus Cristo, modelo de humanidade, que o vocacionado obtém plena realização como homem, cristão e presbítero. Os ENPs estão correspondendo às necessidades humanoafetivas dos presbíteros, porém, como se trata de um tema com várias interfaces, há muitos aspectos que precisam ser enfrentados, por exemplo, o celibato opcional e a ordenação de padres casados.

A presente pesquisa não tem pretensão de esgotar o tema, mas despertar e conscientizar os presbíteros e bispos para alguns desafios humanoafetivos, enfrentados nas paróquias e nos seminários, além de apontar perspectivas para iluminar a realidade brasileira, tão diversa e complexa. Ressalta-se a grande contribuição dada pelos ENPs no que se refere à dimensão humanoafetiva dos presbíteros, sempre na busca de apresentar e discutir aspectos atuais da humanidade de seus ministros eclesiais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Dalton Barros de. A pessoa do presbítero como homem de relações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, V. 58. n. 231 – setembro, 1998. p. 671-682.

ANTONIAZZI, Alberto. Construindo a história dos presbíteros no Brasil. *Revista Vida Pastoral*. São Paulo: Paulus. n. 224. Ano 43. Maio-junho de 2002. p. 26-33.

BALDISSERA, Deolino Pedro. *Conhecer-se um desafio: aspectos do desenvolvimento humano*. São Paulo: Paulinas, 2015.

BALLARINI, Teodorico; Danesi, Giacomo; Montagnini, Felice; Ramazzotti, Bruno; STRAMARE, Tarcisio. *Introdução à Bíblia: epístolas do cativo: pastorais, hebreus, católicas, apocalipse*. Petrópolis: Vozes, 1969.

BENELLI, Sílvio José. Operadores totalitários, disciplinares e clericalizantes na formação presbiteral. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes. n. 283, julho, 2011. p. 659-682.

BERGANT, Diane; KARRIS, Robert J. (Org.) *Comentário bíblico: evangelho e ato, cartas e apocalipse*. São Paulo: Loyola, 2001.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2019.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *O presbítero: ungido, poeta e servidor*. CNBB, Vida e ministério dos presbíteros. São Paulo: Paulus, 2004, (Estudos da CNBB, 88).

CENCINI, Amedeo. *A hora de Deus: a crise na vida cristã*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Quando a carne é fraca: o discernimento vocacional diante da imaturidade e das patologias do desenvolvimento afetivo –sexual*. São Paulo: Paulinas, 2006.

CIFUENTES, Rafael Llamo. *Sacerdotes para o terceiro milênio*. Aparecida: Santuário, 2009.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. v. II: 13-28. Petrópolis: Vozes, 2001.

COMISSÃO NACIONAL DE PRESBÍTEROS (CNP). *Memória dos ENP's - 25 anos*. Brasília: CNBB, 2010.

_____. *Presbíteros do Brasil construindo história: instrumentos preparatórios aos Encontros Nacionais de Presbíteros*. São Paulo: Paulus, 2001.

_____. *O presbítero no mundo globalizado*. 10º Encontro nacional dos presbíteros. Brasília: CNP, 2004.

_____. *Missionariedade e profetismo do presbítero à luz do Concílio Vaticano II*. 11º Encontro nacional dos presbíteros. Itaiçuba: CNP, 2006.

_____. *Presbítero: discípulo e missionário de Jesus Cristo na América Latina*. 12º Encontro nacional dos presbíteros. Brasília: CNP, 2008.

_____. *ENPs, 25 anos: celebrando e fortalecendo a comunhão presbiteral*. 13º Encontro nacional dos presbíteros. Brasília: CNBB, 2010.

_____. *A identidade e a espiritualidade do presbítero no processo de mudança de época*. 14º Encontro nacional dos presbíteros. Brasília: CNP, 2012.

_____. *Concílio vaticano II e os presbíteros no Brasil: testemunhas de fé, esperança e caridade*. 15º Encontro nacional dos presbíteros. Aparecida: Santuário, 2014.

_____. *Presbíteros no Brasil: a alegria no anúncio do evangelho*. 16º Encontro nacional dos presbíteros. Aparecida: CNP-CNBB, 2016.

_____. *Presbítero: discípulo do Senhor e pastor do rebanho*. 17º Encontro nacional dos presbíteros. Aparecida: CNP, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

_____. *Presbyterorum Ordinis In: COMPÊNDIO do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1968.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *conclusões de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO: *conclusões de Santo Domingo*. Paulinas: São Paulo. 1992.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE - CELAM (5: 2007: Aparecida). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2007.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Formação dos Presbíteros do Brasil*. Brasília: CNBB, 1995 (Documentos da CNBB, 55).

_____. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2010 (Documentos da CNBB, 93).

_____. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2018 (Documentos da CNBB, 110).

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às Ordens Sacras*, 2005. *Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio*, 2008. Brasília: CNBB, 2010.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Brasília: CNBB, 2013.

_____. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: CNBB, 2017.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do Celam: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo*. São Paulo: Paulus, 2004.

COZZENS, Donald. *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise de alma do sacerdote*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Liberar o celibato*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Silêncio sagrado: negação e crise na Igreja*. São Paulo: Loyola, 2004.

CUCCI, G; Zollner, H. *Igreja e pedofilia, uma ferida aberta: uma abordagem psicológico-pastoral*. São Paulo: Loyola, 2011.

DAVIDSON, MA; Stibbs, A.M; Shedd, Russell P. *O novo comentário da bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FABRIS, Rinaldo. *As cartas de Paulo (III)*. São Paulo: Loyola, 1992.

FAVALE, Agostino. *A formação inicial dos candidatos ao presbiterado*. São Paulo: Palavra & Prece, 2008.

FERREIRA, Sandro. A vida dos presbíteros sob a ótica dos ENPs: desafios e perspectivas. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 286, abril, 2012. p. 276-307.

FRANCISCO, Papa. *Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus*. Brasília: CNBB, 2018 (Documentos Pontifícios, 35).

GODOY, Manoel José de. Presbíteros na década de oitenta. *Revista Vida Pastoral*. n. 196. Ano 38. p. 29-33. Set. - Out. 1997.

GREGÓRIO MAGNO. *Regra Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2010.

GRESHAKE, Gisbert. *Ser sacerdote hoy*. Salamanca: Sígueme, 2006.

JOÃO CRISÓSTOMO. *Sobre o sacerdócio*. Disponível em : <<http://www.cristianismo.org.br/sacerdotio-6.htm>>. Acesso em 16 de set. de 2019.

JOÃO PAULO II, Papa. *Pastores Dabo Vobis: Sobre a formação dos sacerdotes nas circunstâncias atuais*. Petrópolis: Vozes, 1992.

KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2004.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2004.

- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- MARMILICZ, André. *O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática*. Curitiba: Vicentina, 2003.
- MARTINI, Carlo Maria. *Quale prete per la chies adi oggi: come essere efficaci annunciatori del vangelo*. Milano: Indialogo, 2015.
- MENDONÇA, Carlos Bruno de Araújo; Oliveira, José Lisboa Moreira de. *Antropologia da formação inicial do presbítero*. São Paulo: Loyola, 2011.
- MÉZERVILLE, Gaston. *Maturidade sacerdotal e religiosa: a formação para a maturidade*. Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2000.
- MÉZERVILLE, Helena L. de. *O desgaste na vida sacerdotal: prevenir e superar a síndrome de burnout*. São Paulo: Paulus, 2012.
- MOSER, Antônio. Igreja: desafios inusitados. Pedofilia: primeiras reações e interpelações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis: Vozes, n. 247, p. 515-547, julho, 2002.
- _____. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NOUWEN, Henri J. M. *O curador ferido: o ministério na sociedade contemporânea*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Acompanhamento de vocações homossexuais*. São Paulo: Paulus, 2008.
- PAULO VI. *Sacerdotalis Caelibus: sobre o celibato sacerdotal*. São Paulo: Paulinas, 1967.
- PEREIRA, Willian Cesar Castilho. *Sofrimento psíquico dos presbíteros: dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PINTO, Ênio Brito. *Os padres em psicoterapia: esclarecendo singularidades*. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.
- RAHNER, Karl. *El sacerdocio cristiano: en su realización existencial*. Barcelona: Herder, 1974.
- RAMOS, Lincoln. *Epístolas a Timóteo e a Tito*. Rio de Janeiro: Agir, 1957.
- REUSS Joseph. *A primeira Epístola a Timóteo*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- SANDER, Luis Marcos; Brown, Raymond Edward; Fitzmyer, Joseph A; Murphy, Roland E. *Novo comentário bíblico São Jerônimo: novo testamento e artigos sistemáticos*. São Paulo: Academia cristã, 2011.
- SANTA SÉ. *Conscientização e purificação: atas do encontro para a proteção dos menores na Igreja*. Brasília: CNBB, 2019.

SANTOS, Elismar Alves dos; Guareschi, Pedrinho Arcides. Representações sociais da homossexualidade: os ensinamentos do magistério eclesiástico e os dizeres dos seminaristas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 77. n. 306, p. 368-387, jun. 2017.

SANTOS, Jésus Benedito dos. *Pérolas nas mãos de Deus: pastoral presbiteral*. Aparecida: Santuário, 2016.

STORNILO, Ivo. *Como ler os Atos dos Apóstolos: o caminho do evangelho*. São Paulo: Paulus, 1993.

STOTT, John R. W. *A mensagem de Atos: até os confins da terra*. ABU, 2000.

TEPE, Valfredo. *Presbítero hoje*. Petrópolis: Vozes, 1994.

VALLE, Edênio; Benedetti, Luiz Roberto; Antoniazzi, Alberto. *Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004.